UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” — UNESP

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS — FFC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA — PPGFIL

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA — DFIL

GABRIEL RODRIGUES DA SILVA

A CONTRADIÇÃO NA *DOCTRINA DA ESSÊNCIA* DE HEGEL

MARÍLIA, SÃO PAULO

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” — UNESP

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS — FFC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA — PPGFIL

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA — DFIL

GABRIEL RODRIGUES DA SILVA

A CONTRADIÇÃO NA *DOCTRINA DA ESSÊNCIA* DE HEGEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia. Linha de pesquisa: Conhecimento, Ética e Política. Orientador: Prof. Dr. Pedro Geraldo Aparecido Novelli.

MARÍLIA, SÃO PAULO

2023

S586c

Silva, Gabriel Rodrigues da

A contradição na Doutrina da Essência de Hegel / Gabriel
Rodrigues da Silva. -- Marília, 2023

102 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Pedro Geraldo Aparecido Novelli

1. Filosofia. 2. Lógica. 3. Contradição. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Gabriel Rodrigues da Silva

A contradição na *Doutrina da Essência* de Hegel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia. Linha de pesquisa: Conhecimento, Ética e Política. Orientador: Prof. Dr. Pedro Geraldo Aparecido Novelli.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Pedro Geraldo Aparecido Novelli
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências — FFC
Orientador

Prof. Dr. Ricardo Pereira Tassinari
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências — FFC
Titular Interno

Prof^ª. Dr^ª. Michela Bordignon
Universidade Federal do ABC — UFABC
Centro de Ciências Naturais e Humanas — CCNH
Titular Externo

Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — UNESP
Faculdade de Filosofia e Ciências — FFC
Suplente Interno

Prof. Dr. Joãosinho Beckenkamp
Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas — FAFICH
Suplente Externo

Marília, 10 de maio de 2023

Do I contradict myself?

Very well then I contradict myself,

(I am large, I contain multitudes.)

Walt Whitman, *Song of Myself*

(1892)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001¹.

Agradeço à Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP) que, mesmo que por somente um mês (agosto de 2021), me concedeu uma bolsa do Programa de Formação Didático-Pedagógica para Cursos de Modalidade a Distância, possibilitando minha atuação no ensino superior.

Agradeço aos docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), localizada no câmpus de Marília, São Paulo, pelo companheirismo e valoroso ambiente intelectual propiciado.

Agradeço aos membros e pesquisadores do Grupo Hegel e o Idealismo Especulativo – Laboratório Hegel (GHIE–LH) e do Grupo Estudos do Idealismo (GPEI) pelas intensas e profícuas discussões².

Agradeço ao Prof. Dr. Ricardo Pereira Tassinari e a Prof^a. Dr^a. Michela Bordignon, que compõem a banca examinadora, pelos constantes comentários, sugestões e incentivos ao longo da pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno e ao Prof. Dr. Joãozinho Beckenkamp por comporem a banca examinadora como membros suplentes e por se interessarem por esta dissertação.

Agradeço especialmente ao meu orientador, que acompanha meu percurso filosófico desde meados de 2016, Prof. Dr. Pedro Geraldo Aparecido Novelli, pela paciência e dedicação.

¹ Número do processo: 88887.643113/2021-00. Vigência: de 01/09/2021 a 28/02/2023.

² Ambos os grupos são certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e estão sediados na FFC da UNESP, localizada no câmpus de Marília, São Paulo.

Resumo: A pesquisa analisou a contradição na lógica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Para isso, percorremos dois caminhos. O primeiro se deu por meio da exposição lógica de Hegel sobre a contradição, na qual o filósofo desenvolve o sentido e o significado da contradição a partir das noções de identidade, diferença absoluta, diversidade e oposição. Isso ocorre na *Doutrina da Essência*. O segundo caminho se deu por meio do balanço histórico-crítico de Hegel sobre a contradição, onde os locais ocupados pela contradição ao longo da história da filosofia são analisados pelo filósofo. A leitura de Hegel enfatiza principalmente a obra de Aristóteles, Kant e os princípios lógicos, já bastante difundidos na filosofia de sua época. Nosso objetivo foi investigar o modo como Hegel entende a contradição e o nível que ela ocupa em sua filosofia, ou seja, seu sentido e significado. Visando alcançar aquilo que almejamos, permeamos as caracterizações de Hegel sobre a lógica e a metafísica, assim como o domínio de cada esfera lógica (ser, essência, conceito). Ao final, julgamos que para entender adequadamente a contradição em Hegel é preciso entender adequadamente como ele concebe a lógica e a metafísica, pois só assim é possível apreender o caráter verdadeiramente contraditório da contradição.

Palavras-chave: Hegel. Contradição. Lógica.

Abstract: The research analyzed contradiction in the logic of Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). To do so, we followed two paths. The first was through Hegel's logical exposition of contradiction, in which the philosopher develops the meaning of contradiction from the notions of identity, absolute difference, diversity, and opposition, which occurs in the *Doctrine of Essence*. The second path took place through Hegel's historical-critical account of contradiction, where the places occupied by contradiction throughout the history of philosophy are analyzed by the philosopher. Hegel's reading emphasizes mainly the work of Aristotle, Kant, and the logical principles, already widespread in the philosophy of his time. Our goal was to investigate the way Hegel understands contradiction and the level it occupies in his philosophy, that is, its meaning and significance. In order to achieve what we aimed at, we permeated Hegel's characterizations of logic and metaphysics, as well as the domain of each logical sphere (being, essence, concept). In the end, we judge that to properly understand the contradiction in Hegel it is necessary to properly understand how he conceives logic and metaphysics, for only then is it possible to grasp the truly contradictory character of contradiction.

Keywords: Hegel. Contradiction. Logic.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. O que é a <i>Doutrina da Essência</i>?	21
2.1. A caracterização inicial da lógica	22
2.1.1. A lógica em relação a Kant	29
2.2. Do ser para a essência	44
2.3. Da essência para o conceito	47
3. A gênese da contradição na <i>Doutrina da Essência</i>	50
3.1. A identidade	50
3.2. A diferença	53
3.2.1. A diferença absoluta	54
3.2.2. A diversidade	55
3.2.3. A oposição	56
4. A contradição na <i>Doutrina da Essência</i>	66
4.1. Os princípios lógicos em Aristóteles	70
4.2. As proposições lógicas em Hegel	75
5. Considerações finais	88
6. Bibliografia	91
6.1. Bibliografia primária	91
6.2. Bibliografia secundária	93

1. Introdução³

A dissertação que se segue é resultado de uma pesquisa sobre a contradição. O interesse por este tema surge por sua complexidade desafiadora e extrema importância, que perpassa por diversos momentos da filosofia de Hegel. Inicialmente, foi a relação conflituosa entre concepções díspares da contradição que nos instigou. Por um lado, a noção clássica da inveracidade da contradição e, por outro lado, a afirmação de Hegel sobre a veracidade da contradição⁴.

A partir disso, decidimos investigar o significado da contradição em Hegel, nos balizando, sempre que possível, pelo diálogo, ora concordante, ora discordante, com as noções clássicas da lógica. Na pesquisa, focalizamos na lógica de Hegel, pois, apesar de suas múltiplas aparições em partes distintas – na filosofia da história e na filosofia da natureza⁵, por exemplo –, a contradição é fundamentalmente um conceito lógico.

Ao longo do seu percurso filosófico, Hegel conferiu importância fundamental à contradição, afirmando e reafirmando, em diversas obras e trechos, o seu alto valor⁶. Similarmente, estudiosos corroboram as abundantes declarações de Hegel sobre a relevância da contradição, enfatizando a necessidade de estudá-la e compreendê-la adequadamente. Assim, a pesquisa, que visa estudar a contradição na lógica de Hegel, alcançará um ponto nevrálgico, que ecoa por todo seu pensamento.

³ Ao longo da dissertação, fazemos uso das palavras “lógica” (em minúsculo) e “*Lógica*” ou “*Ciência da Lógica*” (em maiúsculo e itálico). A palavra “lógica” foi usada para designar uma parte da filosofia de Hegel, assim como “estética”, “metafísica”, “filosofia da natureza”, “filosofia da história” ou “filosofia da religião”. A palavra “*Lógica*” ou “*Ciência da Lógica*” foi usada para designar a obra (*Wissenschaft der Logik*), assim como “*Fenomenologia*” se refere à *Fenomenologia do Espírito* e “*Enciclopédia*” se refere à *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*.

⁴ Hegel faz uso de duas palavras alemãs que podem significar contradição. A primeira delas é o verbo “Widersprechen”, que significa literalmente falar contra, contradizer algo ou alguém. A segunda é o substantivo “Widerspruch”, que significa propriamente contradição. Cf. INWOOD, 1992, p. 63.

⁵ Cf. NOVELLI, 2021, p. 110.

⁶ Cf. MÜLLER, 2019, p. 123.

Como é sabido, Hegel expõe sua lógica por meio de dois modelos distintos. Tais modelos são conhecidos entre os estudiosos da *Hegel-Forschung* por Grande Lógica (*Die große Logik*) e Pequena Lógica (*Die kleine Logik*)⁷. A Grande Lógica, alcunha da obra *Ciência da Lógica* (*Wissenschaft der Logik*), foi publicada pela primeira vez quando Hegel residia em Nürnberg⁸. Os livros que a compõem, nomeados *A Doutrina do Ser* (*Die Lehre vom Sein*), *A Doutrina da Essência* (*Die Lehre vom Wesen*) e *A Doutrina do Conceito* (*Die Lehre vom Begriff*), foram lançados respectivamente em 1812, 1813 e 1816. Quase vinte anos depois da publicação, em 1831, quando residia em Berlin, Hegel revisou o primeiro livro, isto é, *A Doutrina do Ser*, que foi republicado em 1832⁹. Todavia, os livros restantes, isto é, *A Doutrina da Essência* e *A Doutrina do Conceito*, infelizmente não puderam ser revisados devido a morte de Hegel em novembro de 1831¹⁰.

Já a Pequena Lógica, alcunha do primeiro volume, nomeado *A Ciência da Lógica* (*Die Wissenschaft der Logik*), da obra *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (*Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*), foi publicada pela primeira vez em 1817, quando Hegel residia em Heidelberg. Após isso, duas novas reedições surgiram, ambas datam do período em que Hegel residia em Berlin: A segunda edição foi

⁷ Hegel não se utiliza da nomenclatura Grande Lógica e Pequena Lógica para se referir às suas obras. Tais expressões surgiram após sua morte. Cf. MCTAGGART, 1910, p. 2.

⁸ Informações mais precisas sobre a relação entre o percurso de Hegel pelas cidades onde viveu e o desenvolvimento de sua filosofia podem ser encontradas no livro *Hegel-Handbuch* de Walter Jaeschke, publicado em três diferentes edições em 2003, 2010 e 2016. Também em *Hegel: A Biography* (2000), Pinkard perpassa pelas cidades nas quais Hegel residiu conjuntamente a sua formação filosófica. Mais recentemente, em *Hegel: Der Philosoph der Freiheit* (2019), Vieweg faz trajeto semelhante. O livro de Vieweg encontra-se em processo de tradução para o inglês e para o português e, em breve, deverá ser publicado respectivamente pela Stanford University Press e pela Editora da Universidade de São Paulo.

⁹ Seguimos aqui as datas das publicações conforme estabelecidas pela *Gesammelte Werke* (GW) de Hegel, publicada pela Meiner Verlag. Todavia, é válido lembrar que alguns estudiosos afirmam que os dois primeiros livros da *Ciência da Lógica* foram escritos em 1812, mas apenas o segundo teria sido publicado em 1813. Outros estudiosos afirmam que ambos os livros foram publicados em 1812. Além disso, como evidencia a *Gesammelte Werke*, a *Doutrina do Ser* foi parcialmente revisada por Hegel até 1831 e republicada em 1832, após sua morte. Contudo, alguns estudiosos afirmam que foi publicada ainda em 1831.

¹⁰ Em relação à primeira edição da Grande Lógica, a segunda edição ganhou mudanças substantivas, o que é bastante natural visto a diferença de quase vinte anos. Hegel procurou precisar algumas partes em que as exposições eram curtas e insuficientes, esforçando-se para eliminar quaisquer equívocos. Também acrescentou três novas observações, que se alongam por mais de cem páginas, sobre o infinito matemático e novas abordagens na química. No prefácio à segunda edição, Hegel diz que, se possível, reescreveria a obra múltiplas vezes, devido à dificuldade dos temas ali abordados. Isso evidencia a constante necessidade de revisões. Cf. IBER, 2016, p. 9.

publicada em 1827, dez anos após a edição inaugural, e a terceira e última edição foi publicada em 1830, três anos após a segunda edição¹¹.

A primeira diferença que se nota entre as exposições da Grande Lógica e da Pequena Lógica é justamente a discrepância entre os tamanhos delas¹². Certamente, essa diferença não é apenas quantitativa mas também qualitativa, pois uma exposição mais ampla ou mais reduzida, ainda que de um mesmo conteúdo, pode alterar qualitativamente e, portanto, influenciar diferentemente a experiência de compreensão dos leitores.

Na Grande Lógica, a exposição é mais detalhada, minuciosa e rigorosa. Na Pequena Lógica, o conteúdo é exposto de modo mais sucinto, condensado e assertivo, o que é próprio do caráter enciclopédico almejado por Hegel, que pretendia utilizá-la como uma espécie de manual de ensino para suas aulas. Ao nosso ver, enquanto a exposição da Grande Lógica ganha por sua miudeza e precisão nos detalhes, a exposição da Pequena Lógica ganha na clareza e no emprego de uma linguagem mais compreensível. Logo, o uso conjunto das duas obras, quando possível, é benéfico e essencial aos pesquisadores e interessados. Todavia, em nossa pesquisa, apesar de também utilizarmos a Pequena Lógica, esta se mostrou pouco efetiva para atingir nosso objetivo, visto a ausência do conceito de contradição, tema central da pesquisa, na mesma.

¹¹ Entre a primeira e a segunda edição da Pequena Lógica houve mudanças significativas. Dois motivos podem explicá-las: na primeira edição, Hegel ainda estava delineando e aprendendo os modos mais adequados de se fazer um manual de ensino (objetivo da Pequena Lógica) e, além disso, são dez anos que separam a primeira e a segunda edição, ou seja, muitos novos materiais e ferramentas de análise foram incorporados pelo filósofo. Já em relação à segunda e à terceira edição da Pequena Lógica, houve poucas mudanças, visto que elas estão separadas por apenas três anos e Hegel já havia atingido o auge de sua capacidade intelectual e, conseqüentemente, projetado seu sistema filosófico por completo, sem necessidade de modificações bruscas, mas apenas melhoramentos em partes específicas.

¹² Na edição da Suhrkamp Verlag das obras de Hegel, conhecida entre os estudiosos da *Hegel-Forschung* por *Theorie Werkausgabe* (TWA), a Grande Lógica possui mil e trinta (1030) páginas e a Pequena Lógica trezentos e noventa e três (393) páginas. É válido esclarecer que utilizamos a edição da Suhrkamp, organizada por Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel, como padrão de medida em nossa comparação pois é a única, dentre as edições que consultamos, que mantém os mesmos parâmetros de editoração (a mesma fonte, o mesmo tamanho de folha, o mesmo tamanho de margem, o mesmo espaçamento etc.) para ambos os livros (*Ciência da Lógica e Enciclopédia*). Tal comparação não seria possível a partir das edições brasileiras da *Ciência da Lógica* e da *Enciclopédia*, pois elas divergem em todos os parâmetros apontados acima (fonte, folha, margem, espaçamento etc.), o que é natural, visto que foram publicadas por editoras distintas.

A lógica de Hegel divide-se em uma lógica objetiva (*objektive Logik*) e uma lógica subjetiva (*subjektive Logik*). Destas, ainda decorrem três momentos principais: ser, essência e conceito. Cada um destes possui sua peculiaridade, sua estrutura interna e seu desenvolvimento próprio. Os momentos do ser e da essência são abarcados pela lógica objetiva e o momento do conceito é abarcado pela lógica subjetiva. Na Grande Lógica, Hegel aborda todos esses momentos e divisões em seus livros homônimos, os quais são: *A Doutrina do Ser*, *A Doutrina da Essência* e *A Doutrina do Conceito*. Na Pequena Lógica, os “livros” são subdivisões internas ao livro *A Ciência da Lógica* que, como vimos, é o primeiro volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. Todavia, uma mudança interessante é a ausência, na edição de 1830 da Pequena Lógica, da divisão em lógica objetiva e lógica subjetiva¹³.

A Doutrina da Essência foi selecionada como material central da pesquisa, pois é nela onde Hegel explicita a contradição enquanto conceito. É sabido que a contradição aparece e age em diversos momentos da filosofia e especialmente da lógica de Hegel, mas é na *Doutrina da Essência* que a contradição deixa de ser meramente uma ferramenta que está implícita no processo lógico e se torna objeto central da análise. O local dessa centralidade, a *Doutrina da Essência*, é confirmada por diversos estudiosos da filosofia de Hegel¹⁴.

¹³ No segundo capítulo, levantaremos uma hipótese que pode justificar a ausência da divisão entre lógica objetiva e lógica subjetiva na edição de 1830 da Pequena Lógica. Cf. p. 25 desta dissertação.

¹⁴ Cf. PIPPIN, 1978, p. 302-303; BOLE, 1987, p. 515; LONGUENESSE, 2007, p. 39; DE BOER, 2010A, p. 346; BORDIGNON, 2015, p. 133; MÜLLER, 2019, p. 126.

Apesar de estar presente direta e indiretamente em múltiplos momentos de sua filosofia, desde seus primeiros esboços¹⁵, perpassando sua tese de habilitação¹⁶, até suas últimas obras, a contradição, enquanto estrutura lógica, é explicitada por Hegel, de modo sistemático e preciso, no segundo capítulo, nomeado “As essencialidades ou as determinações de reflexão” (“Die Wesenheiten oder die Reflexionsbestimmungen”), da primeira seção, nomeada “A essência como reflexão dentro dela mesma” (“Das Wesen als Reflexion in ihm selbst”), da *Doutrina da Essência*. Lá, Hegel afirma:

‘Todas as coisas são em si mesmas contraditórias’, e precisamente no sentido de que essa proposição, frente às demais, exprime, antes, a verdade e a essência das coisas. (HEGEL, 2017, p. 87).

A citação acima é uma das mais importantes e, concomitantemente, uma das mais obscuras que se encontra na *Ciência da Lógica*¹⁷. Ela resume o problema que move a pesquisa. A partir dela, Hegel parece opor-se à tradição da lógica que prevalecia desde a antiguidade¹⁸, pois além de afirmar que existem contradições verdadeiras¹⁹, contrariando, aparentemente, o princípio da não contradição, o que por si só já causa estranheza²⁰, ele

¹⁵ Brauer distingue empregos variados da contradição em Hegel. Em suas palavras: “Expressões como *negação*, *negação da negação* e *contradição* têm um significado ambíguo em Hegel. Por um lado, elas são entendidas no sentido usual. Afinal, Hegel expõe seus pensamentos com afirmações positivas e negativas, e o princípio da contradição permanece decisivo para sua concepção de crítica e análise filosófica. Por outro lado, eles têm um sentido técnico. Ele vê a contradição e a negação da negação como características constitutivas da identidade de um sujeito.” (BRAUER, 1995, p. 104, itálico do autor, tradução nossa). No idioma original: “Ausdrücke wie *Negation*, *Negation der Negation* und *Widerspruch* haben bei Hegel eine zweideutige Bedeutung. Auf der einen Seite werden sie im üblichen Sinne verstanden. Hegel exponiert ja seine Gedanken mit positiven und negativen Aussagen und das Widerspruchsprinzip bleibt für seine Auffassung der Kritik und der philosophischen Analyse maßgeblich. Auf der anderen Seite haben sie einen technischen Sinn. Widerspruch und Negation der Negation werden bei ihm als konstitutive Wesenszüge der Identität eines Subjekts gesehen.” (BRAUER, 1995, p. 104, itálico do autor).

¹⁶ Cf. HEGEL, 2012B.

¹⁷ Cf. PIPPIN, 1978, p. 309.

¹⁸ Cf. KNEALE; KNEALE, 1962, p. 23.

¹⁹ Cf. BOURGEOIS, 2000, p. 20-21.

²⁰ Taylor afirma que o fato de Hegel negar o princípio da não contradição parece algo maluco. Cf. TAYLOR, 1975, p. 262. Bordignon escreve que, ao afirmar que as coisas são em si mesmas contraditórias, “Hegel traz para o debate filosófico uma tese escandalosa, revolucionária e altamente ambiciosa.” (BORDIGNON, 2015, p. 21, tradução nossa). No idioma original: “Con queste parole Hegel mette in campo nel dibattito filosofico una tesi scandalosa, rivoluzionaria e altamente ambiziosa.” (BORDIGNON, 2015, p. 21).

reforça que a contradição ocupa um lugar central em sua filosofia²¹. Na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*, Hegel escreve:

Quando em qualquer objeto ou conceito for mostrada a contradição - e, por toda a parte, *não há absolutamente nada* em que não possa e não deva ser mostrada a contradição, isto é, determinações opostas: o abstrair do entendimento é o fixar-se à força em *uma* só determinidade, é um esforço de obscurecer e de afastar a consciência da outra determinidade -, quando pois tal contradição é reconhecida, costuma-se fazer a conclusão: “Logo este objeto é *nada*”. (HEGEL, 2012A, p. 185, §89, itálico do autor).

Em geral, o que move o mundo é a contradição; e é ridículo se dizer que a contradição não se deixa pensar. (HEGEL, 2012A, p. 236, §119, Z2).

Ainda que deva ser investigada minuciosamente, pois, quando tomada isoladamente, inúmeras interpretações podem ser suscitadas delas, as citações acima exprimem, mais uma vez, a importância da contradição para a filosofia de Hegel. A partir delas, entende-se, em um primeiro momento, que há, em sua filosofia, a necessidade da contradição para a compreensão da verdade e da essência das coisas²². Segundo Bordignon:

Contradição e verdade, no pensamento hegeliano, constituem um par inseparável. Não só porque a contradição é uma maneira de entrar na verdade; não só porque o reino da verdade envolve o desdobramento das contradições às quais o intelecto permanece enredado em sua pretensão de dizer o verdadeiro em abstrato. Tudo isso está certamente presente no discurso de Hegel. Mas o que esse discurso nos convida a pensar é algo cada vez mais radical: a ideia de que o verdadeiro está em sua estrutura básica de contradição, que pensar a verdade, na medida em que isso significa pensar a coisa, significa pensar a contradição, significa reconhecer a contradição que vive no próprio coração da coisa. (BORDIGNON, 2015, p. 216, itálico da autora, tradução nossa)²³.

²¹ Cf. HORSTMANN, 2009, p. 205-206. Ao longo de sua obra *Hegel* (1975), Taylor ressalta constantemente a importância da contradição na lógica hegeliana, o termo “contradição” aparece em vários momentos da mesma, especialmente no capítulo “Part III: Logic”.

²² Cf. FERRER, 2016, p. 88; HEGEL, 2016, p. 59.

²³ No idioma original: “*Contraddizione e verità*, nel pensiero hegeliano, costituiscono un binomio inscindibile. Non solo perché la contraddizione è una via di accesso al vero; non solo cioè perché l’ambito della verità implica lo svelamento delle contraddizioni cui l’intelletto rimane impigliato nella sua pretesa di dire astrattamente il vero. Tutto questo è certo presente nel discorso di Hegel. Ma quello che quel discorso ci invita a pensare è qualcosa di più e di più radicale: l’idea che il vero sia nella sua struttura di fondo contraddizione, che pensare la verità, nella misura in cui questo significa pensare la cosa, significa pensare la contraddizione, significa riconoscere la contraddizione che abita nel cuore stesso della cosa.” (BORDIGNON, 2015, p. 216, itálico da autora).

Assim, é preciso definir objetivamente o significado da contradição²⁴. É preciso encará-la e pensar através dela ao invés de deixá-la estagnar o fluxo de nosso pensamento. Hegel afirma que as coisas em si mesmas são contraditórias. Ou seja, a contradição é uma estrutura lógica que está presente nas coisas em si mesmas, determinando-as²⁵.

Como se verá, a contradição é ainda melhor compreendida em seu sentido e significado na medida em que se considera a lógica para Hegel²⁶. A concepção de lógica de Hegel é bastante complexa e muito diferente das concepções de outros filósofos que o antecederam historicamente. A citação exposta alguns parágrafos acima anuncia a mudança paradigmática pretendida. Para ele, a lógica é a ciência do pensar puro²⁷, constituída a partir do pensar pensando a si mesmo²⁸. Assim, o conteúdo da lógica é o próprio pensar e suas determinações²⁹. De acordo com Novelli:

²⁴ Sabemos que, nesta dissertação, optamos por uma leitura de qual é o sentido e o significado da contradição na lógica de Hegel. Esperamos que nossa leitura seja coerente, interessante e o mais próximo possível do que é o “verdadeiro Hegel”. Todavia, é imprescindível recordar que na *Hegel-Forschung*, e mesmo para além dela, existem diferentes escolas, leituras e interpretações. Logo, é natural que o conceito de contradição em Hegel seja, quando analisado sob o ângulo dos estudos hegelianos, polissêmico, possuindo múltiplos significados. Pensamos que isso é natural em qualquer exposição, a linguagem quase sempre é ambígua e possibilita leituras distintas. O próprio conteúdo possibilita a multiplicidade de leituras, a exposição não é unívoca. Contudo, entendemos que a diversidade de leituras enriquece o hegelianismo, amplia e fomenta a pesquisa e o debate. Para entender, em detalhes, as principais interpretações da contradição em Hegel, sugerimos o esquema desenvolvido por Illetterati em *Contradictio regula falsi? Intorno alla teoria hegeliana della contraddizione* (2010) e *Limit and Contradiction in Hegel* (2015). O esquema foi aprofundado por Bordignon em *Ai Limiti della Verità: il problema della contraddizione nella logica di Hegel* (2015), o qual recomendamos fortemente a leitura. Nele, a autora apresenta e analisa três diferentes interpretações sobre a contradição na lógica de Hegel: a contradição metafórica, a contradição como erro do entendimento e a contradição ontológica. Cf. BORDIGNON, 2015, p. 27-57. Podemos encontrar discussão parecida no livro *La contraddizione in Hegel* (1978) de Landucci. Cf. LANDUCCI, 1978, p. 43-46. Em *Hegel on Possibility: Dialectics, Contradiction, and Modality* (2020), Brown apresenta muito brevemente seis distintos modos de qualificar a contradição em Hegel. Cf. BROWN, 2020, p. 75-81.

²⁵ Cf. BOURGEOIS, 2000, p. 20; FERRER, 2016, p. 102.

²⁶ A exposição da lógica de Hegel ocorre segundo determinações ou conteúdos categoriais do pensar e, quase sempre, de forma tripartida. Primeiramente, estas divisões aparecem como ser, essência e conceito. Na *Doutrina do Ser*, encontramos a qualidade, a quantidade e a medida. Na *Doutrina da Essência*, encontramos a essência, o aparecimento e a efetividade. Na *Doutrina do Conceito*, encontramos a subjetividade, a objetividade e a ideia. Dentro de cada uma destas seções encontramos ainda mais subdivisões. Cf. FERRER, 2016, p. 90; FERRER, 2016, p. 95. McTaggart denomina a primeira tríade (ser, essência e conceito) de categorias primárias e suas divisões imediatas (qualidade, quantidade e medida, no caso da *Doutrina do Ser*; essência, aparecimento e efetividade, no caso da *Doutrina da Essência*; subjetividade, objetividade e ideia, no caso da *Doutrina do Conceito*) de categorias secundárias, adicionando categorias terciárias e assim por diante. Cf. MCTAGGART, 1910, p. 4.

²⁷ Cf. HEGEL, 2016, p. 63.

²⁸ Cf. BURBIDGE, 2014, p. 106; FERRER, 2016, p. 9.

²⁹ Cf. FERRER, 2016, p. 91.

Para propiciar uma alternativa ao enquadramento do senso comum, Hegel escreve e publica a *Ciência da Lógica*. Pelo alcance que essa obra pretende ter, Hegel procura fiar-se ao seu objetivo constante, que é o de atingir o todo. Sua perspectiva busca ser a mais ampla possível. Com a sua *Lógica*, Hegel pretende compreender a estrutura do real que geralmente é vista contraposta ao pensar que a considera. Ordinariamente, o pensar serve-se de conceitos para abordar o real, mas, para Hegel, os conceitos são o real. O pensador alemão ainda entende que a universalidade do conceito não lhe atribui uma desvinculação dos conteúdos sensíveis. (NOVELLI, 2021, p. 102).

A contradição está presente, explícita e implicitamente, em momentos diversos da filosofia de Hegel, mas, apesar do nosso interesse amplo pela contradição, a pesquisa não se debruça sobre a contradição em todas suas aparições e, conseqüentemente, em toda sua amplitude³⁰. Pensamos que uma pesquisa desse calibre demandaria mais anos de estudo, extensão e intensidade, não cabendo a uma dissertação de mestrado³¹.

Como dissemos acima, a Grande Lógica foi selecionada como material base da pesquisa, pois o conceito de contradição não é explicitado na Pequena Lógica. Na lógica da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*, há a identidade, a diferença e o fundamento. A contradição, que seria justamente o momento entre a diferença e o

³⁰ Precisar o significado geral da contradição, em toda a filosofia de Hegel ou mesmo em sua lógica, não é tarefa fácil. Contudo, nossas investigações, ainda iniciais, caminham para uma noção ampla da contradição, visto que esta não parece agir de um único modo ao longo da lógica de Hegel. Em seu livro *Ai Limiti della Verità: il problema della contraddizione nella logica di Hegel* (2015), entendemos que Bordignon também abre margem para essa possibilidade de leitura. Em uma passagem de sua obra, Bordignon dá a entender que as diferentes interpretações sobre a contradição na lógica de Hegel não são apenas interpretações exteriores, mas sim diferentes significados que a própria contradição *assume* dentro do sistema lógico de Hegel. Assim, entendemos que as interpretações não apenas brigam entre si para se estabelecerem como a leitura verdadeira e correta, mas podem ser incluídas em um significado amplo de contradição que se desenvolve ao longo da *Ciência da Lógica*. Apesar de haver preponderância em relação a um significado específico da contradição (ontológico), ainda parece possível que a contradição *assuma* significados distintos de acordo com os momentos lógicos no qual se encontra. Nas palavras de Bordignon: “Mais especificamente, no primeiro capítulo analisarei os três principais significados que o conceito de contradição assume dentro do sistema lógico hegeliano: o significado metafórico, o crítico-negativo e o significado ontológico. Mostrarei, portanto, como o sentido que caracteriza peculiarmente a concepção hegeliana de contradição – e com o qual é preciso lidar – é o sentido ontológico.” (BORDIGNON, 2015, p. 35, tradução nossa). No idioma original: “Più in particolare, nel primo capitolo analizzerò i tre principali significati che il concetto di contraddizione assume all’interno del sistema logico hegeliano: il significato metaforico, quello critico-negativo e il significato ontologico. Mostrerò quindi come il significato che caratterizza in modo peculiare la concezione hegeliana della contraddizione – e con cui è necessario fare i conti – sia quello ontologico.” (BORDIGNON, 2015, p. 35).

³¹ Paralelamente à pesquisa, investigamos a contradição em alguns momentos específicos da lógica de Hegel, para além de sua exposição na *Doutrina da Essência*. Por conta do recorte proposto, esses momentos específicos não serão abordados nesta dissertação. Cf. SILVA, G. R. Do finito ao (mau) infinito, e além: um estudo da contradição entre finitude e má-infinitude e sua resolução como verdadeira infinitude na *Ciência da Lógica* de Hegel. In: BAVARESCO, A.; JUNG, J. H. S.; TAUCHEN, J. (Orgs.). *Ser e Ser aí – Finitude & Infinitude: Realidade e Idealidade*. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2021, p. 183-195; SILVA, G. R. A contradição no ser para si. In: BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. S. H. (Orgs.). *Ser para si: dialética entre idealidade e realidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. p. 71-87.

fundamento, é inexistente. A causa dessa divergência entre a Grande Lógica e a Pequena Lógica permanece incerta para nós, pois não investigamos precisamente os pormenores de cada um destes modelos expositivos (Grande Lógica e Pequena Lógica). Todavia, a falta da contradição na Pequena Lógica também é ressaltada por estudiosos da filosofia de Hegel³².

Em relação ao material da pesquisa, nós o dividimos em duas partes: a bibliografia primária e a bibliografia secundária. A primeira parte é composta pelas obras de Hegel, especialmente aquelas que se dedicam diretamente ao conteúdo abordado pela pesquisa, como a Grande Lógica. A segunda parte é composta pelas obras de filósofos referenciados por Hegel, por exemplo, Immanuel Kant (1724-1804), e pelas obras de pesquisadores, estudiosos e especialistas na filosofia hegeliana, que apresentam, analisam e discutem, em graus maiores ou menores, o conteúdo abordado pela pesquisa.

Em relação à bibliografia primária, fizemos uso de diferentes edições em diferentes idiomas. Priorizamos os idiomas alemão e português. Quando necessário, recorremos aos idiomas inglês, espanhol, francês e italiano. Assim, quando preciso, comparamos as principais passagens e os principais conceitos de acordo com cada um dos idiomas, buscando as possíveis divergências e convergências. Em relação à bibliografia secundária, privilegiamos o uso das edições originais (nas leituras) e, quando preciso (para citações), recorremos às diversas traduções das mesmas.

A bibliografia secundária engloba tanto as obras clássicas, que se firmaram no campo da *Hegel-Forschung*, quanto obras recém-lançadas. No decorrer da pesquisa, novas obras foram adicionadas à bibliografia secundária. Buscamos abranger o maior número possível de diferentes interpretações sobre a filosofia de Hegel. Tal pluralidade possibilitou tanto o conhecimento histórico da tradição estabelecida quanto o diálogo com as discussões contemporâneas. Procuramos comparar as múltiplas compreensões sobre a lógica de Hegel e, mais rigorosamente, as múltiplas compreensões sobre a contradição, analisando-as e

³² Cf. DE BOER, 2010A, p. 350; HEGEL, 2012A, p. 227-242, §115-122.

interpretando-as através de uma leitura consistente e organizada. Desse modo, progressivamente, fortalecemos, corroboramos e estabelecemos as nossas próprias interpretações sobre o objeto pesquisado.

Inicialmente, a partir da bibliografia secundária, a pesquisa investigou os léxicos, dicionários e vocabulários especializados na filosofia de Hegel que estão disponíveis ao público³³. Com isso, mapeamos, discernimos e precisamos os conceitos chaves que são empregados por Hegel³⁴. Especialmente aqueles conceitos que nomeiam os capítulos, seções e subseções estudadas. Logo após, munidos com uma visão condensada, mas geral, sobre o assunto em questão, passamos à investigação da bibliografia primária, sempre ao lado da bibliografia secundária.

Sabemos que a literatura especializada sobre Hegel é enorme, sendo impossível conhecê-la integralmente. Logo, procuramos nos balizar nas obras mais referenciadas, mencionadas e difundidas. Também o idioma pode ser e foi, em alguns momentos, um empecilho para a pesquisa. Sabemos que estas questões não deveriam influenciar o rigor científico, mas infelizmente influenciam. De modo geral, é complicado priorizar o estudioso y ao invés do estudioso z de antemão, sem lê-los previamente. Então, a bibliografia secundária sempre será balizada por preferências de idioma, interpretação, escrita, acesso, entre outras

³³ Infelizmente não conseguimos consultar o *Hegel-Lexikon* (1957) de Glockner. De acordo com nossa investigação, esta foi a obra pioneira nesse quesito. Apesar das críticas de Pöggeler (1960, p. 49-52), pensamos que a obra de Glockner poderia nos ajudar na precisão conceitual almejada. Ao menos, pensamos que poderia nos ajudar a esboçar quais são algumas das diferentes compreensões existentes na ampla literatura especializada sobre o assunto.

³⁴ Sabemos que para estudar e entender a obra de Hegel adequadamente é necessário estudá-la em seus detalhes e pormenores, o que exige muita dedicação. Também sabemos que a exposição sucinta, assertiva e dicionarizada da filosofia de Hegel pode não ser o modelo mais condizente para expô-la, visto que esta caracteriza-se por seu caráter sistêmico, orgânico e processual. Assim, escrever sobre a filosofia hegeliana é reescrevê-la abrangentemente, pois cada uma de suas partes dialoga com o todo. Portanto, esclarecemos que com nossa análise dos léxicos, dicionários e vocabulários não pretendemos acatá-los livremente e fundamentarmos neles sem qualquer problematização, mas tratá-los criticamente, comparando-os com as próprias obras de Hegel. Além disso, apesar do caráter dicionarizado dos léxicos, dicionários e vocabulários que utilizamos, que podem simplificar e fixar a filosofia de Hegel, o que, por sua vez, é problemático, seus autores, por outro lado, são pesquisadores bastante conhecidos e respeitados pela comunidade acadêmica internacional, como ficará claro nas próximas páginas.

características. Assim, a ausência de obras não significa sua irrelevância, mas sim a falibilidade do pesquisador.

Os capítulos e os subcapítulos que constituem a dissertação foram elaborados a partir dos estudos de partes específicas da lógica de Hegel, apoiando-se também em partes de outras obras suas e com o auxílio de obras que compõem a bibliografia secundária.

2. O que é a *Doutrina da Essência*?³⁵

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar o que é a *Doutrina da Essência*. Para isso, é claro, será necessário expor de modo geral o significado de cada um dos momentos da lógica de Hegel e como eles se relacionam. Contudo, o enfoque será no papel exercido pela *Doutrina da Essência* na *Ciência da Lógica* de Hegel. Esse esclarecimento se faz necessário por conta dos conteúdos que serão apresentados e analisados nos próximos capítulos. Ou seja, para compreender a gênese da contradição na *Doutrina da Essência* – objetivo do terceiro capítulo – e a contradição na *Doutrina da Essência* – objetivo do quarto capítulo –, é preciso compreender o que é a *Doutrina da Essência* – objetivo deste segundo capítulo.

Aqui, desejamos responder brevemente três questões: (1) o que são e como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva), (2) o que são e como se relacionam os três momentos da lógico (ser, essência e conceito) e (3) como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva) com os três momentos do lógico (ser, essência e conceito). Para respondê-las, selecionamos algumas seções cruciais da *Ciência da Lógica* de Hegel.

Nossa análise balizou-se principalmente por seções que abrem e fecham os momentos do ser, da essência e do conceito, pois, enquanto seções que transicionam, elas revelam mais explicitamente os locais ocupados por cada um dos momentos. Assim, nessas seções de passagens, almejamos encontrar as exposições que evidenciam os níveis em que cada um destes momentos se encontra. Todavia, é preciso ressaltar que o objetivo central desta

³⁵ Partes do capítulo que se segue foram publicadas inicialmente em forma de capítulos de livros. Aqui, os conteúdos foram usados parcialmente e modificados quando preciso. Cf. SILVA, G. R. Ser e pensar: interseções entre lógica, metafísica, Fenomenologia do Espírito e Ciência da Lógica. In: DA ROSA, B. J.; COSTA, A. C. R. JUNG, J. H. S.; SOUZA, M. H. (Orgs.). *XXI Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, Vol. 3: Filosofia Moderna, Hegel, Marx, Filosofia Política*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021, p. 97-109; SILVA, G. R. “Reich des reinen Gedankens” e “Reich der Schatten”: lógica e metafísica na Introdução da Ciência da Lógica de Hegel. In: BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. H. S. (Orgs.). *Lógica do Ser de Hegel: Prefácios, Introdução e Início*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 127-145; [no prelo]: SILVA, G. R. A Doutrina da Essência na lógica de Hegel. In: *XVI Seminário de Pesquisa na Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*. São Carlos: 2023.

dissertação não é fazer um estudo aprofundado dos momentos lógicos na lógica de Hegel, o que demandaria uma extensa pesquisa à parte, mas apenas elucidar o momento da essência em relação aos outros, visto que será nele que os próximos capítulos centrar-se-ão.

2.1. A caracterização inicial da lógica

No “Prefácio à primeira edição” (“Vorrede zur ersten Ausgabe”) da Grande Lógica, assinado no dia 22 de março de 1812, existe apenas uma única menção à divisão da lógica. Tal menção encontra-se no último parágrafo. Lá, Hegel afirma que a lógica divide-se em dois volumes. O primeiro deles, constitui-se pela *Doutrina do Ser*, que acabava de ser publicada, e pela *Doutrina da Essência*, considerada a segunda seção do primeiro volume, ainda não publicada (viria a ser publicada somente no ano seguinte, em 1813), mas já estava presente no horizonte de Hegel. Apesar de Hegel não nomear esse primeiro volume (constituído pela *Doutrina do Ser* e pela *Doutrina da Essência*), sabemos que se trata da lógica objetiva. O segundo volume, por sua vez, afirma Hegel, conterá a lógica subjetiva, nomeada *Doutrina do Conceito*. Todavia, nesse prefácio, não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva³⁶.

Também no “Prefácio à segunda edição” (“Vorrede zur zweiten Ausgabe”) da Grande Lógica, assinado no dia 7 de novembro de 1831, Hegel não faz qualquer menção à divisão de sua lógica e, conseqüentemente, não há qualquer elucidação sobre o que justifica a divisão da lógica em seus três momentos (ser, essência e conceito). Desse modo, nesse prefácio, também não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva³⁷.

³⁶ Cf. HEGEL, 2016, p. 29.

³⁷ Cf. HEGEL, 2016, p. 43.

Portanto, fica evidente, que ambos os prefácios – tanto da primeira quanto da segunda edição – não fornecem material suficiente para uma análise apurada sobre o objeto de nosso interesse.

A “Introdução” (“Einleitung”) da *Ciência da Lógica*, por sua vez, divide-se em duas partes: “Conceito geral da lógica” (“Allgemeiner Begriff der Logik”) e “Divisão geral da lógica” (“Allgemeine Einleitung der Logik”). A primeira parte é consideravelmente maior, possuindo trinta e nove parágrafos, enquanto a segunda parte possui apenas dez parágrafos³⁸. Como os próprios títulos já esclarecem, a primeira parte apresenta o conceito da lógica e a segunda parte apresenta sua divisão.

Na primeira parte, Hegel não faz qualquer menção à divisão de sua lógica e, conseqüentemente, não há qualquer elucidação sobre o que justifica a divisão da lógica em seus três momentos (ser, essência e conceito). Também, nessa primeira parte, não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em objetiva e subjetiva.

Logo no início da segunda parte, Hegel nos lembra que a divisão da lógica que será indicada nas próximas páginas deve ser considerada apenas como uma indicação prévia, visto que apenas o conteúdo próprio da lógica pode justificar cientificamente e, portanto, verdadeiramente a divisão dessa ciência. Assim, Hegel é capaz de nos indicar a divisão da lógica pois, segundo o próprio, ele já percorreu o caminho dessa ciência e sabe seu percurso e resultado. Contudo, essa indicação não deve ser considerada cientificamente, mas historicamente. Ou seja, é uma divisão prévia que visa elucidar e fornecer uma visão geral aos leitores, mas não propriamente uma demonstração do conteúdo e do seu desenvolvimento³⁹.

Assim, a introdução não pode e não pretende fundamentar o seu conteúdo proposto, isto é, o conceito geral da lógica e sua divisão geral. Pois, enquanto uma introdução, ela é

³⁸ Originalmente, a obra não é dividida em parágrafos, mas usamos esse recurso para facilitar o processo de localização dos conteúdos e a comparação dos mesmos entre as diversas edições que consultamos.

³⁹ Cf. HEGEL, 2016, p. 45.

capaz apenas de apresentar algumas explicações prévias, que visam somente introduzir os leitores aos conteúdos.

Em diversos parágrafos da introdução, Hegel faz a distinção, ainda que um pouco implícita, entre uma espécie de conhecimento histórico, discursivo, argumentativo e um conhecimento cientificamente fundamentado⁴⁰. A introdução encaixa-se no primeiro deles, ou seja, ao longo dela, Hegel tece algumas alegações, elucidaciones e reflexões que visam auxiliar os leitores no processo de compreensão do conteúdo, mas ainda de modo exterior à própria coisa. Hegel não almeja justificar a verdade do conteúdo que está afirmando a partir destas alegações, elucidaciones e reflexões. A verdade é justificada apenas ao longo do seu próprio percurso de exposição. Nas palavras de Hegel:

De acordo com esse método, lembro que as divisões e títulos dos livros, das seções e dos capítulos, que são indicados na obra, bem como, de certa maneira, os esclarecimentos que a eles estão relacionados, foram feitos com o propósito de um panorama prévio e que apenas têm valor histórico. Eles não pertencem ao conteúdo e ao corpo da ciência, mas são compilações da reflexão exterior que já percorreu o todo do tratamento, portanto, já sabe de antemão a sequência de seus momentos e os indica antes mesmo de eles se originarem por meio da própria Coisa. (HEGEL, 2016, p. 58).

Após esclarecer a função de uma introdução, Hegel prossegue e afirma que a oposição da consciência – entre um ente que é subjetivamente por si e um ente que é objetivamente por si – é superada na ciência lógica. Nas suas palavras: “O ser é sabido como conceito puro em si mesmo e o conceito puro é sabido como o ser verdadeiro.” (HEGEL, 2016, p. 63). Hegel considera que esses – o ser como conceito puro e o conceito puro como ser – são os dois momentos contidos e inseparáveis do lógico. Aqui, ele começa a delimitar a divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.

Segundo Hegel, com o desenvolver da ciência lógica, esses momentos – o ser como conceito puro e o conceito puro como ser – se mostram como momentos do conceito inteiro

⁴⁰ Distinção similar pode ser encontrada já nas obras de Kant.

(ganze) e, portanto, o que há, na verdade, é o desdobramento do conceito enquanto ser e o desdobramento do conceito enquanto conceito. Ou seja, o desdobramento do conceito que é e o desdobramento do conceito *enquanto tal*. No primeiro momento, o conceito é em si. No segundo momento, o conceito é para si, mas sem perder o em si que fora determinado anteriormente⁴¹.

Entendemos que as noções de *conceito enquanto ser* e *conceito enquanto conceito* podem responder à observação que fizemos no primeiro capítulo desta dissertação sobre a ausência da divisão entre lógica objetiva e lógica subjetiva na edição de 1830 da Pequena Lógica⁴². Com isso, a divisão da lógica em objetiva e subjetiva, nos parece, mais provisória do que definitiva. É uma dicotomia que deverá ser superada⁴³.

Como se verá nas próximas páginas, Hegel dissolve a oposição entre ser e conceito. Nesse embate, que é meramente aparente, Hegel prioriza o conceito. Por isso, o conceito se desdobra em ser e o ser se mostra como conceito. O conceito que é ser e o conceito que é conceito. A partir dessa unificação, o conceito se mostra como substância única⁴⁴. Logo, não é preciso dividir a lógica em objetiva e subjetiva, pois a objetividade e a subjetividade da lógica

⁴¹ Cf. HEGEL, 2016, p. 64.

⁴² Cf. p. 13 e nota de rodapé 13 desta dissertação.

⁴³ Um paralelo interesse dessa argumentação de Hegel é a exposição da prova ontológica de Deus nas *Lições sobre a Filosofia da Religião (Vorlesungen über die Philosophie der Religion)*. O ponto nevrálgico da exposição da prova ontológica, a saber, a unidade de conceito e ser, não apenas reverbera e ecoa discussões históricas da filosofia, mas também se faz ouvir em momentos distintos do amplo sistema filosófico de Hegel. Como vimos, Hegel desfaz a oposição da consciência entre um ente que é subjetivamente por si e um ente que é objetivamente por si, pois: “O ser é sabido como conceito puro em si mesmo e o conceito puro é sabido como o ser verdadeiro.” (HEGEL, 2016, p. 63). A oposição, que Hegel procura combater, engendra dois lados: o subjetivo, que remete ao conceito, e o objetivo, que remete ao ser. A superação dessa dicotomia se dá por meio da identificação dos lados conflitantes não apenas como contrários, mas como momentos contidos e inseparáveis do lógico e, conseqüentemente, do real. Portanto, a unidade de conceito e ser é alcançada através da noção abrangente de conceito inteiro, o qual deságua no ser a partir de sua própria significação. Não coincidentemente, a prova ontológica da existência de Deus, exposta por Hegel, segue esse mesmo encadeamento de razões, o que, por sua vez, evidencia o caráter sistemático de sua filosofia, na qual partes micros e macros se espelham em uma mesma estrutura racional. O ser não é acoplado externamente ao conceito, mas inferido por meio do conceito, que exige a inseparabilidade de ambos. A empreitada filosófica de Hegel demonstra seu sucesso com a superação das dicotomias rasas entre lógica e ontologia, conceito e ser, sujeito e objeto. A riqueza disso é justamente extirpar a pobreza do pensamento regido pela fixidez do entendimento, que somente distingue e separa, mas não atinge o real em sua unidade dinâmica.

⁴⁴ Na transição da essência para o conceito, Hegel caracteriza o conceito como “substância absoluta” (HEGEL, 2018, p. 240). Cf. p. 47 desta dissertação.

são apenas momentos da unidade conceitual, que podemos chamar de conceito inteiro⁴⁵. A noção de conceito inteiro fornece a amplitude necessária para que se quebre a separação entre ser e conceito. De acordo com Hegel:

Essa unidade constitui, ao mesmo tempo, o princípio lógico como *elemento*, de modo que o desenvolvimento daquela diferença, que é imediatamente nele, apenas ocorre no *interior* desse elemento. Pois, na medida em que a divisão, como foi dito, é o *juízo* do conceito, o pôr da determinação já imanente nele e, com isso, é o pôr de sua diferença, então esse pôr não pode ser apreendido como uma nova dissolução daquela unidade concreta em suas determinações, como elas devem valer enquanto são por si, o que aqui seria um retroceder vazio ao ponto de vista anterior, à oposição da consciência; tal ponto de vista, mais precisamente, desapareceu; aquela unidade permanece o elemento e dela não sai mais aquele diferenciar da divisão e, em geral, do desenvolvimento. Com isso, as determinações que anteriormente (no *caminho para a verdade*) são por si, como um subjetivo e um objetivo ou também pensar e ser ou conceito e realidade, ou como quer que possam ter sido determinada, estão agora rebaixadas *em sua verdade*, isto é, em sua unidade, a *formas*. Em sua diferença, elas permanecem, portanto, elas mesmas *em si* o conceito inteiro, e esse é posto na divisão apenas sob suas próprias determinações. (HEGEL, 2016, p. 63-64, *itálico do autor*).

A citação acima exhibe o ponto que desejamos enfatizar. A unidade do ser e do conceito, chamada de conceito inteiro, contém a objetividade e a subjetividade como partes de seu desenvolvimento interno. São *formas* da unidade, determinações próprias do conceito inteiro.

É importante perceber que, apesar de Hegel fazer uso dos termos “lógica objetiva” e “lógica subjetiva”, ele faz uma ressalva ao uso dos mesmos, principalmente por conta das palavras “objetiva” e “subjetiva” as quais, segundo ele, são indeterminadas e, portanto, polissêmicas. Tal indeterminidade, que é fruto tanto do uso filosófico, ao longo da história da filosofia, quanto do uso cotidiano dessas palavras, é responsável por produzir vagueza e imprecisão. Assim, entender o termo “lógica objetiva” por “lógica do conceito enquanto ser” e entender o termo “lógica subjetiva” por “lógica do conceito enquanto conceito” parece ser

⁴⁵ Para mais detalhes sobre a noção de subjetividade na filosofia de Hegel e também sobre a relação entre subjetividade e objetividade, recomendamos a leitura dos, já bastante conhecidos, livros *Das Problem der Subjektivität in Hegels Logik: Systematische und entwicklungsgeschichtliche Untersuchungen zum Prinzip des Idealismus und zur Dialektik* (1976) de Düsing e *Hegels System: Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität* (1987) de Höhle.

um modo mais adequado, que nos aproxima do projeto filosófico de Hegel e nos ajuda a compreendê-lo mais facilmente.

De acordo com Hegel, a partir da diferenciação dos momentos do *conceito enquanto ser* e do *conceito enquanto conceito*, surge a necessidade de uma esfera de mediação, que será responsável por conectá-los e dissolver qualquer lacuna que possa existir, possibilitando que haja relação entre eles. Desse modo, o que era antes dois momentos (ser e conceito) tornar-se-ão três momentos (ser, *essência* e conceito). Nas palavras de Hegel:

No entanto, de acordo com o elemento da unidade do conceito em si mesmo, [elemento] que está no fundamento e, com isso, [elemento] da inseparabilidade de suas determinações, essas determinações, na medida em que são *diferentes*, pois o conceito é posto em suas diferenças, precisam pelo menos estar em *relação* um para com a outra. Surge disso uma esfera da *mediação*, o conceito como sistema de *determinações de reflexão*, isto é, do ser que passa para o *ser dentro de si* do conceito, o qual, desse modo, ainda não é posto *como tal* para si mesmo, mas, ao mesmo tempo, está preso ao ser imediato como a algo a ele mesmo também exterior. Essa é a *doutrina da essência*, que está no centro, entre a doutrina do ser e do conceito. (HEGEL, 2016, p. 64, itálico do autor).

O primeiro momento (*conceito enquanto ser*) encontra sua exposição na *Doutrina do Ser*. Lá, o conceito é exposto na sua imediatidade, como o próprio ser que foi desdobrado de si mesmo. O terceiro momento, que, antes da necessidade da esfera da mediação, era segundo momento (*conceito enquanto conceito*) encontra sua exposição na *Doutrina do Conceito*. Lá, o conceito é exposto em seu retorno a si mesmo, como o próprio conceito que originou o início de todo o percurso, ainda que implicitamente presente, iniciado na esfera do ser, com o ser puro e seus desdobramentos seguintes – ser, nada, devir, ser aí etc., perpassando a esfera da essência, com suas mediações reflexivas – e que agora retorna a si e se vê como o produto que gerou o início, o meio e o fim do processo lógico.

Conforme vimos nas páginas anteriores, a *Doutrina do Ser* e a *Doutrina da Essência* constituem-se como os volumes que compõem a lógica objetiva. A *Doutrina do Conceito*, por sua vez, constitui a lógica subjetiva. O fato do conceito enquanto ser estar exposto na

Doutrina do Ser é algo mais compreensível, assim como o fato do conceito enquanto conceito estar exposto na *Doutrina do Conceito*. Pois o conceito enquanto ser é o conceito que é (objetividade, em si) e o conceito enquanto conceito é o conceito que é retornado e reconhecido (subjatividade, em si e para si)⁴⁶. Mas por que a esfera da mediação, exposta na *Doutrina da Essência*, é essência? O que isso significa? Por que ela ainda faz parte da lógica objetiva?

Assim como a *Doutrina do Ser* é o conceito enquanto ser, a *Doutrina do Conceito* é o conceito enquanto conceito, a *Doutrina da Essência*, define Hegel, é o conceito enquanto sistema de determinações da reflexão. Com isso, Hegel quer dizer que o ser, da *Doutrina do Ser*, passa para o ser dentro de si mesmo. Hegel justifica a presença da esfera da essência, exposta na *Doutrina da Essência*, na lógica objetiva afirmando que o caráter do sujeito, relativo à lógica subjativa, compete somente ao conceito.

Na divisão geral dessa obra lógica, ela ainda [*Doutrina da Essência*] foi colocada sob a lógica *objetiva*, na medida em que, embora a essência já seja, com efeito, o interior, o caráter do *sujeito* tem de ser reservado expressamente ao conceito. (HEGEL, 2016, p. 64, itálico do autor).

Segundo Hegel, apesar da essência ser o interior, o ser que adentrou dentro de si, ela ainda não é subjatividade e, além disso, ainda está presa ao ser imediato da *Doutrina do Ser* e, portanto, está presa a algo exterior a ela mesma. Assim, apesar de buscar ultrapassar a esfera do ser, por meio de um movimento de interiorização, a *Doutrina da Essência* ainda encontra-se relacionada à esfera anterior. Cada um dos seus movimentos de interiorização é um movimento que refere-se ao seu momento anterior (ser), portanto, é concomitantemente

⁴⁶ Nas palavras de Novelli: “O terceiro livro da Ciência da Lógica considera o sujeito. O mundo, o real, está aí para um outro que não ele mesmo. A imediatidade do mundo, das coisas, cede lugar à sua estruturação no conceito. A objetividade não se dá por si, mas precisa ser mediada por um eu que ultrapassa os conteúdos da experiência como simples intuições. Contudo, esse eu ordenador não é o que põe o objeto segundo seus “moldes” de sujeito, mas que apreende o objeto em si. A organização empreendida pelo sujeito é a sistematização do oferecido pelo objeto.” (NOVELLI, 2021, p. 197).

um movimento de exteriorização⁴⁷. Ou seja, sendo uma esfera de mediação, a *Doutrina da Essência* está no meio e, portanto, relaciona-se com os dois momentos (ser e conceito) que, em uma visão inicial e parcial, aparentam ser antagônicos. Mas, a partir de uma análise mais pormenorizada, vê-se que estes momentos são complementares.

2.1.1. A lógica em relação a Kant

Hegel faz três interessantes comparações sobre sua lógica objetiva (ser e essência) que nos ajudam a compreender o que justifica as divisões de sua lógica. Primeiro, ele afirma que a lógica objetiva corresponde em parte à lógica transcendental de Kant. Segundo, ele afirma que a lógica objetiva entra no lugar da antiga metafísica e da metafísica restante⁴⁸. Por último, Hegel afirma que a lógica objetiva é a crítica verdadeira das determinações do pensar. Crítica esta que, segundo Hegel, Kant pensou haver elaborado.

Visando elucidar brevemente as comparações traçadas por Hegel, investigamos a aparição e o uso técnico de dois termos fundamentais nesse contexto, a saber: “lógica” e “metafísica”. Essa investigação nos parece importantíssima pois, ao precisar as comparações traçadas por Hegel, entende-se como ele relaciona sua filosofia com as filosofias precedentes, especialmente com a filosofia crítica de Kant e com as metafísicas anteriores. Esse movimento nos ajuda a vislumbrar o local ocupado e afirmado historicamente pela filosofia de Hegel, visto que ao apontar como entende as filosofias precedentes, seus pontos positivos e seus pontos negativos, ele expõe suas próprias posições filosóficas, suas concordâncias e

⁴⁷ Cf. NOVELLI, 2021, p. 286.

⁴⁸ De acordo com Ross: “A metafísica é a forma da filosofia que busca nos trazer o conhecimento da natureza fundamental da realidade por meio, pura e simplesmente, dos argumentos conceituais; mais do que um simples ramo da filosofia, tem sido, de fato, reconhecida como seu cerne, *prima philosophia*, porque estabelece os conceitos fundamentais, básicos, determinantes de nossa compreensão paradigmática do mundo.” (ROSS, 2021, p. 48, itálico do autor).

discordâncias e as tarefas que se propõe a resolver. Com isso, precisa-se as relações entre a lógica objetiva, a lógica subjetiva e os momentos lógicos (ser, essência, conceito)⁴⁹.

De acordo com a nossa pesquisa, o termo “Metaphysik” aparece sete vezes na introdução da *Ciência da Lógica* e o termo “metaphysische” aparece uma vez, as quais são:

A **metafísica** mais antiga tinha a esse respeito um conceito mais elevado do pensar do que aquele que se tornou corrente em época mais recente. Aquela colocou como fundamento, a saber, que aquilo que é conhecido das e nas coisas através do pensar é o que é unicamente a verdade verdadeira nelas, ou seja, não as coisas em sua imediatidade, mas apenas as coisas elevadas na forma do pensar, como [algo] pensado. Esta **metafísica** considerava que o pensar e as determinações do pensar não fossem algo estranho aos objetos, mas antes que fossem essência deles ou que as coisas [*Dinge*] e o pensar [*Denken*] deles (assim como também a nossa língua expressa um parentesco entre esses dois termos) concordam em e para si, que o pensar em suas determinações iminentes e a natureza verdadeira das coisas fossem o único e o mesmo conteúdo. (HEGEL, 2016, p. 47-48, *itálico do autor, negrito nosso*).

Contudo, aquilo que se costuma compreender como lógica é considerado inteiramente sem levar em conta o significado **metafísico**. (HEGEL, 2016, p. 50, *negrito nosso*).

A filosofia crítica, certamente, já transformou a **metafísica** em *lógica*, mas, como foi lembrado anteriormente, ela, assim como o idealismo posterior, por medo diante do objeto, deu às determinações lógicas um significado essencialmente subjetivo. (HEGEL, 2016, p. 54, *itálico do autor, negrito nosso*).

Com isso, a lógica objetiva entra no lugar da **metafísica** anterior, a qual era o edifício científico sobre o mundo, edifício que apenas deveria ser erigido por meio de *pensamentos*. – Se levarmos em consideração a última figura da formação dessa ciência, então ela é primeira e imediatamente a *ontologia*, em cujo lugar entra a lógica objetiva, – a parte daquela **metafísica** que devia investigar a natureza do *Ens* em geral; o *Ens* compreende em si tanto o *ser* quanto a *essência*, diferença para a qual nossa língua salvou, de modo feliz, a expressão diversa. – A seguir, porém, a lógica objetiva compreende em si também a **metafísica** restante, na medida em que essa procurava apreender, com as formas pura do pensar, os substratos particulares inicialmente tomados da representação, [ou seja], a alma, o mundo, Deus e, na medida em que as *determinações do pensar* constituíam o *essencial* do modo de consideração. Mas a lógica considera essas formas livres daqueles substratos, dos sujeitos da *representação* e a natureza e valor delas em e para si mesmos. Aquela metafísica descartar isso atraiu para si, portanto, a acusação justa de tê-las usado *sem*

⁴⁹ O material alcançado através do desenvolvimento histórico da metafísica e da lógica precedentes, as formas do pensamento (*Denkformen*) já conhecidas e suscitadas por ambas as ciências, não são descartadas, mas, ao contrário, são consideradas por Hegel como um importante modelo (*Vorlage*), como uma condição necessária (*notwendige Bedingung*) e como uma pressuposição (*Voraussetzung*) para o desenvolvimento do seu empreendimento, mesmo que este material seja, em alguns casos e sobre alguns aspectos, apenas “ossos inanimados de um esqueleto” (HEGEL, 2016, p. 31), isto é, conteúdos repetidos e mortos que não mais possuem valor.

crítica, sem a investigação prévia para saber se e como elas são capazes de serem determinações da coisa em si, segundo a expressão kantiana ou, antes, do racional. – A lógica objetiva é, portanto, a crítica verdadeira das mesmas – uma crítica que não as considera segundo a forma abstrata da aprioridade contra a posterioridade, mas elas mesmas em seu conteúdo particular. (HEGEL, 2016, p. 66-67, itálico do autor, negrito nosso).

A partir das citações acima, elencamos as principais características dos termos “metafísica” e “metafísico”, isso nos ajudará a entender a concepção de metafísica que está sendo abordada por Hegel. As características são as seguintes:

- I. A metafísica mais antiga concebia que a verdade das coisas é conhecida somente através do pensar.
- II. A metafísica mais antiga concebia que o pensar e as coisas compartilham de uma mesma estrutura cognoscível. Ou seja, as determinações do pensar e as determinações das coisas coincidem.
- III. O significado metafísico de que as determinações das coisas são conhecidas através das determinações do pensar é comumente desvinculado da lógica. Esta, quando compreendida assim, restringe-se apenas ao aspecto subjetivo do pensar. Com isso, desvincula-se o pensar de sua relação com as determinações das coisas e, conseqüentemente, desvincula-o de sua verdade.
- IV. A metafísica, segundo a filosofia crítica de Kant, transforma-se em lógica, mais precisamente em lógica transcendental, pois as coisas não são mais analisadas nelas mesmas, mas a partir do nosso modo de conhecê-las. A verdade das coisas, suas determinações, conteúdo que pertence ao âmbito da metafísica, é deixada de lado, e a verdade do pensamento, suas determinações ou suas formas puras, passam a ocupar o local privilegiado do estudo, atribuído, por sua vez, ao âmbito da lógica. A lógica, desse modo, ocupa-se apenas de um domínio subjetivo. Com isso, Kant insere uma lacuna entre a metafísica e a lógica, pois a verdade das coisas – conhecida através do estudo metafísico – e a verdade do pensamento –

conhecida através do estudo lógico – não mais se relacionam. Aquilo que é conhecido por meio do pensar não possui correspondência com a verdade das coisas.

- V. A metafísica mais antiga é substituída pela lógica objetiva, que é exposta na *Ciência da Lógica*.
- VI. Tanto a metafísica mais antiga quanto a lógica objetiva são primeiramente a ontologia, pois investigam o ser e a essência.
- VII. Tanto a metafísica mais antiga quanto a lógica objetiva são em sequência a psicologia racional, a cosmologia e a teologia natural, pois investigam respectivamente a alma, o mundo e Deus⁵⁰.
- VIII. A metafísica mais antiga usou as determinações do pensar sem uma crítica prévia, que é justa e necessária. A lógica objetiva, por sua vez, é a crítica verdadeira das determinações do pensar.

Em relação aos conteúdos elencados acima, primeiramente, observamos que Hegel menciona três momentos da metafísica: (1) a metafísica mais antiga, que era o edifício científico sobre o mundo, (2) a metafísica segundo a concepção da filosofia crítica e (3) a metafísica da lógica objetiva, que entrou no lugar da metafísica mais antiga. Aqui,

⁵⁰ As subdisciplinas da metafísica, mencionadas por Hegel, isto é, a ontologia, a psicologia racional, a cosmologia e a teologia natural, são abordadas nos parágrafos trinta e três (§33), trinta e quatro (§34), trinta e cinco (§35), e trinta e seis (§36) da Pequena Lógica. De modo geral, a ontologia é a disciplina que se ocupa com o ser e com a essência, ou seja, com aquilo que é habitualmente conhecido como “a questão primeira”. A psicologia racional ocupa-se com a alma e a sua relação com o corpo. A cosmologia ocupa-se com os corpos celestes e a constituição do cosmos. A teologia natural ocupa-se com a relação entre a razão e Deus, principalmente no que concerne a possibilidade de conhecer Deus através da razão. Na Alemanha, as origens dessas divisões da metafísica em subdisciplinas remontam às filosofias de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), Christian Wolff (1679-1754) e Gottlieb Baumgarten (1714-1762). Nas palavras de Zöllner: “Os wolffianos dividiram a metafísica em metafísica geral (*metaphysica generalis*), que identificaram com o estudo do ser enquanto tal ou a investigação dos tipos e características gerais do ser (*ontologia*), e metafísica especial (*metaphysica specialis*) ou o estudo de três objetos especiais ou domínios do ser, nomeadamente Deus, a alma humana e o mundo em sua totalidade, a serem investigados em teologia filosófica (*theologia*), psicologia filosófica (*psychologia*) e cosmologia filosófica (*cosmologia*), respectivamente.” (ZÖLLNER, 2020, p. 33, itálico do autor).

denominaremos esses três períodos, respectivamente, por (1) metafísica pré-crítica, (2) metafísica crítica e (3) metafísica pós-crítica.

Tais nomenclaturas estão diretamente relacionadas à filosofia de Kant, especialmente por conta do termo “crítica” (“Kritik”). Em sua *Crítica da Razão da Pura* (*Kritik der reinen Vernunft*), Kant elabora uma série de argumentos que pretendem estabelecer a insuficiência da metafísica enquanto uma área da ciência. A obra se tornou um marco na história da filosofia e, nesse sentido, a empregamos como um divisor de águas que marca dois períodos – antes da *Crítica* e depois da *Crítica* –, visto que após a crítica kantiana, a metafísica produzida anteriormente perdeu boa parte de sua força e, desse modo, a metafísica posterior precisou se resignificar, buscando novos caminhos⁵¹.

Além disso, no que concerne especificamente ao ponto (IV), a afirmação de Hegel, de que a filosofia crítica transformou a metafísica em lógica, é corroborada pelo seguinte trecho da *Crítica da Razão Pura*:

Desse modo, a analítica transcendental tem por importante resultado: que o entendimento nunca pode conseguir mais, *a priori*, do que antecipar a forma de uma experiência possível em geral; e, como aquilo que não é fenômeno não pode ser objeto da experiência, que ele não pode ultrapassar jamais os limites da sensibilidade, os únicos no interior dos quais objetos podem ser-nos dados. Seus princípios são meros princípios da exposição dos fenômenos, e o pomposo nome de uma ontologia, que se arroga a fornecer conhecimentos sintéticos *a priori* das coisas em geral (o princípio da causalidade, por exemplo) em uma doutrina sistemática, tem de dar lugar ao mais modesto nome de uma mera analítica do entendimento puro. (KANT, 2012, p. 248, B303, itálico do autor).

⁵¹ Segundo Hegel, a filosofia de Kant, com a tese de que o entendimento não poderia ultrapassar a experiência, pois, caso a ultrapassasse, a faculdade do conhecimento geraria apenas quimeras, justificou cientificamente a renúncia ao pensar especulativo, que busca o conhecimento e verdade por meio da unidade, em detrimento do pensar crítico, que busca delimitar quais são os limites e, conseqüentemente, as possibilidades do nosso conhecimento. Assim, Hegel salienta que as mudanças geradas pela filosofia de Kant, inauguraram e suscitaram a formação de um ambiente científico e cultural no qual a metafísica perdeu sua validade e, conseqüentemente, sua importância. Concomitantemente, segundo Hegel, a pedagogia moderna, priorizando a necessidade imediata e a experiência como o elemento fundamental do conhecimento, contribuiu para reafirmar o papel irrelevante da inteligência teórica tanto na vida pública quanto na vida privada. Desse modo, afirma Hegel, a ciência e o senso comum trabalharam conjuntamente para alcançarem a queda da metafísica. Hegel não faz referência ao autor ou aos autores da “pedagogia moderna” mencionada. Mas é provável que o filósofo e psicólogo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), conhecido por ser o fundador da pedagogia enquanto uma disciplina acadêmica, seja um dos autores dos quais Hegel baseia-se quando menciona a pedagogia moderna.

De acordo com a citação acima, a ontologia, que, como vimos, é uma das áreas abarcadas pela metafísica, é substituída, segundo Kant, pela analítica do entendimento puro. Contudo, para Hegel, no decorrer dessa substituição efetuada pela filosofia crítica, a objetividade que estava presente na metafísica pré-crítica se perdeu. A lógica transcendental, portanto, resignou-se à subjetividade. Assim, as determinações das coisas, isto é, a verdade delas, que eram, segundo a metafísica pré-crítica, conhecidas através do pensar, não podem mais serem derivadas da lógica. Portanto, de acordo com a sua concepção kantiana, a metafísica é apenas uma metafísica da experiência⁵². É nesse sentido, como vimos no ponto (IV), que Hegel afirma que a transformação, efetuada pela filosofia kantiana, da metafísica em lógica, relegou a esta somente um aspecto subjetivo.

Portanto, o desafio de Hegel é duplo, pois, por um lado, ele pretende estabelecer a objetividade que estava presente na metafísica pré-crítica, mas que se perdeu após a crítica de Kant. Por outro lado, ele precisa levar em consideração a crítica kantiana, pois há validade nela. De acordo com Houlgate:

No que diz respeito a Hegel, o legado de Kant é, portanto, ambíguo. Em seu lado positivo, Kant inaugura a era da crítica filosófica e estabelece Hegel no caminho da autocrítica radical. Isso leva Hegel a suspender a suposição da metafísica pré-kantiana de que a tarefa do pensamento é formar julgamentos verdadeiros “sobre” objetos e o leva à visão de que a metafísica depois de Kant deve assumir a forma de lógica ontológica – a descoberta do que o ser implica pela simples explicitação do que está implícito no *pensamento* do ser. Além disso, a própria lógica transcendental de Kant nos liberta da ideia de que o pensamento deve de alguma forma obter acesso “daqui” para objetos “ali”. A lógica transcendental alcança essa libertação argumentando que podemos entender a priori a estrutura fundamental das coisas – embora apenas dos objetos de “aparência” – por meio do exame das categorias de nosso *próprio* entendimento. Hegel vira a lógica transcendental kantiana em lógica ontológica ao afirmar que um exame de nossas categorias básicas revela não apenas a estrutura das coisas como elas aparecem para nós, mas como a estrutura do próprio ser. Hegel chega a esta conclusão, como vimos, dirigindo a crítica filosófica – sob a inspiração do próprio Kant – contra a afirmação de Kant de que o pensamento por si só é restrito a compreender a objetividade meramente *possível*, em vez do ser como tal. Assim, Kant leva Hegel a desenvolver uma posição original que vai além da metafísica pré-kantiana e da

⁵² Em relação à filosofia de Kant, é notável o pioneirismo da obra *Kant's Metaphysics of Experience* de Herbert James Paton (1887-1969), publicada pela primeira vez em 1936, na difusão, ou mesmo criação, da expressão “metafísica da experiência”.

própria filosofia transcendental crítica de Kant. (HOULGATE, 2006, p. 132, tradução nossa).⁵³

A metafísica pré-crítica é apenas uma figura ultrapassada, que não pode simplesmente ser revivida, mas precisa ser reconsiderada visando a produção de uma metafísica pós-crítica. Ou seja, as críticas de Kant precisam ser incorporadas, desenvolvidas e superadas e não simplesmente negadas ou desconsideradas⁵⁴. De acordo com Dudley:

⁵³ No idioma original: “As far as Hegel is concerned, Kant’s legacy is thus an ambiguous one. On the positive side, Kant inaugurates the era of philosophical critique and sets Hegel on the path of radical self-criticism. This prompts Hegel to suspend the assumption of pre-Kantian metaphysics that thought’s task is to form true judgments ‘about’ objects and leads him to the view that metaphysics after Kant must take the form of ontological logic – the discovery of what being entails through simply rendering explicit what is implicit in the *thought* of being. Furthermore, Kant’s own transcendental logic frees us from the idea that thought must somehow gain *access* from ‘over here’ to objects ‘over there.’. Transcendental logic achieves this liberation by arguing that we can understand a priori the fundamental structure of things – albeit only of the objects of ‘appearance’ – through examining the categories of our *own* understanding. Hegel turns Kantian transcendental logic into ontological logic by contending that an examination of our basic categories discloses not just the structure of things as they appear to us but the structure of being itself. Hegel reaches this conclusion, as we have seen, by directing philosophical criticism – under the inspiration of Kant himself – against Kant’s claim that thought by itself is restricted to understanding merely *possible* objectivity rather than being as such. Kant thus moves Hegel to develop an original position that goes beyond both pre-Kantian metaphysics and Kant’s own critical, transcendental philosophy.” (HOULGATE, 2006, p. 132).

⁵⁴ Segundo Hegel, quando ocorre uma transformação no âmbito espiritual, é inútil lutar contra ela e com as novas formas que o espírito novo traz consigo. Desse modo, mesmo sem precisar, por enquanto, o que deverá ser alterado, Hegel já afirma a necessidade da reconfiguração da lógica e da metafísica. Nesse sentido, Hegel argumenta que a ignorância sobre alteração universal, isto é, a ignorância sobre a transformação substancial do espírito, dirige-se também ao campo científico, pois a mudança do espírito ainda não se refletiu na ciência de seu tempo e, mais precisamente, na lógica e na metafísica, visto que há uma recusa em aceitar que há mudanças espirituais e que estas devem refletir-se na cultura e na ciência de seu tempo. Contudo, os novos princípios, que surgem com a transformação substancial do espírito, aparecem, ainda que desaperebidamente, nas representações dos sujeitos, até mesmo nas representações daqueles sujeitos que ignoram ou discordam da possibilidade da alteração universal e, portanto, não a reconhecem. Assim, para Hegel, os velhos princípios, que não mais se adequam ao espírito, pois este se transformou, existem apenas como negação dos novos, isto é, como negação daquilo que é efetivamente verdadeiro. Eles não subsistem mais por si, mas somente em relação aos novos. Ou seja, as antigas determinações apenas se conservam e possuem relevância perante as novas determinações, como negações destas. A metafísica, enquanto disciplina, foi diluída, perdida e desvalorizada como ciência e, até mesmo, como área do saber. Todavia, suas questões, isto é, seu conteúdo, ainda é importante e precisa ser retomado, ainda que em uma nova reconfiguração. De acordo com Hegel, quando um novo princípio espiritual surge, primeiramente, ele costuma-se comportar de maneira hostil em relação aos antigos princípios, pois estes se encontram estabelecidos e são tomados como verdadeiros. Tal hostilidade, segundo Hegel, ocorre pois em parte o novo princípio receia perder-se na particularidade e, conseqüentemente, jamais atingir sua cientificidade. Entretanto, a nova criação, apesar de surgir desordenada, desenvolve-se rumando sua efetivação como ciência. Já com a lógica, segundo Hegel, por atribuírem-lhe utilidade, mesmo que formal, não ocorreu algo tão grave como com a metafísica, pois ela continuou sendo considerada uma área válida da ciência e, portanto, manteve-se como disciplina do ensino público. Entretanto, mesmo sob estas circunstâncias mencionadas, a lógica se encontraria, segundo Hegel, em um estado de desatualização, pois sua figura (*Gestalt*) e seu conteúdo (*Inhalt*) permaneceram inalteráveis desde uma longa tradição. Desse modo, apenas exteriormente a lógica encontrava-se em um melhor estado do que a metafísica, visto que ela ainda era reconhecida como ciência. Entretanto, interiormente, ela não foi desenvolvida e, portanto, permanecia a mesma.

A reivindicação de Hegel de que seu sistema filosófico articula a constituição da efetividade o torna pós-kantiano no sentido de que ele rejeita e vai além da conclusão de Kant de que a filosofia é incapaz de cognição racional; Hegel se junta a Schelling ao restaurar a metafísica ao seu lugar pré-kantiano como a rainha das ciências filosóficas. Mas Hegel permanece ao mesmo tempo firmemente pós-kantiano no sentido de que seu sistema enciclopédico não constitui uma reversão à metafísica pré-crítica; o empreendimento filosófico de Hegel é completamente crítico, governado pela insistência de que a racionalidade exige evitar todas as pressuposições condicionais. A lição que Hegel apreende da inspiração crítica de Kant é que a filosofia precisa ser mais completamente crítica do que o próprio idealismo transcendental de Kant conseguiu ser. (DUDLEY, 2018, p. 209).

Prosseguindo com nossa pesquisa, constatamos que o termo “Logik” aparece setenta e uma vezes na introdução da *Ciência da Lógica*, os termos “Logischen” e “logischen” aparecem dez vezes, os termos “Logische” e “logische” aparecem oito vezes e o termo “logischer” aparece uma vez. Diferente do que ocorreu com o termo “Metaphysik” e “metaphysische”, é inviável citá-los. Desse modo, selecionamos algumas passagens⁵⁵ que atribuem à lógica características que estão relacionadas com o escopo do nosso interesse, as quais são:

A **lógica**, ao contrário, não pode pressupor nenhuma dessas formas da reflexão ou regras e leis do pensar, pois elas constituem uma parte de seu próprio conteúdo e têm de ser apenas fundamentadas no interior dela. (HEGEL, 2016, p. 45, negrito nosso).

Se a **lógica** é admitida como a ciência do pensar em geral, entende-se com isso que esse pensar constitui a *mera forma* de um conhecimento, que a lógica se abstrai do *conteúdo* e que a assim chamada segunda *parte constituinte*, que pertence a um conhecimento, a *matéria*, tem de ser dada de outro lugar, que, assim, a **lógica**, da qual esta matéria seria total e inteiramente independente, apenas pode indicar as condições formais do conhecimento verdadeiro, mas não pode conter a própria verdade real e tampouco pode ser o *caminho* para a verdade real, porque justamente o essencial da verdade, o conteúdo, está fora dela. (HEGEL, 2016, p. 46, itálico do autor, negrito nosso).

Em primeiro lugar, porém, já é inapropriado dizer que a **lógica** abstrai de todo conteúdo, que ela apenas ensina as regras do pensar, sem poder se dedicar ao pensado e levar em conta a sua constituição. (HEGEL, 2016, p. 46, itálico do autor, negrito nosso).

⁵⁵ Algumas passagens importantes sobre a lógica já foram citadas anteriormente, logo não serão repetidas.

O conceito da **lógica** até agora repousa na separação, pressuposta como definitiva pela consciência comum, do *conteúdo* do conhecimento e da *forma* o mesmo ou da *verdade* e da *certeza*. (HEGEL, 2016, p. 46, itálico do autor, negrito nosso).

A **lógica**, desse modo, precisa ser apreendida como o sistema da razão pura, como o reino do pensamento puro. *Esse reino é a verdade como ela é sem invólucro em e para si mesma*. (HEGEL, 2016, p. 52, itálico do autor, negrito nosso).

Se a **lógica**, desde Aristóteles, não sofreu nenhuma alteração – pois, de fato, se observarmos os compêndios mais recentes de lógica, as alterações consistem na maioria das vezes somente em supressões – então tem de se concluir, antes, que ela necessita de uma total reelaboração; pois um labor contínuo de dois mil anos do espírito deve ter-lhe proporcionado uma consciência mais elevada sobre seu pensar e sobre sua essencialidade pura em si mesma. (HEGEL, 2016, p. 54, negrito nosso).

O sistema da **lógica** é o reino das sombras, o mundo das essencialidades simples, libertado de toda concreção sensível. (HEGEL, 2016, p. 61-62, negrito nosso).

Dessa maneira, a **lógica** se determinou como a ciência do pensar puro, que tem como seu princípio o *saber puro*, a unidade não abstrata, mas concreta e viva, através do fato de que nela, a oposição da consciência entre um *ente que é subjetivamente por si* e um segundo *ente* que é objetivo por si é sabida como superada; o ser é sabido conceito puro em si mesmo e o conceito puro é sabido como o ser verdadeiro. (HEGEL, 2016, p. 63, itálico do autor, negrito nosso).

Kant, em época mais recente, opôs ao que habitualmente se chama de **lógica** ainda uma outra **lógica**, a saber, uma *lógica transcendental*. O que foi aqui chamado de **lógica objetiva** corresponderia em parte ao que nele é a *lógica transcendental*. (HEGEL, 2016, p. 65, itálico do autor, negrito nosso).

A partir das citações acima, elencamos as principais características do termo “lógica”, isso nos ajudará a entender a concepção de lógica que está sendo abordada por Hegel. As características são as seguintes:

- I. A lógica não pode fazer pressuposições, mas precisa demonstrar e fundamentar integralmente seu conteúdo.
- II. A lógica, que é a ciência do pensar, é comumente entendida apenas como formal, ou seja, sem relação alguma com o conteúdo. Se compreendida assim, ela apenas forneceria a forma do conhecimento, pois o seu conteúdo seria recebido de outro modo.

- III. A lógica não pode ser entendida apenas como formal, pois seu conteúdo, ao menos, são as formas do pensamento.
- IV. A lógica é comumente entendida a partir do pressuposto de que há uma separação entre forma e conteúdo.
- V. A lógica deve ser entendida como o sistema da razão pura, ou seja, como o reino do pensamento, no qual o pensamento puro é estudado. Este é o reino da verdade.
- VI. A lógica precisa ser reconfigurada ou reelaborada, visto que desde Aristóteles (384 a. C. - 322 a. C.) ela não sofreu nenhuma alteração significativa.
- VII. O sistema da lógica, que é o sistema da razão pura, é o mundo das essencialidades, ou seja, é o reino das sombras, o estado no qual as essências das coisas encontram-se.
- VIII. A lógica, que é a ciência do pensar puro, supera a separação que há entre forma e conteúdo, entre subjetivo e objetivo, pois o ser é em si conceito puro e o conceito puro é o verdadeiro ser.
- IX. Kant diferenciou a lógica da lógica transcendental. A lógica objetiva, por sua vez, corresponde parcialmente a esta.

Em relação aos conteúdos elencados acima, observamos, primeiramente, que Hegel menciona três modelos de lógica: (1) a lógica segundo a visão comum, habitual de sua época, (2) a lógica transcendental elaborada por Kant e (3) a lógica objetiva, que, como vimos, faz parte de sua própria lógica, exposta na *Ciência da Lógica*.

O primeiro modelo de lógica – segundo a visão comum, habitual da época de Hegel – pressupondo uma separação entre forma e conteúdo, entende a lógica como meramente formal, pois seu estudo dirige-se às formas subjetivas do pensar. Estas formas, por sua vez, não estão diretamente relacionadas ao conteúdo, visto que a verdade estabelecida pela lógica

formal ou geral⁵⁶, é somente a validade da forma, mas não do conteúdo que será contido na forma. Assim, por exemplo, estudamos os raciocínios válidos abstraindo os seus conteúdos e substituindo-os por signos que não se relacionam com a verdade e com a realidade objetiva.

O segundo modelo – a lógica transcendental – é apenas brevemente mencionado por Hegel. Assim, o modo como ele a entende não fica evidente. Contudo, no que concerne ao ponto (IX), o seguinte trecho da *Crítica da Razão Pura* ajuda a esclarecê-lo:

Conforme mostramos, a lógica geral faz abstração de todo o conteúdo do conhecimento, i. e. de toda referência do mesmo ao objeto, e considera apenas a forma lógica nas relações dos conhecimentos entre si, i. e., a forma do pensamento em geral. Uma vez, porém, que há tanto intuições puras como empíricas (como explica a estética transcendental), também se poderia encontrar uma distinção entre pensamento puro e pensamento empírico dos objetos. Neste caso haveria uma lógica em que não se faria abstração de todo o conteúdo do conhecimento; pois aquela que contivesse apenas as regras do pensamento puro de um objeto excluiria todos aqueles conhecimentos que tivessem conteúdo empírico. Ela também se aplicaria à origem de nossos conhecimentos de objetos na medida em que esta não possa ser atribuída aos objetos, ao passo que a lógica geral, pelo contrário, não lida em nenhum momento com essa origem, mas considera as representações – quer estas sejam dadas originariamente em nós mesmos, *a priori*, quer empiricamente – apenas segundo as leis pelas quais o entendimento, ao passar, as emprega nas relações de umas com as outras; ela só trata, portanto, da forma do entendimento que pode ser aplicada às representações, pouco importando de onde estas se tenham originado. (KANT, 2015, p. 99, B79-80, itálico do autor).

A citação acima corrobora com a afirmação de Hegel, na qual ele diz que Kant distingue a lógica geral da lógica transcendental. Para Kant, a lógica geral é essencialmente formal, o conteúdo do conhecimento não entra em seu escopo. A lógica transcendental, por sua vez, refere-se às estruturas que possibilitam o nosso conhecimento. Assim, ela não está integralmente desvinculada do conteúdo⁵⁷.

⁵⁶ Referimo-nos aqui ao primeiro modelo de lógica apresentado nos parágrafos acima. Usamos o termo “formal” e “geral” como sinônimos. O primeiro é bastante usado por Hegel e o segundo é bastante usado por Kant. Aparentemente, o sentido empregado por ambos os filósofos é o mesmo. É importante esclarecer que Kant também usou o termo “formal” oscilando com o termo “geral”. Apesar da lógica formal ser conhecida e difundida nos dias de hoje, a lógica formal entendida por Kant difere em boa medida de como entende-se lógica formal contemporaneamente. Cf. HEIDEMANN, 2020, p. 70; KANT, 2014. Para uma comparação entre as lógicas formal, transcendental e especulativa, recomendamos a leitura de *Lógica formal, transcendental e especulativa* (2017B) de Bordignon.

⁵⁷ Conforme expõe Kant na *Crítica da Razão Pura*, a origem do conhecimento humano se dá a partir de dois troncos: sensibilidade e entendimento. No que concerne a estrutura da obra, Kant expõe o funcionamento da sensibilidade na “Estética Transcendental” (“Transzendentaler Ästhetik”) e o funcionamento do entendimento da “Lógica Transcendental” (“Transzendentaler Logik”), ambos capítulos fazem parte da “Doutrina Transcendental

O terceiro modelo – a lógica objetiva – supera, segundo Hegel, tanto a separação entre forma e conteúdo, pressuposta na lógica formal, quanto ao subjetivismo inerente à lógica transcendental que, apesar de estar se referindo ao conteúdo do conhecimento, este, por sua vez, é apenas fenomênico⁵⁸.

dos Elementos” (“Transzendentele Elementarlehre”). Por estética transcendental, Kant entende a ciência dos princípios da sensibilidade a priori. Por lógica transcendental, Kant entende a ciência dos princípios do puro pensar a priori. Kant define a sensibilidade como a capacidade de receber representações dos objetos, na medida em que estes nos afetam através dos nossos sentidos. A sensação, portanto, é o produto da sensibilidade, isto é, o efeito do objeto na nossa capacidade de representação. A sensibilidade, através da capacidade de representação, nos fornece intuições e estas podem ser empíricas ou puras. A intuição é empírica quando se relaciona ao objeto por meio da sensação. A intuição é pura quando não se relaciona ao objeto e, portanto, não há resquício algum da sensação do objeto. O objeto da intuição empírica, que é indeterminado, denomina-se fenômeno. No que concerne ao fenômeno, Kant distingue a sua matéria e a sua forma. A primeira é dada a posteriori, a partir da relação do sujeito com o fenômeno da intuição empírica. A segunda está pronta a priori na mente do sujeito, ou seja, a matéria do fenômeno é dada pelos objetos do mundo, gerando uma multiplicidade de sensações, por exemplo, cores, cheiros, sabores, sons, texturas etc., estes são os conteúdos da experiência. Já a forma do fenômeno encontra-se nas formas puras da sensibilidade, estas surgem antes de qualquer representação do objeto, pois são elas que constituem a própria sensibilidade. O procedimento adotado por Kant na “Estética Transcendental” é isolar a sensibilidade, ou seja, primeiro retira-se dela os conceitos, pois estes pertencem ao entendimento e assim chega-se à intuição empírica, desta, por sua vez, retira-se a matéria dos fenômenos e assim chega-se à intuição pura. O foco da “Estética Transcendental” são as formas puras da sensibilidade. A partir disso, Kant deduzirá que existem duas formas puras da sensibilidade: espaço e tempo. O espaço é a forma do sentido externo e o tempo é a forma do sentido interno. Kant argumenta que o espaço e o tempo não são conceitos empíricos, derivados da experiência, pois para que a experiência seja possível é preciso que ambos sejam previamente conhecidos. Desse modo, não é a experiência que nos fornece o espaço e o tempo, mas estes que possibilitam a experiência. Além disso, ambos são representações necessárias para as intuições (externas e internas), pois, argumenta Kant, é possível representar apenas o espaço sem objetos, mas não é possível representar quaisquer objetos sem o espaço, assim como é possível retirar os fenômenos do tempo, mas não é possível suprimir o tempo dos fenômenos. Assim, vê-se que o espaço e o tempo preexistem como formas puras de qualquer percepção sensível. Kant define o entendimento como a faculdade responsável por pensar o objeto da intuição sensível. Desse modo, a “Lógica Transcendental” se preocupa com o uso universal do entendimento, isto é, com as regras universais e necessárias do entendimento, que se aplicam aos diversos objetos que podem ser pensados. Assim como na “Estética Transcendental”, o procedimento adotado por Kant é isolar o entendimento, abstraindo-o dos conteúdos que se referem aos objetos, e considerando apenas a forma do pensamento. Desse modo, enquanto na “Estética Transcendental” existem intuições puras e empíricas, na “Lógica Transcendental” existem pensamentos puros e empíricos. Enquanto a sensibilidade funda-se no conhecimento intuitivo, o entendimento funda-se no conhecimento conceitual, ou seja, as intuições (puras ou empíricas, internas ou externas) encontram-se no âmbito da sensibilidade e, portanto, baseiam-se em afecções, isto é, no modo como os objetos nos afetam. Já os conceitos encontram-se no âmbito do entendimento e, portanto, baseiam-se em funções, isto é, na ação de ordenar diversas representações sob a unidade de uma única representação. Os conceitos, que são gerados pelas funções, permitem a formulação de juízos. Assim, o entendimento é, primeiramente, a faculdade de pensar. Contudo, pensar significa conhecer através dos conceitos, e estes, por sua vez, funcionam como predicados que podem ser combinados nos diferentes modos de juízos. Portanto, afirma Kant, em última instância, o entendimento é uma faculdade julgar, isto é, de predicar a partir de conceitos. Assim, a sensibilidade e o entendimento encontram-se em campos diferentes, realizam funções distintas e lidam com conteúdos distintos. Todavia, aproveitando a metáfora kantiana, podemos afirmar que a sensibilidade e o entendimento, os dois troncos do conhecimento humano, estão ligados a uma mesma árvore, que não é capaz de sobreviver sem a presença de algum destes, pois, como afirma Kant: “Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas.” (KANT, 2015, p. 97, B75). Ou seja, a sensibilidade intui os objetos para que o entendimento possa pensá-los. É na unificação do entendimento e da sensibilidade, no trabalho conjunto que eles realizam, que o conhecimento humano se torna possível.

⁵⁸ Em última instância, o conhecimento fenomênico, que resulta da inadequação da filosofia crítica de Kant, é, para Hegel, uma ilusão, um “conhecimento” irreal, sem vínculo direto com a realidade, parcial e, conseqüentemente, falso.

Desse modo, as formas estudadas pela lógica objetiva relacionam-se com o conteúdo do conhecimento. A supressão da dicotomia forma e conteúdo, almejada por Hegel, é parte essencial da sua *Ciência da Lógica*, que pretende inserir a metafísica na lógica⁵⁹. Ou seja, ao afirmar que as determinações do pensar e as determinações das coisas são as mesmas, Hegel está afirmando que aquilo que é estudado pela lógica e aquilo que é estudado pela metafísica é o mesmo⁶⁰. Ainda que a lógica seja, como define Hegel, o “sistema da razão pura”⁶¹, que, em um primeiro momento, parece algo apenas subjetivo, ela não se desvincula do âmbito

⁵⁹ Nas palavras de Berti: “Hegel considera Kant e Fichte como expoentes da ‘filosofia da reflexão’, isto é, de uma filosofia que já chegou à descoberta do idealismo, ou seja, da identidade do sujeito e do objeto, mas ainda não consegue expressar coerentemente essa identidade porque é impedida pelo uso persistente da velha lógica, a lógica que Hegel chama de lógica do ‘intelecto’, que corresponde à lógica da tradição escolástica e, sobretudo, da filosofia racionalista moderna (de Descartes a Wolff). A esta que Hegel contrapõe, como expressão da nova lógica, que a seguir será chamada de dialética, a ‘razão’”. (BERTI, 2013, p. 268).

⁶⁰ Os principais materiais (fragmentos, anotações, esboços, escritos etc.) que nos ajudam a compreender o desenvolvimento do pensamento de Hegel acerca da lógica e da metafísica surgem, principalmente, a partir do ano de 1801, quando o filósofo está vivendo em Jena. Entre os anos 1801 e 1802, de acordo com o catálogo dos cursos de inverno da Universidade, Hegel anunciou que ofereceria um seminário particular, denominado de “Lógica e Metafísica” (“Logik und Metaphysik”). A conjunção “e” (“und”) já indica, mesmo que não de um modo muito claro, a distinção entre as duas disciplinas, pois ao mesmo tempo que a conjunção conecta dois conteúdos autossustentados, isto é, isto e aquilo, lógica e metafísica, ela também expõe a sua separação e a diferença prévia destas disciplinas. De acordo com a descrição de Hegel, o curso inicia-se com a exposição da lógica, na qual encontram-se: uma lógica geral ou transcendental, o sistema das formas da finitude, uma teoria do entendimento objetivo e as fontes das construções lógicas usuais da reflexão subjetiva. Logo após, ocorre a exposição da metafísica, esta, por sua vez, é propriamente a filosofia, pois ela supera, através da razão, as formas finitas da reflexão que foram expostas anteriormente na lógica. Desse modo, entre os anos 1801 e 1802, Hegel vê a lógica como uma introdução à metafísica. Contudo, a lógica é caracterizada, principalmente, por seus aspectos negativos, subjetivos, insuficientes, falhos, e a metafísica, contrariamente, é caracterizada por seus aspectos positivos, pois ela supera os problemas que a lógica contém. Todavia, no que concerne à descrição e a explicitação das disciplinas, Hegel é mais preciso ao descrever o funcionamento, isto é, o método e o conteúdo, da lógica, e mais vago ao descrever o funcionamento da metafísica. De acordo com os materiais provenientes dos anos 1803 e 1804, a lógica e a metafísica permanecem como disciplinas distintas, porém, apenas formalmente, pois quando analisadas, vê-se que a lacuna que havia entre ambas nos anos anteriores diminuiu, ou seja, lógica ainda é descrita como uma introdução à metafísica. Contudo, no que se refere propriamente ao conteúdo, a metafísica passa a decorrer dialeticamente da lógica e, portanto, a cisão entre elas começa a se desfazer, pois a própria exposição do conteúdo da lógica desenvolve-se e nos leva ao conteúdo da metafísica. Desse modo, a lógica começa a abarcar a metafísica, e a sua função de introdução, ainda que seja descrita assim, não é mais propriamente cumprida. A partir do ano de 1805, perpassando o ano de 1806, a relação entre a lógica e a metafísica começa a se estreitar. Em 1807, com a publicação da *Fenomenologia do Espírito* (*Phänomenologie des Geistes*), a lógica perde definitivamente seu caráter introdutório e o termo “metafísica” praticamente se dispersa do vocabulário de Hegel. Após a publicação da *Fenomenologia*, Hegel não realizou muitas mudanças, especialmente mudanças significativas, na sua concepção de lógica e de metafísica. Tanto a *Ciência da Lógica*, publicada pela primeira vez em 1812, cinco anos após a publicação da *Fenomenologia*, quanto a *Enciclopédia*, publicada pela primeira vez em 1817, dez anos após a publicação da *Fenomenologia*, mantêm, naquilo que é primordial, as mesmas compreensões sobre a lógica e sobre a metafísica, que já haviam sido desenvolvidas na *Fenomenologia*. Cf. BECKENKAMP, 2019, p. 79; DI GIOVANNI, 2010, p. xv-xxii; FERRER, 2019, p. 15-24; JAESCHKE, 2014, p. 37-41.

⁶¹ Kant faz uso de uma expressão parecida: “sistema completo da razão” (KANT, 2015, p. 528, B736), o que pode evidenciar a correspondência parcial entre a lógica objetiva de Hegel e a lógica transcendental de Kant. Cf. JAESCHKE, 2014, p. 44.

objetivo, pois a separação entre o subjetivo e o objetivo, o pensamento da coisa e a coisa em si, é interior à própria consciência⁶². Esclarece Novelli:

Hegel critica Kant por pretender chegar à essência da subjetividade, do eu, excluindo toda presença objetiva da empiria. A separação empreendida por Kant entre a coisa em si e o fenômeno desta estabelece a dúvida sobre o que se pode conhecer. O fenômeno, a coisa dada em si, objetivamente, não é a coisa. Daí, deve-se atentar para o que o sujeito conhece da coisa, e não mais para a própria coisa, posto que esta é inacessível. Para Hegel, conhecer o fenômeno, a objetividade empírica, significa conhecer a própria coisa. A coisa conhecida não habita o sujeito, mas está na relação deste com a objetividade da coisa. A relação confirma os polos relacionados em si, porém revela que estes são na medida em que travam intercâmbio com o outro. (NOVELLI, 2021, p. 304).

A partir da filosofia de Kant, que ao mesmo tempo limita a origem do conhecimento humano pelas estruturas cognitivas do sujeito, mas também postula uma coisa em si, que se encontra fora da possibilidade de ser conhecida pelo sujeito, Hegel segue sua argumentação para radicalizá-la. Ou seja, Hegel leva a argumentação de Kant às últimas consequências e nela constata um erro. Portanto, se, segundo Kant, não podemos conhecer algo que ultrapasse

⁶² Aqui, fazemos referência à argumentação de Hegel que está presente tanto na introdução da *Fenomenologia do Espírito* quanto na introdução da *Ciência da Lógica*. Apesar de suas particularidades, fundamentadas nas características de cada obra, a argumentação é essencialmente a mesma. Nela, Hegel leva a tese de Kant ao extremo e, ao fazer isso, a coloca em uma situação problemática. Para Hegel, Kant comete um grave equívoco ao aprisionar o ser humano por meio de suas capacidades cognitivas e, concomitantemente, postular a existência da coisa em si inatingível. Ou seja, ao mesmo tempo em que Kant estabelece o conhecimento genuíno como conhecimento *humano*, o qual ocorre sempre por meio de nossas faculdades cognoscíveis que captam as coisas do mundo por meio da e para nossa perspectiva, ele também postula a existência das coisas em si e as distingue exaustivamente das coisas para nós. Cf. HEGEL, 2014, p. 74; HEGEL, 2016, p. 63-64. Nas palavras de Guyer: “O idealismo transcendental não é um lembrete cético de que *nós não podemos ter certeza* de que as coisas como são em si mesmas também *são* como as representamos; é uma insistência duramente dogmática de que *nós podemos ter certeza* de que as coisas como são em si mesmas *não podem ser* como as representamos.” (GUYER, 1987, p. 333, itálico do autor, tradução nossa). No idioma original: “Transcendental idealism is not a skeptical reminder that we *cannot be sure* that things as they are in themselves *are* also as we represent them to be; it is a harshly dogmatic insistence that we *can be quite sure* that things as they are in themselves *cannot be* as we represent them to be.” (GUYER, 1987, p. 333, itálico do autor). Essa dicotomia cria dois mundos irreconciliáveis: o mundo das coisas em si mesmas (numênico) e o mundo das coisas para nós (fenomênico). Cf. CARSON, 2020, p. 65. Além de fundamentar um conhecimento fragmentado do mundo, a tese de Kant, para Hegel, comete um salto em sua argumentação, pois severamente postula e garante a distinção entre os dois âmbitos, sendo que um destes (numênico), de acordo com a própria tese, não seria possível conhecer. Se os seres humanos estão aprisionados em suas próprias capacidades cognitivas e faculdades cognoscíveis, como é possível (1) afirmar a existência de um estado de coisas para si e (2) afirmar que este estado de coisas seria diferente do estado de coisas para nós? Para Hegel, Kant “resolve” essas questões postulando as coisas em si mesmas e as distinguindo das coisas para nós. Na visão de Hegel, essa é uma solução *ad hoc*, logo, inadequada. Nas palavras de Ferrer: “Para substituir tal concepção do conhecimento como admitindo, ou exigindo, um instrumento prévio ao conhecer, Hegel propõe que a diferença estabelecida entre o objeto em si e o mesmo objeto para a consciência é interior à consciência, é a sua própria inadequação interna, que se traduz, por um lado, como um estado de ceticismo congênito à consciência e, por outro, como a experiência desta.” (FERRER, 2019, p. 16). Cf. ROSS, 2021, p. 52; DUDLEY, 2018, p. 229.

nossas estruturas cognitivas, não poderíamos, segundo Hegel, postular a existência de uma coisa em si, fora de nós, inacessível, incognoscível, diferente daquilo que nós já conhecemos da coisa, como faz Kant.

Nas páginas acima, vimos que a lógica objetiva de Hegel *entra*⁶³ no lugar da metafísica mais antiga, mas a lógica subjetiva não. Desse modo, conclui-se que os conteúdos da lógica objetiva são semelhantes aos conteúdos da metafísica mais antiga, ainda que os modos de tratamentos destes sejam diferentes, mas os conteúdos da lógica subjetiva não são semelhantes aos conteúdos da metafísica mais antiga e, portanto, abordam algo novo ou diverso⁶⁴.

A metafísica, como vimos, caracteriza-se principalmente por buscar conhecer, através do pensar, as essências das coisas. A lógica caracteriza-se principalmente por buscar conhecer as determinações do pensar. Todavia, Hegel afirma:

O sistema da lógica é o reino das sombras, o mundo das essencialidades simples, libertado de toda concreção sensível. (HEGEL, 2016, p. 61-62).

A lógica, desse modo, precisa ser apreendida como o sistema da razão pura, como o reino do pensamento puro. *Esse reino é a verdade, como ela é sem invólucro em si e para si mesma.* (HEGEL, 2016, p. 52, itálico do autor).

De acordo com as citações acima, Hegel atribui à lógica as características tanto dela mesma quanto às características da metafísica. Assim, a lógica, ao buscar conhecer as determinações do pensar, está adentrando no reino do pensamento puro e, concomitantemente, está adentrando no reino das sombras, pois as essencialidades das coisas e as determinações do pensar pertencem à mesma estrutura ontológica, à mesma camada da realidade. Logo, utilizando a metáfora hegeliana, o reino do pensamento puro e o reino das sombras são inseparáveis. Os pensamentos são objetivos, pois seus significados, os quais são comumente

⁶³ A palavra usada por Hegel é “antritt”. Na tradução brasileira da obra ela foi traduzida por “entra” e na tradução britânica da obra por “takes”.

⁶⁴ Cf. FERRER, 2019, p. 31.

entendidos apenas como subjetivos, e os significados objetivos, os quais são comumente atribuídos somente às coisas e não ao pensar, são equivalentes. As leis e as regras do pensar, estudadas pela lógica, são, portanto, as regras e as leis das coisas, isto é, as regras e as leis do mundo objetivo, estudado pela metafísica⁶⁵.

2.2. Do ser para a essência

A partir das concepções de lógica objetiva e lógica subjetiva, indicada nas páginas precedentes, podemos analisar a primeira transição entre as esferas lógicas, a saber, a passagem da esfera do ser para a esfera da essência. O capítulo final da *Doutrina do Ser*, nomeado “O devir da essência” (“Übergang in das Wesen”), é responsável por efetuar a transição para o próximo momento da lógica: o momento da essência. Nele, o conceito analisado é a indiferença absoluta, esta “é a última determinação do *ser*, antes de ele se tornar a *essência*” (HEGEL, 2016, p. 412, itálico do autor).

A indiferença absoluta ainda pertence à esfera do ser, pois, segundo Hegel, ela é determinada como *indiferente*. Com isso, a diferença permanece, para ela, uma determinação externa e, portanto, quantitativa. De acordo com Iber:

No fim da lógica do ser, com a indiferença absoluta, resultou uma categoria na qual a negação se relaciona a si mesma, na qual o ser negou todas as suas determinações,

⁶⁵ A relação entre lógica e metafísica em Hegel é amplamente pesquisada e discutida. A literatura especializada sobre esse tema é inesgotável. Para uma visão geral e diversa a partir de múltiplos autores, recomendamos o livro *Hegel and Metaphysics: On Logic and Ontology in the System* (2016) organizado por De Laurentiis. De modo geral, é possível afirmar que as pesquisas que se dedicavam à metafísica de Hegel mudaram seu escopo com o passar dos anos. No final do século passado, as pesquisas que se dedicavam a este tópico questionavam, em sua maioria, se havia ou se não havia metafísica em Hegel. Em nosso século, o enfoque destas pesquisas não é mais se há ou não há metafísica na filosofia hegeliana, mas qual espécie de metafísica é esta. Ou seja, nas pesquisas contemporâneas há uma tendência a entender que existe metafísica na filosofia de Hegel, mas que é preciso explicitar o que significa esta “metafísica” hegeliana. Em nossa época, é bastante conhecido o debate entre Pippin e Houlgate a respeito dessa questão. O último livro de Pippin, nomeado *Hegel's Realm of Shadows: Logic as Metaphysics in The Science of Logic* (2019), consolida sua interpretação na *Hegel-Forschung*.

de tal modo que elas certamente ainda estão frente a ela como exteriores. (IBER, 2015A, p. 61).

O movimento final do ser é adentrar em si mesmo, buscando, com isso, um alicerce firme, que não é mais encontrado em sua esfera. Ao final da *Doutrina do Ser*, as coisas estão rebaixadas, elas são apenas estados evanescentes de um substrato comum subjacente. O alicerce⁶⁶ buscado é justamente a essência que tornar-se-á a base que mantém a substancialidade do ser.

Na esfera do ser, lidamos com a imediatidade, com o ser em sua imediatidade. Na esfera da essência, lidamos com a verdade do ser, isto é, o ser é pensado, mediado e determinado⁶⁷. Aqui, a “verdade do ser” pode ser entendida do seguinte modo: se a essência é a verdade do ser, logo a essência é o que gera o ser, não o contrário. Assim, o ser seria resultado da essência. Pode parecer que essa noção é contrária ao caminho percorrido nos livros da *Ciência da Lógica*, visto que o ser é o que aparece primeiro, depois a essência e somente depois será a vez do conceito. Mas, se entendermos que Hegel está buscando a unidade entre o todo e as partes, então, entenderemos que o que aparece depois explica, desenvolve e fundamenta o que veio antes. Tal processo pode ser elucidado com a ideia de investigação expressa por Hegel. A investigação filosófica parte de pistas, indícios ainda iniciais, simples, que pouco a pouco nos levam cada vez mais àquilo que há de verdadeiro. A essência é a verdade do ser, pois o ser não foi capaz de explicar-se por si mesmo e necessitou recorrer a outro domínio que pode explicá-lo verdadeiramente, este é a essência. Nesse sentido, ela é mais complexa e verdadeira que ele. Todavia, embora a essência vá além do ser,

⁶⁶ Apesar de não tratarmos precisamente dessa interpretação aqui, Heinrich descreve o processo de transição do ser para essência como um processo de deslocamento de significado (*Bedeutungsverschiebung*). Cf. HEINRICH, 1971, p. 105. Essa ideia nos parece bastante interessante, pois ela explicita o questionamento sobre do que se trata cada uma das esferas lógicas, isto é, quais os significados da lógica do ser, da essência e do conceito.

⁶⁷ Cf. BERTI, 2013, p. 295. Posteriormente, essa “verdade” se mostrará parte de algo mais amplo e ainda mais verdadeiro, como veremos na esfera do conceito.

isto é, explicando-o, dando-lhe razão, ela não se torna independente dele, visto que é por meio dele que a alcançamos⁶⁸.

A esfera do ser é marcada pela diferença imediata que distingue as coisas, como algo e outro. A questionabilidade da imediatidade, que separa bruscamente, leva-nos à esfera da essência. De acordo com Houlgate:

No entanto, à medida que a doutrina do ser prossegue, esse imediatismo é progressivamente solapado. De fato, ao final desta primeira parte da *Lógica*, o ser revela-se a esfera em que, afinal de contas, não existe um simples imediatismo. (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor, tradução nossa)⁶⁹.

Observamos que a instabilidade, encontrada ao final da esfera do ser, exige que se busque um novo chão, onde o real pode se firmar. Tal busca gera um adentramento nos conteúdos lógicos e, assim, a perspectiva é alterada. A essência será justamente essa nova camada, que é definida pela relacionalidade e pelas “raízes comuns” dos conceitos⁷⁰. Nas palavras de Cirulli:

[...] uma tarefa crucial da Essência deve ser mudar sua própria noção de uma determinação (a característica de qualquer categoria cuja relação explícita com a alteridade era apenas *implicitamente uma* auto-relação completa) em uma noção

⁶⁸ Nesse aspecto, pensamos que nossa interpretação parece concordar com a de Heinrich. Cf. HEINRICH, 1971, p. 108. A ideia geral é que, apesar de alcançarmos a essência por meio do ser, ela o precede. O ser é porque há essência. O mesmo processo ocorrerá em relação ao conceito. A essência é porque há conceito. Como vimos, o conceito se mostrará, ao final, como aquilo que se desdobrou em ser e essência. Pensamos que há dois percursos nesse processo: um desdobramento lógico e um desdobramento epistemológico. Logicamente, a essência fundamenta o ser, assim como o conceito fundamenta a essência. Epistemologicamente, nós chegamos à essência por meio do ser, ou seja, este é “primeiro”.

⁶⁹ No idioma original: “Yet as the doctrine of being proceeds, this immediacy is progressively undermined. Indeed, by the end of this first part of the *Logic* being proves to be the sphere in which there is in truth no simple immediacy after all.” (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor).

⁷⁰ Cf. CIRULLI, 2006, p. 4. Segundo Houlgate: “Categorias qualitativas, como algo e outro, são inicialmente entendidas como imediatamente distintas. Agora se torna aparente, no entanto, que na verdade não há imediatidade simples na esfera do ser, porque tanto a qualidade como um todo quanto a quantidade como um todo surgem através e graças uma à outra.” (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor, tradução nossa). No idioma original: “Qualitative categories, such as something and other, are initially understood to be immediately distinct. It now becomes apparent, however, that there is in truth no simple immediacy in the sphere of being, because both quality as a whole and quantity as a whole arise *through* and *thanks* to one another.” (HOULGATE, 2011, p. 140, itálico do autor).

‘particular’ – a de uma estrutura limitada na qual, no entanto, o todo se estabelece como um todo. (CIRULLI, 2006, p. 6, *itálico do autor*, tradução nossa)⁷¹.

Na esfera da essência o real encontra abrigo, ainda que provisoriamente, antes que perceba que sua verdadeira casa é o conceito.

2.3. Da essência para o conceito

Agora, nos concentramos na segunda transição entre as esferas lógicas, a saber, a passagem da esfera da essência para a esfera do conceito. O capítulo final da *Doutrina da Essência*, nomeado “A relação absoluta” (“Die Wechselwirkung”), é responsável por efetuar a transição para o próximo momento da lógica: o momento do conceito.

Nessa passagem, a partir da interação entre a causa e o efeito surge a identificação entre ambos. Na medida em que se identificam, a causa e o efeito perdem sua autossubsistência. Esse movimento de identificação altera a esfera lógica e nos leva à esfera do conceito. Com isso, ser e essência mostram-se, ao final do processo, como duas “substâncias” que pertencem à mesma unidade, uma substância absoluta. Esta, por sua vez, é justamente o conceito. O ser e a essência são, portanto, melhor entendidos como *formas* da substância absoluta. Nas palavras de Hegel:

A substância absoluta, diferenciando-se de si como forma absoluta, não se repele mais de si enquanto necessidade nem se divide, enquanto contingência, em substâncias indiferentes, externas umas às outras, mas se *diferencia, por um lado*, na totalidade – a substância anteriormente passiva – que é o originário como a reflexão dentro de si a partir da determinidade, como todo simples, que contém seu *ser posto* dentro de si mesmo e *está posto* como *idêntico consigo na determinidade: o universal*; – *por outro lado*, na totalidade – a substância anteriormente causal – como na reflexão que vai da determinidade dentro de si para a determinidade

⁷¹ No idioma original: “This being the case, one crucial task of Essence must be to change its own notion of a determination (the feature of any category whose explicit relation to otherness was only *implicitly* a full self-relation) into that of a ‘particular’ — that of a limited structure in which, nevertheless, the whole establishes itself as a whole.” (CIRULLI, 2006, p. 6, *itálico do autor*).

negativa, a qual, assim, como a *determinidade idêntica* consigo, é igualmente o todo, mas está posta como a *negatividade idêntica*, consigo, é igualmente o todo, mas está posta como a *negatividade idêntica consigo*: o singular. (HEGEL, 2017, p. 240, itálico do autor).

A esfera do conceito é a esfera da liberdade, na qual o *em si* e o *para si* unificam-se. Entendemos que o conceito como *substância absoluta* se assemelha ao *conceito inteiro*, que mencionamos nas páginas precedentes. O conceito inteiro não é o conceito oposto ao ser, mas o conceito que abrange o ser. Do mesmo modo é a substância absoluta, que unifica duas “substâncias” separadas: ser e conceito⁷². A substância absoluta, assim, é a substância que é ser e conceito.

É interessante notar que, assim como vimos nas páginas precedentes, a substância absoluta está lá desde o começo. O ser é justamente porque é parte da substância absoluta, o conceito é justamente porque é parte da substância absoluta. Todavia, apesar de estar lá desde o início do processo lógico, a substância absoluta é evidenciada epistemologicamente apenas nos momentos finais deste processo⁷³. Na exposição da *Ciência da Lógica* de Hegel, o que aparece primeiro – por exemplo, o ser – é mais geral e mais carente de determinações precisas. O que vem na sequência, por sua vez, explica e enriquece o que veio antes. O conceito como substância absoluta é o conceito que se desdobrou em ser, essência e retornou a si. Nessa medida, a substância absoluta é aquilo que possibilita a existência de todos esses âmbitos (ser, essência, conceito).

As noções de conceito como *substância absoluta* e como *conceito inteiro* nos parecem imprescindíveis para entender o projeto lógico de Hegel. Esse não é nosso principal objetivo aqui, logo não entraremos nas minúcias da questão. Todavia, gostaríamos de enfatizar essas duas noções do conceito (como *substância absoluta* e como *conceito inteiro*), pois entendemos que elas explicam a ligação, que Hegel faz, da lógica com a metafísica.

⁷² Cf. nota de rodapé 43 desta dissertação.

⁷³ Cf. nota de rodapé 68 desta dissertação.

Nas páginas precedentes, especialmente no subcapítulo 2.1.1. *A lógica em relação a Kant*, procuramos explicar, entre outras coisas, como Hegel caracteriza a lógica e a metafísica. A afirmação de que o conceito é *inteiro* e, portanto, é *substância absoluta*, elucida, ainda mais, a união da lógica com a metafísica. Contudo, essa união se dá por meio da subsunção da metafísica à lógica. A lógica passa a abarcar a metafísica, não o inverso. Ou seja, não é qualquer tipo de ligação que há entre elas. Ao nosso ver, é cabal que há metafísica na filosofia de Hegel. Entretanto, é preciso determinar que espécie de metafísica é essa. Nossa pesquisa não se debruçou detalhadamente sobre esse ponto, visto que não faz parte do nosso principal objetivo, portanto, não possuímos uma posição firme sobre isso. Mas julgamos fundamental perceber que, nesse processo de união das duas disciplinas, a lógica é predominante em relação à metafísica, visto que é ela que apreende a metafísica. Essa apreensão é importante para julgar em que medida há objetividade metafísica na lógica de Hegel⁷⁴.

⁷⁴ Se é a lógica que prevalece, o “ser”, que é abarcado pelo conceito, é indubitavelmente ser do mundo ou “mero” ser da consciência? Cf. nota de rodapé 65 desta dissertação.

3. A gênese da contradição na *Doutrina da Essência*

O principal motivo para se buscar a gênese da contradição fundamenta-se no fato de considerarmos a contradição fruto de um movimento que se inicia antes dela. Assim, pensamos que tratar o conceito de contradição desconsiderando os conceitos que nos conduzem a ele seria um modo de tratamento inadequado ou pouco eficaz. Entendemos que essa inadequação ocorre principalmente por dois motivos. Em primeiro lugar, o ato de fixar o conceito de contradição pode confundir exatamente o nível no qual a contradição opera. Em segundo lugar, a desconsideração do fluxo genético dos conceitos pode confundir o significado da contradição e, conseqüentemente, relativizá-la, descaracterizá-la, fazendo com que ela perca sua força e acabe se resignando a um significado de menor valor e, conseqüentemente, de menor importância⁷⁵.

Nas próximas páginas, analisaremos as exposições de Hegel dos conceitos que nos conduzem à contradição. Estas ocorrem ao longo do segundo capítulo, nomeado “As essencialidades ou as determinações de reflexão” da primeira seção, nomeada “A essência como reflexão dentro dela mesma”.

3.1. A identidade

O primeiro dos conceitos que nos conduzem à contradição é a identidade. Hegel expõe a identidade como relação pura consigo mesma. Desse modo, na identidade, a relação com o outro desaparece, esta relação é reduzida a si, pois não há outro que constitui a identidade,

⁷⁵ Como se verá na subseção dedicada à oposição. Cf. p. 56 e notas de rodapé 79 e 80 desta dissertação.

mas apenas ela mesma. Assim, a identidade não é produzida a partir de outro, mas autoproduzida, produzida por si mesma. Nas palavras de Hegel:

Essa identidade consigo é a *imediatidade* da reflexão. Ela não é aquela igual consigo, que é o *ser* ou também o *nada*, mas a igualdade consigo que, enquanto aquela que se produz até tornar-se unidade, não é um reproduzir-se a partir de um outro, mas é esse produzir puro a partir e dentro de si mesmo, a identidade *essencial*. (HEGEL, 2017, p. 56, itálico do autor).

A identidade encontra-se justamente no momento da essência, pois a essência, enquanto relação e unidade simples consigo mesma, é inicialmente a pura identidade. Ela é idêntica a si, igual a si e sem qualquer dependência externa. Aquilo que é essencial em algo é precisamente aquilo que determina que este algo seja daquele modo e não de outro. Logo, o essencial é a própria identidade da coisa. Segundo Hegel:

A essência é a imediatidade simples enquanto imediatidade suprassumida. Sua negatividade é seu ser; ela é igual a si mesma em sua negatividade absoluta, através da qual o ser outro e a relação com outro desaparecem pura e simplesmente em si mesmos na pura igualdade a si mesma. A essência é, portanto, *identidade* simples consigo. (HEGEL, 2017, p. 56, itálico do autor).

Hegel caracteriza tanto a essência quanto a identidade como reflexões dentro delas mesmas, o que nomeia a seção estudada. Por “reflexão dentro dela mesma”, entendemos que Hegel procura significar a determinação que põe a si por meio de sua própria autoprodução. Em sua etimologia, o termo “reflexão” nos alude ao produto ou ao resultado do refletir que, por sua vez, é o reflexo de algo. Ou seja, a imagem que surge e aparece a partir de algo originário quando este reproduz uma imagem semelhante de si mesmo. Também em sua etimologia, o termo “reflexão” nos remete ao efeito de [des]dobrar-se e curvar-se sobre si mesmo⁷⁶.

⁷⁶ Pensamos que esses significados do termo “reflexão” ajudam a explicar a noção de que na esfera do ser há desdobramentos de conceitos, isto é, de um conceito se desdobra outro, enquanto na esfera da essência há aparecimento, isto é, de um conceito outro aparece. Com essa noção, entende-se que, na esfera do ser, de um conceito se chega a outro, pula-se a outro. Na esfera da essência, o próprio conceito faz aparecer aquilo que estava em si. Ou seja, um conceito aparece por meio de outro, surgindo através deste. Neste aparecer, não há

A partir do seu movimento de reflexão, a identidade nos leva, segundo Hegel, ao surgimento de um novo momento. Todavia, entendemos que a passagem, realizada por Hegel, da identidade para o próximo momento é um pouco ambígua. Percebemos a existência de dois caminhos possíveis. Por um lado, Hegel parece transicionar a identidade através da reflexão que se põe como outra de si. Por outro lado, Hegel parece transicionar a identidade através da negatividade inerente ao idêntico.

No primeiro caminho, Hegel expõe o desdobramento do outro a partir da reflexão da identidade, na qual ela se põe como outra de si e depois volta a si. No processo de reflexão, no qual a identidade se reflete e retorna a si, ela se coloca primeiro como momento e depois como resultado de sua mediação consigo mesma. A partir desse movimento de autodiferenciação, a identidade abre margem para que entremos na diferença. De acordo com Hegel:

A identidade é, portanto, *nela mesma*, absoluta não identidade. Mas ela é também a *determinação* da identidade frente à não-identidade. Pois, como reflexão dentro de si, ela se põe como seu não ser próprio; ela é o todo, mas, enquanto reflexão, ela se põe como seu momento próprio, como ser posto, a partir do qual é o retorno para dentro de si. Assim, como seu momento, ela é a identidade como tal somente em *determinação* da igualdade simples consigo mesma, frente à diferença absoluta. (HEGEL, 2017, p. 58, itálico do autor).

No segundo caminho, Hegel expõe a constante mesmidade da reflexão idêntica. Ou seja, a identidade reflete-se e, portanto, se põe, para depois retornar a si mesma. Nesse processo contínuo e inalterável, constata-se a negatividade do falar idêntico. Com isso, se alcançaria a diferença, por meio do negativo que surge do processo repetitivo e incessante que é a reflexão da identidade. Nas palavras de Hegel:

A diferença é a negatividade que a reflexão tem dentro de si, o nada que é dito pelo falar idêntico, o momento essencial da própria identidade, a qual, ao mesmo tempo,

desdobramento, mas sim desvelamento de algo substancial que já estava lá de modo implícito. Logo, aparecer é explicitar. Cf. PIPPIN, 2013, p. 86.

determina-se como negatividade de si mesma e é diferente da diferença. (HEGEL 2017, p. 62).

Ao nosso ver, ambos os caminhos indicados são sólidos e possíveis, como evidenciado pelas citações acima. Nenhum deles causa qualquer prejuízo à próxima instância lógica, a saber: a diferença. Em nosso horizonte de pesquisa, almejamos futuramente averiguar a possibilidade dos dois caminhos indicados serem complementares e não necessariamente discordantes. Se assim for, a ambiguidade não será acidental mas proposital.

É importante notar que a identidade, que é o primeiro passo da gênese da contradição, é ainda um interior incipiente. Apesar de estar na esfera da essência, que é um momento de interiorização para além da esfera do ser, a identidade é ainda o mínimo que se pode interiorizar-se, ou seja, o princípio de uma interiorização que se mostrará mais profunda com os próximos desenvolvimentos. Esta interiorização começa a se aprofundar a partir do instante em que a identidade, por meio da reflexão, coloca outra de si e constata sua negatividade inerente. A diferença, portanto, é fruto do movimento próprio da identidade em sua reflexão. Ela [a diferença] não é acoplada externamente ao lado da identidade, mas sim desdobrada desta e surgida no interior da mesma. Esse encadeamento é o que nos leva à diferença.

3.2. A diferença

Sem qualquer justificativa prévia, Hegel subdivide a diferença em três modos. A seguir veremos cada um deles.

3.2.1. A diferença absoluta

A diferença absoluta, segundo Hegel, contém seus lados como momentos de uma única e mesma coisa. Assim, seguindo exemplos usados por Hegel em outros contextos e visando nos auxiliar aqui, podemos representar a noção de diferença absoluta com o processo de desenvolvimento de uma semente que, pouco a pouco, germina, cresce e torna-se uma planta. Tais momentos – a semente, a germinação, a planta etc. – permanecem ligados a um mesmo objeto que os unifica. Desse modo, a diferença absoluta está relacionada, de alguma maneira, à identidade, visto que as diferenças, nesse caso, são meros momentos constitutivos de uma mesma coisa.

Aqui, o adjetivo “absoluto”, acoplado ao substantivo “diferença”, pode, em um primeiro instante, incomodar. Mas Hegel afirma que “é essencial compreender a diferença absoluta como diferença *simples*.” (HEGEL, 2017, p. 62, itálico do autor). Ou seja, como a diferença que se relaciona simplesmente consigo.

Como vimos, no processo de diferenciação da identidade ela se põe como momento de si mesma, esses momentos que a constituem são momentos dela mesma, logo, em última instância, ela mesma. Desse modo, podemos conceber a semente, a germinação, a planta, como momentos que são colocados por um mesmo objeto, momentos que são esse mesmo objeto. Logo, a diferença absoluta abarca a identidade e a diferença, esta como momento. Aqui, as diferenças são etapas da identidade. Segundo Hegel:

O diferente da diferença, porém, é a identidade. Portanto, a diferença é ela mesma e a identidade. Juntas, ambas constituem a diferença; ela é o todo e seu momento. – Igualmente, pode-se dizer que a diferença, enquanto diferença simples, não é diferença alguma; ela é isso somente em relação à identidade; mas ela, enquanto diferença, contém, antes, também a identidade e essa própria relação. – A diferença é o todo e seu *momento* próprio, assim como a identidade é igualmente seu todo e seu momento. (HEGEL, 2017, p. 63, itálico do autor).

Na diferença absoluta, o nível de interiorização permanece o mesmo da instância da identidade. Ou seja, as diferenças estão inseridas internamente na identidade. Aqui, não há um aprofundamento em direção dessas relações já estabelecidas, como se verá mais adiante.

3.2.2. A diversidade

A diversidade surge a partir do movimento da diferença absoluta que, como vimos, relaciona a identidade com seus momentos. Todavia, na diversidade, segundo Hegel, os momentos, os ou lados da identidade, caem um para fora do outro e, desse modo, são indiferentes entre si, não se relacionam de forma alguma, não são mais momentos de uma única e mesma coisa, pois não há relação entre eles. Portanto, na diversidade, a referência à identidade, que se encontra na diferença absoluta, perde seu respaldo.

A transição da diferença absoluta para a diversidade pode parecer, em um primeiro momento, problemática. Na identidade, Hegel começa a interiorização das determinações, o que se estabelece na instância seguinte, da diferença absoluta. Contudo, aqui, na diversidade, nos parece que a interiorização é perdida e, assim, retorna-se ao contraste externo entre diversidade e identidade, colocadas uma à frente da outra, sem mais relação. Assim, a interiorização é perdida, pois torna-se superficial em relação às instâncias precedentes da identidade e da diferença absoluta. A relação que a diversidade estabelece com os momentos, que antes eram constitutivos da identidade, é de *indiferença*. De acordo com Hegel:

Os diversos não se relacionam um com o outro, portanto, enquanto identidade e diferença, mas apenas como *diversos* em geral, que são indiferentes um frente ao outro e frente a sua determinidade. (HEGEL, 2017, p. 64, *itálico do autor*).

A diversidade é indiferente, pois ela não difere os diferentes [momentos] entre eles mesmos, isto é, por meio de uma relação que poderia unificá-los, mas apenas os institui por si mesmos, instanciando-os. Contudo, será a partir desse retorno ao contraste entre diversidade e identidade que poderemos alcançar a instância da oposição. Na diversidade, a exposição de Hegel se mostra bastante perspicaz, pois recua o mínimo possível para depois avançar ao que se deseja. Nela, Hegel parece andar um passo para trás, retornando a um momento já superado, para então caminhar dois passos para a frente, onde será possível prosseguir com o desdobramento dos conteúdos. Com isso, apesar de em seu início parecer problemática, como relatamos acima, a transição da diferença absoluta para a diversidade se mostra, em seu final, astuciosa.

3.2.3. A oposição

Segundo Hegel, na oposição, os lados permanecem como os lados da diferença absoluta, mas agora, são lados interdeterminados ou codeterminados. Ou seja, são lados determinados um pelo outro e, portanto, continuam sendo momentos. Contudo, eles ultrapassam a compreensão da diferença absoluta, pois, aqui, os lados são determinados um pelo outro de modo negativo. Ou seja, cada um é aquilo que é justamente por não ser o outro e, desse modo, eles se excluem. Nas palavras de Hegel:

Dentro da oposição, a *reflexão determinada*, a diferença, está plenamente realizada. Ela é a unidade da identidade e da diversidade; seus momentos são diversos em *uma só* identidade, assim, eles estão *contrapostos*. (HEGEL, 2017, p. 70, itálico do autor).

Entretanto, na medida em que a oposição contém em si aquilo que lhe determina positivamente e negativamente e, assim, pretende excluir de si sua determinação negativa, ela

estará, em última instância, pretendendo excluir de si aquilo que a constitui. Logo, estará em contradição consigo mesma. É a partir desse cenário que a contradição emerge. Nas palavras de Hegel: “Mas o outro de si, o negativo, é ele mesmo não mais ser posto ou momento, mas um *ser* autossubsistente; assim, a reflexão negadora dentro de si do positivo está determinada a *excluir* de si esse seu *não ser*.” (HEGEL, 2017, p. 73, itálico do autor).

Entendemos que Hegel, nesse momento, expõe o positivo e o negativo como duas noções intercambiáveis⁷⁷. Ou seja, tanto o positivo quanto o negativo são nomenclaturas necessárias para que assim possamos indicá-los e expressá-los em nossa linguagem, mas o que deve ser verdadeiramente compreendido é que ambos são determinações equiparáveis. Por exemplo, a determinação positiva *x é z* e a determinação negativa *x não é z* são ambas determinações que constituem o sujeito da oração, no caso, *x*. Nas palavras de Hegel:

Uma é o *positivo*, a outra, o *negativo*, mas aquela enquanto o positivo nele mesmo, essa, enquanto o negativo nele mesmo. Cada momento tem a autossubsistência indiferente para si pelo fato de que tem nele mesmo a relação com seu outro momento; assim, ele é a oposição inteira fechada em si mesma. – Enquanto [é] esse todo, cada um está mediado consigo *através de seu outro* e *contém* o mesmo. Mas, além disso, ele está mediado consigo *através do não ser de seu outro*; assim, ele é unidade que é para si e *exclui* de si o outro. (HEGEL, 2017, p. 78, itálico do autor).

Nos parece que, para Hegel, nesse momento da exposição, não há uma escala de valoração entre as determinações, como se a determinação positiva fosse mais valiosa e mais importante que a determinação negativa. A determinação do *x* como positivo é tão importante quanto sua determinação como negativo. Por isso, nas relações entre as coisas, as determinações são interdeterminadas ou codeterminadas⁷⁸. Segundo Hegel:

⁷⁷ Nesse aspecto, entendemos que nossa interpretação está de acordo com a interpretação de Berti. Cf. BERTI, 2013, p. 301.

⁷⁸ Nas palavras de Winfield: “As determinações polares de positivo e negativo fornecem apenas esta relação. Positivo e negativo caem em contradição, uma vez que suas identidades distintivas dependem de sua oposição, embora em essa oposição, eles desempenham papéis indistinguíveis.” (WINFIELD, 2018, p. 155, tradução nossa). No idioma original: “The polar determinations of positive and negative provide just this relationship. Positive and negative fall into contradiction since their distinctive identities depend upon their opposition, yet in that opposition, they play indistinguishable roles.” (WINFIELD, 2018, p. 155).

Algo é *em si* positivo ou negativo, na medida em que ele não deve ser determinado assim meramente *frente a outro*. Mas, se o positivo ou o negativo não são enquanto ser posto e, com isso, não são enquanto contraposto, cada um é o imediato *ser e não ser*. O positivo e o negativo são, porém, os momentos da oposição, o ser em si dos mesmos constitui apenas a forma de seu ser refletido dentro de si. Algo é *em si* positivo, fora da relação com o negativo; e algo é *em si* negativo, fora da relação com o positivo; nessa determinação, mantém-se firme meramente o momento abstrato desse ser refletido. Só que o positivo ou o negativo *que é em si* significa essencialmente que estar contraposto não é meramente momento, nem pertence à comparação, mas é a determinação *própria* dos lados da oposição. Portanto, eles não são positivos ou negativos *em si* fora da relação com outro, mas [de modo] que *essa relação*, e, com efeito, enquanto relação excludente, constitui a determinação ou o ser em si dos mesmos; nisso, eles são, portanto, ao mesmo tempo, positivos e negativos em si e para si. (HEGEL, 2017, p. 73-74, itálico do autor).

A oposição avança e aprofunda a interiorização das instâncias anteriores, especialmente em relação à diversidade. Isso exhibe uma nova camada que Hegel adentra em sua exposição. Primeiro, a identidade, em sua reflexão, se põe como outra de si e escancara a “natividade” que surge com o falar idêntico. Após, a diferença absoluta, mostra como a negatividade do nada, surgido na instância anterior, dá origem aos momentos de diferenciação. Na sequência, a diversidade, regressa ao estágio de indiferença externa e, com isso, evidencia-se a relação de interdeterminação ou codeterminação das coisas, o que, por sua vez, deságua na oposição. De acordo com Hegel:

Na medida em que a determinação autossubsistente de reflexão, sob o mesmo aspecto em que ela contém a outra e, através disso, é autossubsistente, exclui a outra, ela, em sua autossubsistência, exclui de si sua própria autossubsistência, pois essa consiste em conter dentro de si sua outra determinação e, unicamente através disso, em não ser relação com um externo, – mas, de modo igualmente imediato, consiste em ser ela mesma e em excluir de si sua determinação negativa. Assim, a determinação autossubsistente de reflexão é a *contradição*. (HEGEL, 2017, p. 78-79, itálico do autor).

A oposição se mostra como parte fundamental do processo genético que procuramos expor. A relação entre os conceitos de oposição e de contradição é o centro de uma discussão importantíssima. Na literatura filosófica que se seguiu após Hegel, é comum encontrar acusações, dirigidas ao filósofo, sobre sua “confusão” entre o par *contradição e*

contraditórios com o par *contrariedade e contrários*⁷⁹. Porém, nos parece que essa acusação é descabida⁸⁰.

Entendemos que a acusação de “confusão”, por parte de Hegel, em relação à contradição e à contrariedade pode ser equiparada ao que Bordignon denomina de interpretação metafórica da contradição. Essa interpretação está diretamente relacionada com a compreensão, denominada comumente no âmbito da filosofia de Hegel, da unidade dos opostos⁸¹. Não considerando a unidade dos opostos propriamente uma contradição, mas sim como uma espécie de oposição. Assim, a palavra “contradição” é empregada com um sentido

⁷⁹ Apesar de, em 1993, publicar o livro *Sobre a contradição*, que aborda a contradição em Hegel sem associá-la, ao menos não claramente, à contrariedade, o maior expoente desta vertente no Brasil possivelmente é Carlos Roberto Velho Cirne-Lima (1931-2020). Em 2007, ele expôs diretamente, sem deixar quaisquer dúvidas, sua interpretação. Nas palavras de Cirne-Lima: “O segundo grande erro de Hegel é mais um problema de terminologia combinado com certa ambigüidade. O filósofo fala constantemente da contradição como motor do sistema. Só que todos os lógicos a partir de Aristóteles até hoje dizem que quem não respeita o princípio da não-contradição perde o uso da razão e ‘fica reduzido ao estado de planta’. E Hegel diz que a contradição é o motor do sistema... Essa é uma objeção que os lógicos e a filosofia analítica fazem contra Hegel e que os hegelianos não conseguem responder. Se contradição é algo tão ruim, se ela nos tira o uso da razão, como é que em Hegel a razão funciona e se movimenta mediante a contradição? A resposta que eu dou, e nesse ponto eu estou quase sozinho, acompanhado apenas por Eduardo Luft, que foi meu aluno, e por Klaus Düsing, na Alemanha, é que quando Hegel fala em contradição, ele deveria estar falando em contrariedade. Junto comigo, Düsing não apenas aceita, mas defende essa teoria. Em lógica, contradição é diferente de contrariedade. Na contradição, se um pólo é verdadeiro, o outro é falso, e é impossível que ambos sejam falsos. Ora, em Hegel, tese e antíteses são falsas, e isso é possível na contrariedade, mas não é possível na contradição. Daí então se coloca a minha correção em Hegel e dizer que quando ele fala em contradição, entenda-se contrariedade.” (CIRNE-LIMA, 2007, p. 30). Diferentemente do que Cirne-Lima afirma, ele não está quase sozinho nessa interpretação. Illetterati menciona outros estudiosos que, segundo ele, vinculam-se a esta interpretação. Forster, apesar de não mencionar esta interpretação exatamente do mesmo modo, também menciona estudiosos que enfraquecem o significado da contradição e dizem que ela significa outra coisa. Alguns dos nomes citados por eles são: Fulda, Findlay e Theunissen. Cf. ILLETTERATI, 2015, p. 131-133; FORSTER, 2014, p. 171-172. Também Landucci aborda o que seria a interpretação metafórica da contradição e menciona outros nomes. Cf. LANDUCCI, 1978, p. 43-45. Apesar de não ser mencionado, pensamos que Burbidge e Inwood também parecem se encaixar na descrição. Cf. BURBIDGE, 2008, p. 54; INWOOD, 2020.

⁸⁰ Essa interpretação, que defende que Hegel confunde contradição e contrariedade, parece surgir com Friedrich Adolf Trendelenburg (1802-1872), especialmente com a publicação, em 1840, do livro *Logische Untersuchungen* e fortalecida após a publicação do livro *Die logische Frage in Hegels System* em 1843. Sobre a relação Trendelenburg-Hegel, recomendamos *F. A. Trendelenburg – A questão lógica no sistema de Hegel: dois panfletos* (2018) de de Freitas. Brauer indica que uma interpretação parecida pode ser encontrada no livro *Ciò che è vivo e ciò che è morto nella filosofia di Hegel: studio critico seguito da un saggio di bibliografia hegeliana*, publicado em 1906, de Benedetto Croce (1866-1952). Lá, segundo Brauer, Croce afirma que Hegel confunde “contrários” e “distintos”. Cf. BRAUER, 1988, p. 324. No artigo *Contrariety and Contradiction: Hegel and the ‘Berliner Aristotelismus’* (2015), Ficara apresenta interpretações, feitas por Karl Ludwig Michelet (1801-1893) e Anton Bullinger (1831-1910), sobre o conceito de contradição de Hegel. Nos parece que as interpretações que surgiram logo após a morte de Hegel influenciaram drasticamente o modo como este foi entendido pela filosofia precedente, em especial no século XX. Em *After Hegel: German Philosophy, 1840-1900* (2014), ainda que não seja seu foco e principal objetivo, Beiser fornece indícios interessantes sobre como as interpretações da filosofia de Hegel que foram feitas após sua morte, possuíam vieses específicos, que se relacionavam aos contextos de cada época.

⁸¹ Cf. BORDIGNON, 2015, p. 30.

metafórico, pois não estaria significando verdadeiramente uma contradição, mas apenas uma forte oposição.

Hegel entende a negação como parte necessária e constituinte da concepção de identidade. Para ele, a afirmação “ x é igual x ” é vazia e tautológica e, portanto, não aprende nada de novo⁸². É como se, para descrever o que é um determinado objeto, disséssemos, por exemplo, que Deus é Deus, o bem é o bem, ou que a verdade é a verdade, entre outros inúmeros exemplos fornecidos por Hegel⁸³. No entanto, Hegel afirma que a determinação é negação⁸⁴. Ou seja, a afirmação de que “ x é igual x ” é constituída também pela afirmação negativa de que “ x não é igual z ”. Paralelamente, Hegel argumenta que a identidade é a identidade por meio de sua relação com a diferença. Logo, Hegel conclui que a identidade é diferente nela mesma, pois ela contém em si o seu oposto. Para Hegel, há uma identidade na diferença, pois existe uma relação entre a identidade e a diferença, na qual ambas são indispensáveis e caracterizam-se mutuamente⁸⁵. McTaggart denomina isso de síntese da identidade e da diferença⁸⁶.

Portanto, essa leitura da contradição baseia-se na compreensão do termo “contradição” de um modo em que ele não é realmente entendido como contraditório. Todavia, ainda que a contradição não seja compreendida como uma contradição de fato, mas apenas como uma contradição metafórica, ela possui o caráter de ser “verdadeira”. A contradição é entendida como uma unidade de opostos, mas uma unidade de opostos não contraditórios, pois uma propriedade contém outra propriedade negativa em si. Ou seja, x contém z , porém x contém z como negação. Logo, ambas as propriedades são unidas, relacionadas e, além disso, são pensadas somente uma através da outra. Entretanto, enquanto x é afirmado, z , por sua vez, é

⁸² Cf. HEGEL, 2016, p. 39; HEGEL, 2017, p. 58.

⁸³ Cf. HEGEL, 2012A, p. 228-229, §115, Z1; HEGEL, 2016, p. 39.

⁸⁴ Cf. HEGEL, 2012A, p. 187, §91, Z1; HEGEL, 2016, p. 106; HEGEL, 2016, p. 117.

⁸⁵ Cf. MAGEE, 2010, p. 66-67.

⁸⁶ Cf. MCTAGGART, 1910, p. 116.

negado.. Assim, ambas as propriedades, sendo opostas, não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.

De acordo com Bordignon, a interpretação metafórica da contradição baseia-se em dois pressupostos: (1) compreensão de que aquilo que pode ser contraditório cabe apenas à esfera do discurso ou à esfera do pensamento, mas não cabe à esfera da realidade, ou seja, a contradição é entendida como concernente ao âmbito discursivo e reflexivo, ou seja, a linguagem e o pensamento sobre as coisas podem ser contraditórios, mas não as próprias coisas e, conseqüentemente, (2) a distinção entre duas espécies de oposições, a oposição lógica e a oposição real, ou seja, o plano lógico, reflexivo, discursivo e o plano ontológico, real⁸⁷.

No *Ensaio para introduzir o conceito de grandezas negativas na filosofia (Versuch den Begriff der negativen Größen in die Weltweisheit einzuführen)* de 1763, Kant define a oposição lógica como a oposição caracterizada pela contradição. Essa espécie de oposição pode ocorrer em dois casos: (1) em um juízo, quando se nega o predicado que já está contido no sujeito – por exemplo, a sentença “todo triângulo não possui três lados”, visto que “possuir três lados” é propriamente a definição de triângulo e, portanto, afirmar que todo triângulo não possui três lados é o mesmo que afirmar que aquilo que possui três lados não possui três lados – ou (2) entre dois juízos, quando cada um dos juízos nega o outro – por exemplo, as sentenças “todo triângulo possui três lados” e “todo triângulo não possui três lados”, pois o mesmo sujeito é expresso com predicados opostos e excludentes⁸⁸.

A oposição real, por sua vez, não acarreta contradição, pois seu âmbito não é a esfera lógica⁸⁹. Ela ocorre, por exemplo, no caso de duas forças de intensidades iguais que são

⁸⁷ Ambos os pressupostos apresentados relacionam-se com distinções da filosofia de Kant. Cf. KANT, 1911, p. 222; KANT, 1912, p. 164-204; BORDIGNON, 2015, p. 34-35.

⁸⁸ Ou, como exemplifica Kant, um corpo que está em movimento e, simultaneamente, não está em movimento. Cf. KANT, 1912, p. 171-172

⁸⁹ Cf. BORDIGNON, 2015, p. 35.

exercidas em direções opostas, onde uma anulará a outra, assim como anulará o estado de quietude de cada um dos corpos. Nas palavras de Kant:

Ela [a oposição lógica] consiste no seguinte: de uma única e mesma coisa, afirma-se e nega-se algo ao mesmo tempo. A consequência dessa conexão lógica é *absolutamente nada* (*nihil negativum irrepraesentabile*), como o exprime o princípio de contradição. Um corpo em movimento é algo, um corpo que não está em movimento é também algo (*cogitabile*); no entanto, um corpo que, ao mesmo tempo, e justamente sob a mesma relação, estivesse e não estivesse em movimento é absolutamente nada. A segunda oposição, vale dizer, a real, é aquela em que dois predicados de uma coisa são opostos, mas não pelo princípio de contradição. Aqui também se suprime algo que é posto pelo outro; contudo, a consequência é algo (*cogitabile*). A força motriz de um corpo que se dirige a uma região, bem como um esforço igual do mesmo corpo na direção oposta, não se contradizem e, como predicados, são possíveis ao mesmo tempo num corpo (KANT, 2005, p. 57-58, grifo do autor).

Contudo, não podemos interpretar a lógica de Hegel através do paradigma estabelecido por Kant, fazendo uso de distinções kantianas, como entre ser e pensar, lógica e ontologia etc., pois a filosofia de Hegel é constituída por uma identidade entre ser e pensar, lógica e ontologia etc., portanto, a distinção entre oposição lógica e real, afirmada por Kant, perde a sua validade⁹⁰. Esclarece Berti:

De fato, Hegel observa que, do ponto de vista da reflexão, isto é, do intelecto, entre os termos opostos da antinomia, isto é, entre sujeito e objeto, ou entre finito e infinito, há uma oposição somente ideal, sem possibilidade de síntese: “A razão, porém, os sintetiza na antinomia e, assim fazendo, os anula. Se uma oposição ideal é obra da reflexão, que se abstrai completamente da absoluta identidade, uma oposição real é, pelo contrário, obra da razão que põe como idênticos os opostos não somente na forma do conhecer, mas também na forma do ser, que impõe como idênticas identidade e não identidade”. Aqui a posição de Kant é literalmente revirada: a oposição real, que Kant havia considerado “sem contradição”, é identificada com a autêntica antinomia, isto é, com a contradição, e por isso é reconduzida a uma síntese isto é, é considerada como plenamente real e racional, ao passo que uma antinomia sem síntese, como aquela que Kant admite, é considerada como puramente ideal, isto é, formal. (BERTI, 2013, p. 276).

É evidente que Hegel expõe o par *contradição e contraditórios*, como se verá nas próximas páginas. A contradição é a instância que precede o fundamento. Ela nomeia sua

⁹⁰ Brauer indica ao menos um estudioso que considera que Hegel errou ao identificar oposição lógica e oposição real. Cf. BRAUER, 1988, p. 324. Entendemos que essa identificação, por parte de Hegel, não é um erro, mas sim uma consequência fundamentada em sua concepção de lógica e de metafísica.

seção e nela é analisada⁹¹. O par *contrariedade e contrários* não nomeia seção alguma, mas, ao nosso ver, é analisado na seção dedicada à oposição. Assim, o que Hegel entende por “oposição” é justamente aquilo que é chamado de “contrariedade”. Nossa hipótese pode ser defendida com o auxílio de dois pontos: (1) a própria exposição da *Ciência da Lógica* de Hegel, que distingue oposição e contradição, e (2) a análise histórica da difusão da lógica e de sua história ainda na época de Hegel, assim como do conhecimento destas por parte do filósofo.

Em relação ao primeiro ponto, é preciso lembrar que a oposição, em comparação com a contradição, é uma noção mais fraca. A oposição é uma incompatibilidade menos resistente. Isso ocorre por conta da interiorização dos pólos contrários, que ainda não se encontram em uma dimensão mais profunda, como é o caso dos pólos contraditórios. Por isso, a oposição é logicamente precedente da contradição. Do mesmo modo, a contrariedade, em comparação com a contradição, é entendida como uma noção mais fraca de oposição. Há, portanto, um paralelo entre a posição ocupada pela contrariedade (na lógica habitual) e a posição ocupada pela oposição (na lógica de Hegel). Pensamos que essa posição, que é ocupada por ambas segundo as exigências do contexto linguístico, é a mesma.

Em relação ao segundo ponto, Pluder sugere que o quadrado das oposições, baseado na lógica de Aristóteles, desenvolvido e difundido por meio da filosofia escolástica, era de óbvio conhecimento dos filósofos, lógicos e cientistas da época de Hegel⁹². O quadrado das oposições representa as formas lógicas da lógica de Aristóteles, distinguindo entre

⁹¹ Pode-se defender a hipótese de que Hegel faz uso da palavra “contradição” de modo metafórico. Segundo essa interpretação, a palavra “contradição”, quando usada por Hegel, não significaria necessariamente uma contradição, mas apenas uma forte oposição. Essa oposição, portanto, poderia ser uma contrariedade. Todavia, aqui não concordamos com essa hipótese. Pensamos que se Hegel distingue oposição e contradição, tanto conceitualmente quanto na própria divisão do livro, é porque ele deseja especificá-las e não misturá-las por meio de artifícios polissêmicos. A interpretação da contradição como metáfora pode ser encontrada no livro *Ai Limiti della Verità: il problema della contraddizione nella logica di Hegel* (2015) de Bordignon.

⁹² Segundo Pluder, entre 1810 e 1870 foram publicados, ao menos, quatrocentos e vinte livros sobre lógica no que hoje chamamos de Alemanha. Pluder investigou cento e vinte desses livros. Destes, dezenove contém imagens e referências ao quadrado das oposições. Cf. PLUDER, 2022, p. 124. Pensamos que o número final, de livros que mencionam o quadrado das oposições, subiria drasticamente caso se analisasse todos os livros publicados no período.

contraditórios, contrários, subcontrários e subalternos⁹³. Julgamos que a ampla difusão e o fácil acesso e, conseqüentemente, conhecimento desse material, é um fator importante para avaliar a possível “confusão” de Hegel entre contradição e contrariedade. Nos parece pouco provável que acadêmicos que se interessavam e estudavam questões relacionadas à lógica, à argumentação e às ciências em geral, que conhecessem o quadrado das oposições, considerando sua difusão já na época. Em seu estudo, Pluder expõe como a lógica, de acordo com a visão comum daquela época, era considerada acabada e pronta desde Aristóteles, o que por sua vez, coincide com as diversas afirmações de Hegel sobre a lógica e sua história. Nas palavras de Pluder:

Existem, é claro, muitas explicações possíveis para a relativa raridade do quadrado neste período da filosofia alemã. Uma razão pode ser que os lógicos dessa época simplesmente não estavam familiarizados com ela. Ou, ao contrário, podem ter pensado que era óbvio demais para merecer menção. Alternativamente, é possível que os lógicos pensassem que lógica e diagramas como o quadrado não combinavam bem. A primeira explicação de que eles não estavam familiarizados com o quadrado pode ser descartada, não apenas pela presença de quadrados sofisticados em livros sobre a história da lógica, mas também pelos quadrados muito rudimentares que podem ser encontrados em notas de rodapé sem maiores explicações sobre o que eles deveriam ilustrar [...]. Os autores devem ter presumido que seus leitores não teriam problemas para entender o que significava um quadrado no contexto da lógica. A segunda explicação para a raridade do quadrado é muito mais convincente: foi considerada tão óbvia que ninguém se preocupou em olhar mais de perto. Essa ideia corresponde a uma visão muito comum da lógica no mundo de língua alemã até o final do século XIX. Schopenhauer, para citar apenas um exemplo, afirmava que Aristóteles já havia descrito a lógica a um ‘grau de perfeição’ [...] quando a lógica foi ‘corretamente considerada como um ramo de conhecimento exclusivo, auto-subsistente, autocontido, acabado e perfeitamente seguro, para ser cientificamente tratado por si só e independentemente de tudo o mais’ [...]. A crença de que a lógica é uma ciência que já havia se aproximado da perfeição no mundo antigo e que quase não havia nada de novo a ser encontrado nesse campo foi formulada de forma célebre por Kant, que observou o fato de que “desde a época de Aristóteles ela [lógica] não teve que dar um passo para trás [...]. Diante desse pano de fundo, a maioria dos lógicos deve ter considerado desnecessário explicar algo tão evidente quanto o quadrado da oposição. (PLUDER, 2022, tradução nossa, p. 128)⁹⁴.

⁹³ Para explicações detalhadas e abrangentes do quadrado das oposições, seus usos ao longo da história da filosofia e suas funções na filosofia e na lógica de nossa época, recomendamos as coletâneas *Around and Beyond the Square of Opposition* (2012) organizada por Béziau e Jacquette, *The Square of Opposition: A Cornerstone of Thought* (2017) organizada por Béziau e Basti, *The Exoteric Square of Opposition* (2022) organizada por Béziau e Vandoulakis.

⁹⁴ No idioma original: “There are, of course, many possible explanations for the relative rareness of the square in this period of German philosophy. One reason could be that the logicians of this time were simply unfamiliar with it. Or, on the contrary, they might have thought it was too obvious to merit mentioning. Alternatively, it is possible that the logicians thought that logic and diagrams like the square did not go well together. The first explanation that they were unfamiliar with the square can be ruled out, not only because of the presence of

Ao nosso ver, é de esperar que um estudioso como Hegel, que se interessava pelos mais diversos assuntos, conhecesse algo de ampla divulgação nos meios filosóficos. Ainda mais se considerarmos que Hegel estudava, escrevia e lecionava sobre a lógica, sua história e seus problemas.

Todavia, mesmo que se desconsidere o segundo ponto, pois alguém pode pensar que a argumentação não é suficientemente forte e convincente, o primeiro ponto, ainda assim, nos parece forte o suficiente para dismantelar a ideia de que há confusão, por parte de Hegel, em relação à duas noções centrais da lógica, a saber: contradição e contrariedade.

sophisticated squares in books on the history of logic but also because of the very rudimentary squares that can be found in footnotes without any further explanations of what they are supposed to illustrate [...]. The authors must have assumed that their readers would have no problem understanding what was meant by a square in the context of logic. The second explanation for the rareness of the square is far more convincing: it was deemed so obvious that no one bothered to take a closer look. This idea corresponds to a very common view of logic in the German-speaking world up until the end of the nineteenth century. Schopenhauer, to name just one example, claimed that Aristotle had already described logic to an ‘extent of perfection’ [...] that left barely anything more to add in order to bring it to the state it had attained in the nineteenth century, when logic was ‘rightly regarded as an exclusive, self-subsisting, self-contained, finished, and perfectly safe branch of knowledge, to be scientifically treated by itself alone and independently of everything else’ [...]. The belief that logic is a science that had already been brought close to perfection in the ancient world and that there was hardly anything new to be found in this field was famously phrased by Kant, who remarked on the fact that ‘since the time of Aristotle it [logic] has not had to go a single step backwards [...]. Against this background, most logicians must have thought it unnecessary to explain something as self-evident as the square of opposition.’ (PLUDER, 2022, p. 128).

4. A contradição na *Doutrina da Essência*⁹⁵

Para desenvolver adequadamente o conceito filosófico de contradição é preciso construir um nexus coerente com os conceitos de identidade, diferença absoluta, diversidade e oposição. Estes foram analisados no capítulo anterior. Para Hegel, a importância da contradição se dá pois devemos pensar através dela, ao invés de deixá-la estagnar nossos pensamentos. A estrutura das coisas, que é contraditória, só pode ser compreendida se conseguirmos alcançar o movimento no qual os elementos contraditórios estão integrados⁹⁶. Logo, a contraditoriedade é parte determinante do real.

Já é possível observar, com base em sua gênese, como a contradição, para Hegel, encontra-se em um grau mais elevado de significação do que aquele que lhe é habitualmente atribuído. Hegel não expõe a contradição meramente como uma falsidade que, apenas aparentemente, unificaria os pólos contraditórios em um nível primário. Mas, ao invés disso, ele mostra o desenvolvimento dos conceitos em uma articulação que progressivamente se torna mais complexa.

As determinações lógicas, expostas por Hegel ao longo de sua lógica, vão, à medida em que se desenvolvem, rompendo paulatinamente com suas camadas superficiais, adentrando na essência das coisas e adquirindo novas significações em variados níveis conceituais⁹⁷. Ou seja, a contradição não é mais entendida como uma relação de

⁹⁵ Partes do capítulo que se segue foram publicadas inicialmente em forma de capítulo de livro. Aqui, os conteúdos foram usados parcialmente e modificados quando preciso. Cf. SILVA, G. R.; NOVELLI, P. G. A. A contradição na lógica de Hegel. In: TASSINARI, R. P.; BAVARESCO, A.; MAGALHÃES, M. M. (Orgs.). *Hegel e a Contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 315-329.

⁹⁶ Cf. EMUNDTS, 2022.

⁹⁷ Ao longo do terceiro capítulo desta dissertação, nomeado 3. *A gênese da contradição na Doutrina da Essência*, procuramos mostrar como a identidade, a diferença absoluta, a diversidade e a oposição nos levam à contradição, isto é, estudamos a gênese lógica do conceito especulativo de contradição. Aqui, fazemos referência ao modo como Müller (1993) nomeia processo semelhante. Uma característica que enfatizamos em nossa exposição é o aprofundamento ou a interiorização que ocorre neste processo e, como consequência, o modo como a contradição *emerge* justamente quando se alcança o ponto mais interior. Todavia, gostaríamos de mencionar brevemente a interpretação de Brown deste processo. Brown (2019; 2020) apresenta o que ele chama de “a interpretação de substituição”. Apesar de ser bastante interessante, ela não coincide com a nossa interpretação. Segundo Brown, a interpretação de substituição defende que, na seção dedicada ao fundamento

incompatibilidade, na qual dois elementos opostos se excluem, uma relação na qual não é possível a existência concomitantemente de elementos contraditórios. A contradição é responsável por mover o processo lógico, gerando novos conteúdos de modo autêntico⁹⁸.

Ao expor a categoria da contradição, Hegel mostra como todas as coisas são em si mesmas contraditórias, ressaltando a autonegação ou a autoexclusão como uma característica determinante das coisas⁹⁹. Assim, a contradição, para Hegel, pode ser compreendida como autocontradição, visto que as coisas, que são contraditórias em si mesmas, autoreferem-se às suas próprias determinações internas¹⁰⁰.

Hegel não relega falsidade ou inverdade à contradição, como se ela fosse impensável, mas afirma seu caráter ontológico e verdadeiro, o que, por sua vez, pode ser ainda melhor compreendido quando se analisa sua lógica, respaldando-se em sua concepção de metafísica. Por um lado, Hegel se desvincula do significado padrão da contradição, quase majoritário na

(Grund), que vem após a seção dedicada à contradição, há a revelação de que a contradição sempre esteve presente, ainda que implicitamente, nas formulações anteriores (da diversidade e da oposição). Apesar de não concordamos com esse ponto, não nos parece problemático defendê-lo, ainda que seja preciso elucidar o que se entende por contradições implícitas ou contradições não integralmente desenvolvidas. Todavia, logo em seguida Brown expõe duas premissas da interpretação de substituição. A primeira: “Porque o ser é fundamentalmente auto-contraditório, é necessário que o pensamento pense a contradição, mesmo que esta tarefa seja impossível.” (BROWN, 2020, p. 91, tradução nossa). No idioma original: “Because being is fundamentally self-contradictory, it is necessary for thought to think contradiction, even though this task is impossible.” (BROWN, 2020, p. 91). A segunda: “E, no entanto, o pensamento consegue pensar a contradição indirectamente através da mediação de outros conceitos aparentemente não contraditórios.” (BROWN, 2020, p. 91, tradução nossa). No idioma original: “And yet thought nevertheless succeeds at thinking contradiction indirectly through the mediation of other seemingly non-contradictory concepts.” (BROWN, 2020, p. 91). As premissas da nos parecem problemáticas, assim como algumas de suas consequências. Seguindo a exposição de Brown, observamos que a interpretação de substituição define contrários e contraditórios como mera relação de mediação. Nas palavras de Brown: “A única adição que o substitucionista faz é enquadrar a diferença entre contrários e contraditórios como relação de mediação. Os defensores da teoria da substituição afirmam que os contrários e contraditórios não são completamente separados, mas, ao invés disso, que os contrários expressam contradições de forma não contraditória.” (BROWN, 2020, p. 94, tradução nossa). No idioma original: “The only addition that the substitutionist makes is to frame the difference between contraries and contradictories as a relationship of mediation. Proponents of the substitution theory claim that contraries and contradictories are not completely separate but, instead, that contraries express contradictions in a non-contradictory way.” (BROWN, 2020, p. 94). Nos parece que essa nivelção entre contrários e contraditórios não ocorre em Hegel. Além disso, não entendemos como é possível expressar contradições de um modo não contraditório. Por outro lado, pensamos que, para Hegel, a contradição é pensável por ela mesma, sem necessidade de auxílios, mediações e oposições mais fracas. Também pensamos que a contrariedade e a contradição são espécies distintas de oposição que, apesar de estarem relacionadas, não devem ser niveladas. Certamente, a primeira é mais fraca do que a segunda.

⁹⁸ Cf. HORSTMANN, 1999, p. 279-280; HORSTMANN, 2009, p. 196.

⁹⁹ Cf. MÜLLER, 2019, p. 143.

¹⁰⁰ Cf. DE BOER, 2010A.

história da filosofia até então, visto que sua nova lógica é parcialmente incompatível com a lógica tradicional¹⁰¹.

Na contradição, a interiorização atinge a maior profundidade vista desde então. A contradição ultrapassa a relação da oposição, calcada na relação dos pólos por meio de seus vínculos positivos e negativos, e alcança o estatuto de uma relação internamente conflituosa. A contradição não se dá entre coisas diversas, sejam elas conceitos, categorias, objetos, mas se dá entre a mesma coisa, por isso, autocontradição.

No processo de gênese da contradição, indicado nas páginas precedentes, as determinações lógicas vão se aprofundando e criando novas relações em camadas mais interiores. Desde o início de nossa exposição genética, ainda na identidade, perpassando a diferença absoluta, a diversidade e a oposição, procuramos enfatizar o processo de interiorização que é desenvolvido nestes conceitos. Pode parecer repetitivo, mas entendemos que a importância de tal ênfase é justificada pela adequada compreensão da contradição em Hegel. O conceito de contradição como conceito de autocontradição, por meio da autonegação e autoexclusão, só pode ser adequadamente alcançado caso o conceito de contradição “tradicional”, que fundamenta-se na noção de opostos externos, seja superado. A contradição, para Hegel, não será simplesmente entre x e z mas entre x e x , isto é, algo consigo mesmo. Na contradição, a relação com o outro é uma relação de segundo grau. A contradição é o querer excluir de si aquilo que lhe determina. Mas, excluir o que lhe determina é excluir, em última instância, aquilo que o objeto mesmo é. Por isso, autocontradição, autonegação e autoexclusão. Na contradição, a coisa nega a si mesma e deseja excluir de si essa parte que nega. Mas, ao perceber que essa parte que nega, por meio das determinações positivas e negativas, é ela mesma, a contradição emerge. O caráter essencial do processo descrito é justamente a interiorização da contradição. Por isso, pode-se afirmar que todas as coisas são *em si mesmas* contraditórias.

¹⁰¹ Cf. HORSTMANN, 1999, p. 280.

Aqui, precisamos fazer um parêntese e observar que nos trechos estudados podemos encontrar uma espécie de metodologia bastante comum por parte de Hegel. Por um lado, Hegel desenvolve os conceitos de modo lógico. Ou seja, a partir das categorias iniciais na esfera do ser que se desenvolvem e rumam para a essência e desta para o conceito. Este primeiro modo de tratamento metodológico pode ser entendido como o conhecimento fundamentado por si mesmo, do qual nada pode ser antecipado sem que se perca o rigor científico. Nele, encontra-se o desenvolvimento lógico, como vimos nas páginas precedentes. Todavia, por outro lado, é comum que Hegel teça balanços histórico-críticos sobre a filosofia e sua história. Este segundo modo de tratamento metodológico não se contrapõe ao primeiro, mas também não o complementa, visto que o conhecimento fundamentado por si mesmo, através de seus conteúdos científicos, não necessita de algo exterior a ele próprio para explicá-lo. Entretanto, o segundo modo de tratamento ainda é bastante válido e enriquecedor para aqueles que, como nós, desejam elucidar a maneira como Hegel entende sua própria filosofia e outras filosofias.

Nos parece que esses modos de tratamento podem ser compreendidos à luz da diferenciação entre conhecimento histórico e conhecimento científico¹⁰². Nesse sentido, Hegel fará o mesmo nos trechos aqui analisados. Primeiro, ele expõe os conceitos de identidade, diferença absoluta, diversidade, oposição e contradição. Após a exposição de cada um deles, Hegel analisa o modo como foram entendidos na história da filosofia. De acordo com Hegel, na história da filosofia, os conceitos de identidade, diferença absoluta, diversidade, oposição e contradição, foram entendidos como princípios lógicos. A seguir abordaremos a análise

¹⁰² Em outra passagem, Hegel distingue entre material exterior e material interior. Ao nosso ver, essa distinção baseia-se em dois conteúdos que são apreendidos de modo diverso. Um é apreendido historicamente, surgindo através do estudo e da compreensão do desenvolvimento histórico. Outro é apreendido logicamente, isto é, um conteúdo que independe do desenvolvimento histórico precedente e, portanto, é um conteúdo que pode ser alcançado cientificamente por si. Tal distinção já foi mencionada por nós no primeiro subcapítulo, nomeado 2.1 *A caracterização inicial da lógica*, do segundo capítulo, nomeado 2. *O que é a Doutrina da Essência?*. Cf. p. 23-24 e nota de rodapé 49 desta dissertação.

histórica de Hegel sobre estes conteúdos por meio de um breve paralelo da exposição clássica dos princípios lógicos, esta encontra-se em Aristóteles¹⁰³.

4.1. Os princípios lógicos em Aristóteles

O princípio da identidade e princípio do terceiro excluído, não foram tratados sob a alcunha de “princípio” por Aristóteles, mas apenas o princípio da não contradição. O princípio da identidade originou-se a partir da busca dos filósofos escolásticos, ao longo do século XIV, em expressar de modo mais simples e mais econômico o princípio da não contradição, que, por sua vez, já era considerado como estabelecido. A argumentação dos filósofos baseava-se em dizer que a afirmação “algo é algo” é mais simples e, portanto, antecede logicamente, a afirmação “não é o caso que algo e não algo”. Desse modo, a nova formulação se difundiu.

Todavia, foi somente com os escritos de Wolff, já no século XVII, que a identidade se estabeleceu como princípio. Contudo, nessa época, o princípio da identidade ainda era considerado como um princípio derivado do princípio de não contradição. Wolff argumenta que se é falso que uma mesma coisa seja e não seja, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, então é verdade que uma mesma coisa seja e seja, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, pois, se ela fosse e não fosse, acarretaria uma contradição, o que, por sua vez, é falso.

Em relação ao princípio da não contradição, primeiramente, precisamos esclarecer as divergências do modo como ele é denominado. Pois, em alguns casos, o denominam de “princípio da não contradição” e, em outros casos, de “princípio da contradição”. Aqui, optamos pela primeira opção, pois é justamente desse modo que Aristóteles o denomina.

¹⁰³ Aqui, a intenção é não fazer um estudo detalhado sobre os princípios lógicos em Aristóteles, o que demandaria um estudo à parte, mas apresentar o modo como Hegel entende, expõe e critica os princípios lógicos aristotélicos.

O princípio da não contradição, conforme estabelecido por Aristóteles, foi considerado por muitos séculos como o princípio basilar da metafísica. Pois consideravam que algo contraditório é inevitavelmente algo falso e a partir disso verificavam a validade do discursivo filosófico. Tal princípio foi mencionado e debatido inúmeras vezes ao longo da história da filosofia, por exemplo, pelo francês René Descartes (1596-1650), pelo inglês John Locke (1632-1704) e pelos alemães Leibniz, Wolff, Kant.

No que concerne ao princípio do terceiro excluído, sua história está diretamente ligada ao princípio da não contradição. Ele foi exposto por Aristóteles, mas ainda de um modo elementar, melhor desenvolvido por Leibniz e também discutido por vários filósofos, como Kant e Hegel.

Menções e exposições dos princípios lógicos, algumas mais desenvolvidas e outras menos, podem ser encontradas em diversas obras de Aristóteles, principalmente naquelas que compõem o seu *Órganon* (*ὄργανον*)¹⁰⁴, as quais são: *Categorias* (*Κατηγορίαι*); *Da Interpretação* (*Περὶ Ἑρμηνείας*), *Analíticos Anteriores* (*Ἀναλυτικῶν προτέρων*), *Analíticos Posteriores* (*Ἀναλυτικῶν ὑστερῶν*), *Tópicos* (*Τοπικά*), *Refutações Sofísticas* (*Σοφιστικοὶ Ἔλεγχοι*).

Também em sua *Metafísica*, mais precisamente no quarto capítulo, isto é, o livro Gama, e no décimo capítulo, isto é, o livro Iota, Aristóteles apresenta respectivamente o princípio da não contradição e o princípio do terceiro excluído. No que concerne ao princípio da não contradição, Aristóteles o explica de diversos modos. Todavia, aqui salientamos três definições, as quais são:

¹⁰⁴ De acordo com Kneale e Kneale: “Quando os escritos de Aristóteles foram reunidos pelos seus alunos depois da sua morte em 322 a. C., uma série dos seus tratados sobre o raciocínio foi agrupada e a coleção acabou por se chamar *Órganon*, ou instrumento da ciência. A palavra ‘lógica’ só adquiriu o seu sentido moderno 500 anos mais tarde quando foi usada por Alexandre de Afrodísias; mas o âmbito da investigação, mais tarde chamada lógica, foi determinado pelo conteúdo do *Órganon*.” (KNEALE; KNEALE, 1980, p. 25). Para uma ideia geral da história da lógica, recomendamos a leitura do livro *O desenvolvimento da lógica* (1962) de Kneale e Kneale e do livro *Uma guia de historia de la lógica* (1996) de Vega Reñón.

É impossível que a mesma coisa, ao mesmo tempo, pertença e não pertença a uma mesma coisa, segundo o mesmo aspecto. (ARISTÓTELES, *Metafísica* IV, 3 1005b 19-20, tradução nossa).

Pois, é impossível que alguém acredite que uma mesma coisa seja e não seja. (ARISTÓTELES, *Metafísica* IV, 3 1005b 24-25, tradução nossa).

Proposições contraditórias não podem ser verdadeiras simultaneamente. (ARISTÓTELES, *Metafísica* IV, 6 1011b 13-14, tradução nossa).

As três definições se diferenciam principalmente por se fundamentarem em camadas distintas da realidade. A primeira definição diz respeito ao âmbito ontológico, isto é, trata-se de uma “coisa”. A segunda definição diz respeito ao âmbito epistemológico, isto é, trata-se de “acreditar” em alguma coisa ou conhecê-la. A terceira definição diz respeito ao âmbito lógico, isto é, trata-se de “proposições”.

Contudo, em todas as definições, assim como em todos os âmbitos que elas implicam, Aristóteles afirma a impossibilidade de uma contradição verdadeira. Desse modo, para o filósofo, uma contradição significa, em última instância, uma falsidade. O princípio da não contradição estabelece que algo não pode ser x e z , considerando que x e z são valores opostos, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Ou seja, uma maçã pode ser metade vermelha e metade verde, pois ainda que seja o mesmo algo, isto é, a mesma maçã, estes são aspectos diferentes. De modo similar, uma maçã pode ser inteiramente verde nesse instante e vermelha daqui algumas horas, pois ainda que seja o mesmo algo, isto é, a mesma maçã, considera-se a passagem do tempo, que poderá modificá-la. Todavia, uma maçã não pode ser inteiramente verde e inteiramente vermelha ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto.

Após defini-lo, Aristóteles afirma que o princípio da não contradição pode ser demonstrado apenas por via de refutação¹⁰⁵. De acordo com ele, quando algo é afirmado, a negação deste algo é necessariamente negada. Por exemplo, se afirmamos que a cadeira é

¹⁰⁵ Cf. *Metafísica* IV, 4 1006a 12-14.

vermelha, logo, negamos que a cadeira não é vermelha. Será desse modo, que conseguiremos estabelecer a validade do princípio da não contradição.

O primeiro passo da demonstração, que ocorre por via de refutação, fornecida por Aristóteles é estabelecer o significado de uma palavra. No caso, ele escolhe a palavra “homem” e, logo após, estabelece seu significado como “animal bípede”. Entretanto, novos significados podem ser adicionados à palavra “homem”, como “animal racional”, “ser político”, entre outros¹⁰⁶. Após isso, deve-se encontrar os significados opostos aos significados estabelecidos para a palavra “homem”. No caso, “animal não bípede”, “animal irracional” e “ser apolítico”. Caso o princípio da não contradição seja falso, será possível estabelecer uma unidade dos significados da palavra “homem” e os significados opostos aos significados da palavra “homem”. Ou seja, se o princípio da não contradição é falso, logo, os significados afirmativos (animal bípede, animal racional, ser político) e os significados opostos aos significados afirmativos, isto é, os significados negativos (animal não bípede, animal irracional, ser apolítico) serão o mesmo. Desse modo, Aristóteles argumenta que se assim fosse, significaria que a essência de homem é igual ao que não é a essência de homem¹⁰⁷.

Além disso, Aristóteles conclui que ao validar a existência de contradições verdadeiras dissipa-se a possibilidade discursiva, pois, como vimos acima, as palavras e os seus significados tornam-se embaralhados, confusos, polimórficos e, portanto, vagos¹⁰⁸. Assim,

¹⁰⁶ Cf. *Metafísica* IV, 4 1006a 30-1006b 17.

¹⁰⁷ Cf. *Metafísica* IV, 4 1006b 10-14.

¹⁰⁸ Nas palavras de Dancy: “Esse argumento tem o efeito de construir a lei da não contradição na prática do uso significativo das palavras, da comunicação. Aristóteles teve seguidores nessa trilha: vimos o que Leibniz diz sobre isso no capítulo anterior, e também poderíamos ter visto o que diz Spinoza, McTaggart, Quine e, sem dúvida, outros. Uma maneira de resumir o efeito do argumento pode ser esta: se você aceitar uma contradição, não será capaz de dar um sentido a ela; em particular, na versão de Aristóteles, você não poderá dar sentido ao termo-predicado que figura nessa contradição.” (DANCY, 1975, p. 34, tradução nossa). No idioma original: “This argument has the effect of building the law of non-contradiction into the practice of using words significantly, of communicating. Aristotle has had followers along this trail: we found Leibniz on it in the previous chapter, and we could also have found Spinoza, McTaggart, Quine, and, no doubt, others. One way of summing up the effect of the argument might be this: if you accept a contradiction, you will not be able to give a sense to it; in particular, in Aristotle's version, you will not be able to give a sense to the predicate-term that figures in that contradiction.” (DANCY, 1975, p. 34).

através de uma redução ao absurdo, isto é, assumindo a falsidade da tese que se deseja provar, o argumento conclui uma contradição e, desse modo, Aristóteles demonstra a validade do princípio da não contradição¹⁰⁹.

O princípio do terceiro excluído, por sua vez, é apresentado por Aristóteles no capítulo dez da *Metafísica*, isto é, no livro Iota, mas ainda não como um princípio independente, pois ele está relacionado ao princípio da não contradição. Segundo Aristóteles, entre opostos contraditórios não existe meio termo, pois a contradição é uma oposição em que uma das partes está presente na outra e, portanto, não é possível que haja um meio termo¹¹⁰. Com isso, Aristóteles deriva a noção de terceiro excluído. Ou seja, *x é ou x não é*, não existe terceira possibilidade, não é possível que seja e não seja concomitantemente.

Em relação aos princípios lógicos apresentados por Aristóteles, observamos que o princípio da não contradição está no centro da discussão, visto que é o primeiro a se estabelecer como princípio e partir dele decorre o princípio do terceiro excluído. O mesmo ocorre com o princípio da identidade.

¹⁰⁹ É curioso que para demonstrar a validade do princípio da não contradição por via de refutação é necessário pressupor que a contradição é algo problemático, errôneo. Pois a demonstração por via de refutação, mencionada por Aristóteles, é uma demonstração por redução ao absurdo. Ou seja, primeiramente, assume-se que a tese que se deseja provar é falsa e, dessa falsidade, se alcança um absurdo. Todavia, o absurdo alcançado é justamente uma contradição e, com isso, afirma-se que uma contradição significa, em última instância, um absurdo. Mas o objetivo da demonstração é provar a falsidade da contradição. Nos parece, portanto, que a demonstração aristotélica é bastante fraca, pois recai em uma petição de princípio, visto que pressupõe a falsidade da contradição para “demonstrar” que a contradição é uma falsidade. Pensamos que o modo mais adequado de fundamentar o princípio da não contradição não seja recorrendo a demonstrações lógicas, pois elas serão insuficientes para isso, mas deve-se recorrer à experiência, a exemplos práticos, cotidianos e corriqueiros. Desse modo, o princípio da não contradição, em Aristóteles, se fundamenta mais em “crenças comuns” e “princípios comuns”, isto é, conhecidos pelas pessoas em suas práticas cotidianas, do que propriamente em sua demonstração lógica. Logo, a demonstração aristotélica do princípio da não contradição não deve ser entendida como demonstração ou, ao menos, não deve ser entendida como uma demonstração em sentido forte, ela não serve como prova (indireta ou não) do princípio da não contradição. Cf. DANCY, 1975, p. 1.; WINFIELD, 2018, p. 148.

¹¹⁰ Cf. *Metafísica X*, 7 1057a 33-35.

4.2. As proposições lógicas em Hegel

Nas partes apresentadas anteriormente, além de analisar os conceitos a partir de suas estruturas lógicas, Hegel também analisa aqueles que são conhecidos como os princípios lógicos. Essa dupla abordagem é bastante comum por parte de Hegel, que ao mesmo tempo explícita e acompanha o desenvolvimento próprio dos conceitos, também analisa criticamente a história da filosofia de sua época e de épocas precedentes.

Em relação a isso, a primeira diferença que se nota entre a tradição filosófica e a análise de Hegel é o modo de denominar os princípios lógicos. Na história da filosofia é habitual denominá-los por princípios lógicos, que expressam leis universais do pensamento. Hegel, por sua vez, opta por denominá-los por proposições lógicas¹¹¹. Entendemos que essa mudança de nomenclatura – de princípio (Prinzip) para proposição (Satz)¹¹² – é resultado de diferentes avaliações sobre o conteúdo.

Por princípio, entende-se o que serve de base e sustentação a alguma coisa, entende-se algo que norteia. Princípio é algo do qual se parte norteado por um objetivo. “Proposição”, que é o termo adotado por Hegel, perde o estimado grau que é atribuído ao termo “princípio”. Proposições podem ser verdadeiras ou falsas. Princípios, por sua vez, são norteadores de ações, como no âmbito político, ético e moral. Por exemplo, quando dizem que algo ou alguma atitude fere os princípios constitucionais ou os princípios pessoais de alguém. Também princípios podem ser norteadores de desenvolvimentos no âmbito científico e metafísico. Por exemplo, quando a partir de certos princípios se deduz o restante do sistema. Assim, com essa mudança de nomenclatura, Hegel já parece enfraquecer a noção de validade

¹¹¹ Cf. BERTI, 2013, p. 295.

¹¹² Aqui, seguimos a tradução da edição brasileira da *Ciência da Lógica*, que optou por traduzir “Satz” por “proposição”. A palavra “proposição” pode ser abarcada também pela palavra “Präposition” e a palavra “Satz” pode ser entendida também como “sentença” ou “oração”. Em Aristóteles, da Mata esclarece: “A palavra grega *hermeia*, que se traduziu por *interpretatio* em latim, significa a enunciação do pensamento, a proposição. Waitz, citando Biese, lembra que ‘A proposição é a expressão do pensamento reflexivo, o qual separa e combina.’” (DA MATA, 2013, p. 68, itálico do autor).

inquestionável dos princípios, ou melhor, das proposições lógicas, assim como questionar o local ocupado por elas na história da filosofia.

Nas obras de Hegel, existem múltiplas menções às proposições lógicas, principalmente na *Ciência da Lógica* e na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. Contudo, é no capítulo “As essencialidades ou as determinações da reflexão” da Grande Lógica que Hegel as discute mais diretamente.

No início da Grande Lógica, discorrendo sobre a lógica e a sua história, Hegel afirma:

Se a lógica, desde Aristóteles, não sofreu nenhuma alteração – pois, de fato, se observarmos os compêndios mais recentes de lógica, as alterações consistem na maioria das vezes somente em supressões - então tem de se concluir, antes, que ela necessita de uma total reelaboração; pois um labor contínuo de dois mil anos do espírito deve ter-lhe proporcionado uma consciência mais elevada sobre o seu pensar e sobre sua essencialidade pura em si mesma. (HEGEL, 2016, p. 54).

Apenas com essa citação já é possível antever a mudança paradigmática que Hegel pretende exercer sobre a lógica, o que, por sua vez, influenciará em suas reflexões sobre as proposições lógicas.

Em sua análise, Hegel dedica-se à proposição da identidade, à proposição da diversidade, à proposição do terceiro excluído e à proposição da contradição. Aqui, se notam duas novidades. Em primeiro lugar, Hegel adiciona uma nova proposição a essa lista já bastante difundida: a proposição da diversidade. Esta é uma novidade em relação à história da filosofia. Mas, como veremos, há uma razão para esse acréscimo por parte de Hegel. Apesar da proposição da diversidade não ser estabelecida na história da filosofia, como é o caso das proposições da identidade, do terceiro excluído e da contradição, ela parece relacionada principalmente à filosofia de Leibniz¹¹³. Em segundo lugar, ao invés de Hegel falar de princípio ou, no caso proposição, da *não* contradição, como é comumente conhecido na

¹¹³ A proposição da diversidade está relacionada ao que, na tradição de Leibniz, Wolff e Kant, foi chamado de “princípio da razão suficiente” ou “princípio do fundamento”. Para Hegel, tanto a proposição da identidade ($A = A$) quanto a proposição da diversidade ($A \neq A$) são lados da verdade. Cf. BERTI, 2013, p. 274; BERTI, 2013, p. 295; BERTI, 2013, p. 299-300.

história da filosofia, ele fala de “proposição da contradição”, suprimindo o “não”. Como se verá nas páginas subsequentes, entendemos que essa supressão não é um equívoco, mas uma opção.

Apesar das proposições serem formalmente válidas, de acordo com Hegel, elas são abstratas, logo, não ajudam a determinar as coisas e a realidade em sua complexidade. Assim, as proposições não podem ser aplicadas ingenuamente em todos contextos filosóficos. Em sua lógica, Hegel apresenta e analisa cada uma das proposições e mostra suas parcialidades e limitações¹¹⁴.

Para Hegel, todas as proposições estão relacionadas. Desse modo, as proposições requerem umas às outras para serem afirmadas e assumidas. Por exemplo: para entender o que é a proposição da contradição é preciso entender o que é a proposição da identidade e a proposição do terceiro excluído¹¹⁵. Caso uma destas seja assumida, as outras, caso conhecidas, também serão. Em última instância, para Hegel, as proposições dizem o mesmo: a impossibilidade de que algo compartilhe determinações excludentes ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Ou seja, elas asseveram a impossibilidade da contradição¹¹⁶.

A primeira proposição analisada por Hegel é a proposição da identidade. Para ele, esta proposição não exprime nada além do que a tautologia vazia. A proposição da identidade nos diz que x é x . Para Hegel, esta proposição, que é frequentemente denominada de “a primeira lei do pensar”, apenas representa o pensamento sem conteúdo, abstrato, vazio. Além disso, segundo Hegel, a forma da proposição da identidade se contradiz ao distinguir o sujeito (x) e o predicado da proposição (x) e, portanto, ela não alcança verdadeiramente a identidade que julga alcançar.

¹¹⁴ Cf. EMUNDTS, 2022.

¹¹⁵ Cf. EMUNDTS, 2022.

¹¹⁶ Berto ressalta a não contradição como “forma negativa” da identidade. Cf. BERTO, 2005, p. 335. Ou seja, enquanto a proposição da identidade exprime o conteúdo x de forma positiva, a proposição da não contradição exprime o mesmo conteúdo x , mas de forma negativa. No primeiro caso: $A = A$. No segundo caso: $\neg(A \wedge \neg A)$.

É importante notar que a análise de Hegel em sua lógica está balizada pela pergunta sobre o que os conceitos são neles mesmos. Ou seja, o que é identidade nela mesma, o que significa ser idêntico. Para ele, a identidade nela mesma é um diverso, visto que a identidade é diversa da diversidade e, portanto, ela se põe como oposta a esta.

Em relação à proposição da diversidade, Hegel afirma que ela se opõe à proposição da identidade, pois enquanto a primeira afirma que nada é igual e sim que tudo é diverso, a segunda, por sua vez, afirma que há identidade, igualdade. Além disso, Hegel pontua que a proposição da diversidade está calcada em uma confusão. Nas palavras de Pippin:

Isso porque os “princípios” de identificação e diferenciação estão profundamente interligados, não sendo independentes um do outro. Não temos acesso a algum conjunto de determinações exceto como já atribuível a um substrato identificado como o que é distintamente (ou essencialmente) é. (PIPPIN, 2013, p. 92-93, tradução nossa)¹¹⁷.

A ideia que sustenta a proposição da diversidade, mencionada por Hegel, surge com Leibniz, a partir da noção de que não há duas coisas que sejam iguais entre si. Essa ideia foi exposta por Leibniz como princípio da identidade dos indiscerníveis¹¹⁸. Ele sustenta que cada coisa é indiscernível apenas por si própria e diversa de qualquer outra.

Hegel argumenta que a proposição da identidade e da não contradição se contradizem, o que nos leva a mais um de seus limites. Apesar disso, Hegel não pode “desistir” integralmente do princípio da não contradição, pois isso invalidaria seu próprio discurso¹¹⁹.

Em relação à proposição do terceiro excluído, Hegel afirma, primeiramente, que ela consiste em estabelecer que algo é ou não é. Desse modo, a proposição do terceiro excluído afirma que tudo é determinado como positivo ou como negativo, isto é, algo é ou não é.

¹¹⁷ No idioma original: “This is because the ‘principles’ of identification and differentiation are deeply intertwined, not independent of each other. We have no access to some set of determinations except as already ascribable to a substrate identified as what is distinctly (or essentially) is.” (PIPPIN, 2013, p. 92-93).

¹¹⁸ Cf. BERTI, 2013, p. 299-300.

¹¹⁹ Cf. MÜLLER, 2019.

Contudo, Hegel argumenta que na própria proposição do terceiro excluído o “algo” permanece como indeterminado e, portanto, fora da dicotomia entre o positivo, isto é, o ser que é, e o negativo, isto é, o não ser que não é. Do mesmo modo que a proposição da identidade, a proposição do terceiro excluído, segundo Hegel, é abstrata, pois ela apenas fica na superfície da análise e não adentra verdadeiramente no conceito que deseja compreender. Portanto, ambas as proposições são insuficientes enquanto princípios explicativos.

Logo no início de sua análise da proposição da contradição, Hegel afirma:

‘Todas as coisas são em si mesmas contraditórias’, e precisamente no sentido de que essa proposição, frente às demais, exprime, antes, a verdade e a essência das coisas. (HEGEL, 2017, p. 87).

Com isso, já podemos perceber a posição de Hegel frente ao princípio de não contradição. Para ele, a proposição da contradição, isto é, a impossibilidade de que algo seja e não seja, ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto, em última instância, é falsa. A mesma crítica que Hegel dirige às proposições da identidade e do terceiro excluído ele dirige à proposição da contradição, isto é, sua vacuidade. Mas, além disso, Hegel afirma que a proposição da não contradição pretende estabelecer a realidade como algo fixo, o que, segundo ele, não é verdadeiro¹²⁰.

¹²⁰ No livro *Contraddizione e verità nella logica di Hegel* (2010), Bettineschi apresenta três posições que interpretam a visão de Hegel sobre o princípio da não contradição. A primeira posição expõe Hegel *contra* o princípio de não contradição, afirmando que a contradição, para o filósofo, é contradição real. Aqui, “real” parece ser entendido em amplo sentido. Ou seja, Hegel discorda integralmente da validade do princípio da não contradição. A segunda posição expõe Hegel *fidel* ao princípio da não contradição, afirmando que a contradição, para Hegel, não implica a negação do princípio da não contradição. Ou seja, Hegel concorda integralmente com a validade do princípio da não contradição e insiste nele. A terceira posição, que, para Bettineschi, é a posição efetiva de Hegel em relação ao princípio da não contradição, parece mesclar elementos que estão presentes nas duas primeiras posições. De acordo com ela, é a partir do “devir dialético da verdade” que se pode compreender como a lógica de Hegel se relaciona ao princípio de não contradição. Segundo Bettineschi, essa relação expõe tanto o “sentido concreto” do princípio da não contradição quanto a “negação complexa” de seu significado. Ou seja, por um lado, expõe a validade parcial do princípio da contradição e, por outro lado, expõe a abstração da identidade que subjaz a esse princípio, visto que ele impossibilita a identidade da identidade e da não identidade. Considerando a dialética como método da verdade, Bettineschi enfatiza a contrariedade que há nela. A verdade só é alcançada através da dialética e esta, por sua vez, só progride por meio de contradições. Aqui, julgamos interessante a distinguir a validade do princípio da não contradição em validade integral e validade parcial, e pensamos que Hegel faz exatamente isso. Todavia, pensamos que a contradição não se limita como momento do processo dialético, mas se lança para além dessa significação. A contradição é assegurada, firmada e sustentada

Para Hegel, os três princípios ou, como ele denomina, as três proposições, são entendidas como inseparáveis, pois o conteúdo sobre o qual estão julgando em última análise é o mesmo, isto é, a impossibilidade de que haja uma conexão entre opostos. Contudo, o filósofo pretende mostrar que a contradição é essencialmente uma determinação das coisas, isto é, que todas as coisas contêm em si os seus opostos.

As proposições lógicas, expostas por Hegel, estão diretamente relacionadas aos conceitos que vimos nas páginas precedentes. Hegel examina detalhadamente os conceitos que, a partir de Aristóteles, constituíram os princípios lógicos¹²¹. O conceito de identidade é analisado na proposição da identidade. O conceito de diversidade é analisado na proposição da diversidade. O conceito de oposição é analisado na proposição da diversidade. O conceito de contradição é analisado na proposição da contradição¹²². Os princípios lógicos são, para Hegel, conceitos transformados em princípios, categorias fixadas e paralisadas por um pensamento que aprisiona, incapaz de apreender o real em seu movimento incessante¹²³.

por si mesma. Cf. BETTINESCHI, 2010, p. 77; BETTINESCHI, 2010, p. 127; BETTINESCHI, 2010, p. 175; nota de rodapé 138 desta dissertação.

¹²¹ Cf. DE BOER, 2010A, p. 346.

¹²² É importante perceber que Hegel não vincula o conceito de diferença absoluta a nenhuma proposição lógica. Dos cinco conceitos analisados nesta seção (identidade, diferença absoluta, diversidade, oposição, contradição), apenas a diferença absoluta não é expressa proposicionalmente nas chamadas “leis lógicas do pensar”.

¹²³ A diferença entre a concepção de Aristóteles dos princípios lógicos e a de Hegel das proposições lógicas ecoa e se faz ouvir no modo como cada um deles compreende a lógica. A noção de categoria, fundada por Aristóteles, procurou resolver questões que fomentavam o debate filosófico de sua época. Uma delas, por exemplo, é a relação problemática entre o mutável e o imutável. Esta e outras questões foram deixadas em aberto por grandes filósofos, tanto antecessores quanto contemporâneos de Aristóteles, como Heráclito (c. 500 a. C. – 450 a. C.), Parmênides (530 a. C. – 460 a. C.) e Platão (c. 428 a. C. - 348 a. C.). A solução aristotélica, a partir de suas categorias, contribuiu valiosamente para o desenvolvimento da filosofia ocidental, especialmente nas áreas da metafísica, lógica e epistemologia. Dada a riqueza da noção aristotélica de categoria, esta foi debatida e problematizada em diversos momentos da história da filosofia e da história da ciência, influenciando filósofos como Plotino (c. 205-270 d. C.), os alemães Kant, Hegel e Trendelenburg, o inglês Stuart Mill e o francês Louis Althusser (1918-1990). Aristóteles expõe suas categorias na obra de mesmo nome, isto é, *Categorias*, um texto razoavelmente curto e bastante direcionado à questão que se propõe. Esta obra é o primeiro livro do *Órganon*, sendo seguido respectivamente pelo *Da Interpretação*, *Primeiros Analíticos*, *Segundos Analíticos*, *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*. Entretanto, as categorias estão presentes, variando em graus maiores e menores de exposição, em muitas de suas obras, como a *Metafísica*. A discussão sobre a origem das dez categorias aristotélicas é bastante profunda e complexa. Na obra *Categorias*, Aristóteles não deixa claro o que as fundamenta ou como ele chegou a elas. Alguns estudiosos argumentam que as categorias surgiram a partir do uso cotidiano da língua grega antiga. Ou seja, a partir do modo como os conteúdos eram expressos linguisticamente. Outros estudiosos argumentam que as categorias surgem a partir das questões primordiais que nós nos perguntamos sobre algo quando queremos conhecê-lo. Como nos esclarece da Mata: [...] Gomperz afirma que Aristóteles imagina um homem no Liceu, ou em suas cercanias, e enumera questões que se poderiam formular a respeito dele, e às quais se poderia responder: “O que é? De que qualidade? De que tamanho? Em relação a quê? Onde? Quando? Em que posição está? O que ele tem? O que ele faz? O que ele sofre?”. (DA

Segundo Novelli: “A verdade da realidade habita em seu devir; a realidade unicamente é vindo-a-ser, desensimesmando-se, objetivando-se.” (NOVELLI, 2021, p. 262). A lógica é viva pois é permeada pelo espiritual, que a atravessa¹²⁴.

Apesar de Hegel traçar paralelos entre os conceitos e suas exposições esquemáticas como princípios ou proposições, nos parece que há, entre esses paralelos, uma distinção. Enquanto as três primeiras proposições – da identidade, da diversidade e do terceiro excluído – são criticadas por Hegel, a quarta proposição – da contradição –, por sua vez, parece valorizada. Ou seja, há três proposições “negativas” e uma proposição “positiva”. Logo abaixo, veremos o modo como Hegel apresenta cada uma das proposições. Em suas palavras:

Em sua expressão positiva $A = A$, esse princípio [da identidade] nada mais é, inicialmente, do que a expressão da *tautologia* vazia. Por conseguinte, foi observado corretamente que essa lei do pensar seria *sem conteúdo* e não levaria a nada. Assim, é à identidade vazia que ficam presos aqueles que a tomam como tal por algo

MATA, 2019, p. 34). Além disso, há críticos que salientam o caráter rapsódico das categorias. Segundo Kant: “O *tirocinio* de Aristóteles, de investigar esses conceitos fundamentais, foi digno de um homem perspicaz. Como ele não tinha nenhum princípio, no entanto, ele os reuniu tal como iam lhe aparecendo, e descobriu inicialmente dez deles, aos quais denominou *categorias* (predicamentos).” (KANT, 2015, p. 114-115, B107, itálico do autor). As categorias aristotélicas possuem sua fecundidade na história da filosofia precisamente por conta da noção de categoria que as subjaz. Ou seja, as dez categorias aristotélicas, as quais são: (1) substância, (2) quantidade, (3) relação, (4) qualidade, (5) quando, (6) onde, (7) estar em uma posição, (8) ter, (9) fazer, (10) sofrer, são menos frutíferas na história da filosofia, em relação ao seu conteúdo, do que a própria noção de categoria que as fundamenta. Esta noção, portanto, é um dos seus principais legados. Aristóteles define as categorias como gêneros do ser. Ou seja, as categorias, para o filósofo, expressam gêneros ou modos de existência, gêneros ou modos de ser. Estes modos/gêneros abarcam todas as coisas que existem, cada uma à sua maneira. As dez categorias, portanto, classificam e organizam estes diversos modos/gêneros. Assim, nos parece que a categorialidade aristotélica, isto é, a noção de categoria expressa em sua filosofia, busca delimitar aquilo que há de mais essencial em alguma coisa, ou seja, delimitar, classificar e organizar as características determinantes de cada ser. Contudo, estes atributos, que caracterizam algo ser do modo que é, são modos do próprio ser. Assim, a afirmação de que as categorias expressam gêneros do ser, pressupõe que existem gêneros do ser e que o próprio ser não é, portanto, um gênero. Mas, algo que desdobra-se em múltiplos gêneros. Cf. WOLFF, 2014, p. 11-14.

¹²⁴ De acordo com Hegel, o lógico não se contrapõe ao natural e ao espiritual, mas lhe é constituinte. O lógico é compreendido, segundo Hegel, como o sobrenatural (*Übernatürliche*), mas não como um sobrenatural que está além ou acima do natural, mas um sobrenatural que fundamenta o natural e o espiritual. O prefixo “über” é comumente traduzido por “sobre”, “acima de”, “em cima de” ou “além”. Todavia, esse “além”, que significa o prefixo “über”, não é em um sentido horizontal, mas sim vertical. Algumas palavras ajudam a compreender o sentido vertical do “über”, como o verbo “überqueren”, o verbo “übersetzen” e o substantivo “Übergang”. O primeiro significa “atravessar”. O segundo significa “cruzar” ou “passar de um lado a outro”. Além disso, a palavra “übersetzen” significa traduzir, pois o ato de traduzir é justamente passar e cruzar os significados das palavras de um lado para o outro, isto é, de um idioma para o outro. O substantivo “Übergang”, por sua vez, significa “passagem”, “transição”. Assim, ambas palavras (“überqueren”, “übersetzen” e “Übergang”) expressam adequadamente o significado de um além horizontal. A lógica, compreendida desse modo, não está sobre, acima ou em cima do natural e do espiritual, como se ela [a lógica] fosse “superior” ao natural e ao espiritual, mas, ao invés disso, a lógica atravessa o natural e o espiritual, passando-os, constituindo-os.

verdadeiro e sempre costumam objetar que a identidade não seria a diversidade, mas a identidade e a diversidade seriam diversas. (HEGEL, 2017, p. 58, itálico do autor).

“*Todas as coisas são diversas*” ou “*Não há duas coisas que sejam iguais uma à outra*”. Essa proposição está, de fato, contraposta à proposição da identidade, pois ela enuncia: A é um diverso, portanto, A é também não A; ou, A é desigual a um outro, então não é A em geral, mas antes um A determinado. [...] Que todas as coisas sejam diversas umas das outras é uma proposição muito supérflua, pois no plural de “coisas” está imediatamente a variedade e a diversidade inteiramente indeterminada. (HEGEL, 2017, p. 68, itálico do autor).

Essa proposição [do terceiro excluído] contém, *primeiramente*, o fato de que tudo é um *contraposto*, um *determinado* ou como positivo ou como negativo. Uma proposição importante, que tem sua necessidade no fato de que a identidade passa para a diversidade e essa para a contraposição. Só que ela não costuma ser entendida nesse sentido, mas habitualmente deve significar que, de todos os predicados, a uma coisa compete ou esse próprio predicado ou seu não ser. Aqui, o contraposto significa meramente falta ou, antes, a *indeterminidade*; e a proposição é tão insignificante que não vale a pena dizê-la. (HEGEL, 2017, p. 86, itálico do autor).

Se, agora, as primeiras determinações de reflexão, a identidade, a diversidade e a contraposição, foram expostas em uma proposição, então aquela determinação para a qual elas passam como para a verdade delas, a saber, a *contradição*, deveria ainda mais ser apreendida e dita em uma proposição: “*Todas as coisas são em si mesmas contraditórias*”, e precisamente no sentido de que essa proposição, frente às demais, exprime, antes, a verdade e a essência das coisas. (HEGEL, 2017, p. 87, itálico do autor).

A partir das citações acima, observa-se como há uma distinção no modo de tratamento em relação às proposições. A proposição da identidade é mera “tautologia”. A proposição da diversidade é “supérflua”. A proposição do terceiro excluído “não vale a pena dizê-la”. Todavia, a proposição da contradição, frente às demais, exprime “a verdade e a essência das coisas”. Entendemos que é por conta desse elogio à contradição, que Hegel fala de proposição da *contradição* ao invés de proposição da *não* contradição, como é habitualmente conhecida. Na subseção em que analisa a proposição da contradição, Hegel não está criticando-a, como fez com as proposições da identidade, diversidade e terceiro excluído, mas ressaltando o valor e a importância da contradição. Certamente, o melhor modo de expressar a contradição não é através de proposições ou princípios, mas se fosse para expressar o verdadeiro conteúdo em

uma proposição, esta seria a proposição da contradição. Na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*, Hegel escreve:

Em vez de falar da proposição do terceiro excluído (que é a proposição do entendimento abstrato), ter-se-ia antes de dizer: “Tudo é oposto”. Não há de fato em lugar algum nem no céu, nem na terra, nem no mundo espiritual, nem no natural, um tão abstrato *ou-ou* tal como o entendimento afirma. Tudo, seja o que for, é um concreto; por conseguinte, é em si mesmo algo diferente e oposto. (HEGEL, 2012A, p. 236, §119, Z2, itálico do autor).

Aqui, Hegel faz uma espécie de “brincadeira” com a noção de princípio lógico. Ele mostra como os princípios são insuficientes, incapazes de apreender o real¹²⁵. Mas, por outro lado, ele diz que se precisássemos expressar a verdade desse modo, ela não seria expressa pela identidade vazia, pela superficialidade da diversidade ou pela insignificância do terceiro excluído, mas pela verdade da contradição¹²⁶. A contradição seria, então, o verdadeiro princípio ou proposição. De acordo com Novelli:

A crítica hegeliana ao princípio da identidade é também uma crítica às insuficiências da lógica formal em favor do princípio da contradição e da lógica dialética. No entanto, a valorização tanto da dialética quanto da contradição se traduz pela valorização da objetividade, pois, para Hegel, a realidade em sua objetividade é compreendida adequadamente sob a ótica da contradição e da lógica dialética. Identidade e diferença não são somente elementos de uma lógica abstrata, mas representam momentos, facetas da realidade vivida pelos seres humanos. Contudo, identidade e diferença não se dão por si só na realidade, mas, enquanto a própria realidade, são reconhecidas como tais em estruturas e configurações sociais. (NOVELLI, 2021, p. 287).

Ao longo deste capítulo, observamos brevemente a posição de Aristóteles e, mais detalhadamente, a posição Hegel frente aos princípios ou proposições lógicas. Concluimos que enquanto Aristóteles afirma a verdade da identidade, a impossibilidade da contradição e a

¹²⁵ Aqui, concordamos com Berti, que, ao longo de sua argumentação, mostra que a crítica de Hegel aos princípios lógicos se fundamenta em uma crítica à estrutura da proposição clássica. A forma da proposição clássica é incapaz de expressar adequadamente os conteúdos dinâmicos que Hegel deseja apreender. Nos parece que Berto também segue um caminho parecido ao mostrar que a insatisfação de Hegel em relação aos princípios lógicos não implica a negação do princípio da não contradição e do princípio do terceiro excluído, mas sim a problematização do formalismo do entendimento, que é inerente aos princípios lógicos. Cf. BERTI, 2013, p. 315; BERTO, 2005, p. 351-352.

¹²⁶ De acordo com Berti: “Evidentemente, para Hegel, ‘dissolver’ a contradição não significa eliminá-la, como para Aristóteles, mas mostrar a sua possibilidade, mais ainda, a sua necessidade.” (BERTI, 2013, p. 318)

impossibilidade do terceiro termo entre pólos contraditórios, Hegel, por sua vez, desenvolve uma crítica das proposições, principalmente, por conta de sua unilateralidade. Vimos que Aristóteles estabelece a validade dos princípios em diferentes âmbitos da realidade (ontológico, epistemológico e lógico). Contudo, essa questão é mais complexa na filosofia de Hegel, pois na *Ciência da Lógica*, Hegel não está abordando a lógica meramente como um estudo dos raciocínios, dos argumentos válidos e inválidos, mas sim de uma maneira ontológica¹²⁷.

Os diferentes âmbitos mencionados acima, portanto, são unificados. Hegel não discorda da validade da identidade, do terceiro excluído e da não contradição em todos os contextos, pois, caso discordasse, seu próprio discurso seria esvaziado de conteúdo, assim como argumenta Aristóteles¹²⁸. Desse modo, a crítica de Hegel dirige-se à vacuidade de transformar esses conceitos (identidade, diversidade, oposição e contradição) em princípios estanques, fixos, paralisados¹²⁹. Na *Ciência da Lógica*, Hegel expõe os conceitos – por exemplo, ser, nada, devir, identidade, a diversidade etc. –, analisando-os neles mesmos, procurando mostrar sua dinâmica interna e suas relações, deduzindo um conceito a partir do

¹²⁷ Novelli: “Em sua *Ciência da Lógica*, Hegel vai insistir na compreensão de que os conceitos não se opõem ao mundo sensível, mas que este mesmo mundo é constituído, em si, pela racionalidade não percebida por primeiro. A lógica do mundo é a lógica do mundo.” (NOVELLI, 2021, p. 193).

¹²⁸ Para Aristóteles, o princípio da não contradição é a base indispensável de qualquer discurso significativo, válido. Cf. BRAUER, 1995, p. 92; FERRARIN, 2001, p. 194; WINFIELD, 2018, p. 148.

¹²⁹ Brauer faz uma interessante diferenciação entre a contradição apofântica (de Aristóteles) e a contradição reflexiva (de Hegel). Em suas palavras: “Enquanto a contradição apofântica é uma regra lógico-linguística, que Aristóteles confunde com uma propriedade das coisas, a contradição reflexiva explora o copertencimento à mesma estrutura de termos que são polarmente opostos.” (BRAUER, 1988, p. 336, itálico do autor, tradução nossa). No idioma original: “*Mientras que la contradicción apofántica es una regla lógica-lingüística, que Aristóteles confunde con una propiedad de las cosas, la contradicción reflexiva explora la copertenencia a una misma estructura de términos que se oponen polarmente.*” (BRAUER, 1988, p. 336, itálico do autor). Aqui, não entraremos nas minúcias da leitura de Brauer, mas queremos enfatizar que Hegel não discorda da validade do princípio da não contradição no âmbito linguístico e argumentativo. O próprio Hegel se vale da contradição para mostrar que posições, dentro de um mesmo sistema, são incompatíveis. Cf. nota de rodapé 62 desta dissertação. Todavia, a contradição para Hegel não se reduz somente ao âmbito linguístico e argumentativo, mas está presente na lógica, entendida aqui como ciência do *logos* que se desdobra na ontologia. Paralelamente, Berti (1987) e Kulenkampff (1970) enfatizam que o conceito de contradição, para Hegel, está diretamente relacionado às críticas que este faz contra a pretensão de expressar conteúdos especulativos por meio de silogismos que, ao mesmo tempo, distinguem e unificam sujeito e predicado. Basicamente, a ideia é que o silogismo separa sujeito e predicado e, por meio da cópula, procura uni-los. Mas, segundo Hegel, isso geraria uma inadequação entre forma e conteúdo e, conseqüentemente, geraria contradição. Aqui, concordamos com a exposição de ambos, mas procuramos enfatizar outro aspecto da contradição que não se prende aos domínios linguísticos e argumentativos, propositivos.

anterior¹³⁰. Logo, no que concerne aos princípios lógicos, concluímos que Aristóteles e Hegel possuem concordâncias e discordâncias¹³¹. Estas ocorrem principalmente por conta da forma com que cada um entende o local da lógica e sua relação com a ontologia.

Pensamos que nossa leitura da contradição em Hegel está em concordância com a interpretação da contradição ontológica, exposta por Bordignon¹³². Certamente, nossa leitura se debruça sobre um recorte muito menor, visto que analisamos somente na contradição na *Doutrina da Essência*. Mas, concordamos com a noção da contradição ontológica, pois a entendemos como a verdade das determinações lógicas¹³³. Esclarece Bordignon:

A contradição corresponde a uma estrutura contraditória efetiva e essa estrutura contraditória é verdadeira, onde a verdade não é a correspondência ou não de uma proposição a um estado de coisas, mas a articulação concreta de determinações lógicas. Se as determinações consistem [...] nas dinâmicas que permeiam o modo de ser da realidade, mas ao mesmo tempo são explicadas apenas dentro da atividade crítica do pensamento conceitual, então a contradição que estrutura concretamente estas determinações, em sua verdade, caracteriza tanto a maneira pela qual as coisas

¹³⁰ Em primeiro lugar, Hegel questiona a aparente fixidez e a aparente validade universal dos princípios lógicos, com isso, começa por chamá-los de proposições. Em segundo lugar, Hegel questiona a incapacidade de provar ou demonstrar os princípios lógicos, como ocorre na filosofia de Aristóteles. Hegel não entende as proposições lógicas como princípios, axiomas definidos e dados previamente, inquestionáveis. Ele procura não apenas dismantelar a fixidez e formalidade vazia dos princípios lógicos, como demonstrar e provar a dinamicidade e a riqueza dos conteúdos ali envolvidos. Para Hegel, a identidade, a diferença absoluta, a diversidade, a oposição e contradição são mais do que meras formalidades lógicas. São, ao invés disso, conteúdos vivos que emergem uns dos outros e, portanto, imbricam-se mutuamente e devem ser apreendidos em conjunto. Berti fala em distinção, identificação e separação. Segundo ele, o pensamento regido pela fixidez apenas identifica totalmente e separa plenamente, mas é incapaz de distinguir. Cf. BERTI, 2013, p. 300.

¹³¹ Cf. FERRARIN, 2001, p. 195.

¹³² Em outros pontos, pensamos que nossa leitura aproxima-se da interpretação de Wolff (1981), pois procuramos fazer uma defesa do uso da palavra “contradição” em Hegel, ao invés de descaracterizá-la, relativizá-la e enfraquecê-la, e Müller (2019), pois distinguimos o âmbito no qual a contradição de Hegel opera em relação ao âmbito do princípio da não contradição de Aristóteles, assim, pensamos que Hegel não discorda integralmente da validade do princípio da não contradição em certos contextos. Julgamos que esse ponto é importantíssimo, pois, por meio da distinção entre contradição ontológica, calcada na concepção de lógica e metafísica de Hegel, e a contradição linguística e argumentativa, calcada na noção da lógica de Aristóteles, que recai no princípio da não contradição, podemos combater a famosa acusação de Karl Popper (1902-1994) em seu artigo *What is Dialectic?*, publicado na *Mind* em 1940. Nele, Popper declara que Hegel afirma que existem contradições verdadeiras e, disso, Popper conclui que toda a filosofia de Hegel é confusa, arbitrária e, em última instância, sem significado consistente. Cf. POPPER, 1940, p. 418. Em *Our Knowledge of the External World: As a Field for Scientific Method in Philosophy* (1914), Bertrand Russell (1872-1970) designa a filosofia de Hegel como uma sistema de confusões triviais. Cf. RUSSELL, 1914, p. 198. No artigo *Hegel's Account of Contradiction in the Science of Logic Reconsidered* (2010), de Boer defende Hegel contra a acusação de Popper. Segundo ela, a contradição em Hegel não viola as exigências formais das proposições válidas, pois seu objeto são os modos de pensamento e as relações dinâmicas da dialética. Nos parece que a defesa de de Boer cabe também à acusação de Russell. Cf. DE BOER, 2010, p. 345.

¹³³ Cf. BORDIGNON, 2015, p. 47.

se articulam, como trazem esta verdade das coisas para a sua explicitação completa.” (BORDIGNON, 2015, p. 48, tradução nossa)¹³⁴.

Essa interpretação ressalta que todas as determinações lógicas são constituídas em termos contraditórios¹³⁵. Ou seja, o ser de cada uma das determinações contém em si o seu não ser ou o seu ser outro. Com isso, a palavra “contradição”, quando empregada por Hegel, significa de fato *contradição* – não mera oposição – e, além disso, seu sentido é *verdadeiramente* uma estrutura contraditória – não mera falsidade¹³⁶. Na contradição há veracidade e pensabilidade. Ela é porque é pensável e ela é *pensável* porque é¹³⁷.

Em Hegel, um dos exemplos mais conhecidos encontra-se logo no início da *Ciência da Lógica*, onde ele expõe a dinâmica da relação entre o ser e o nada que, em um primeiro momento, aparentam ser opostos, mas depois mostram-se como idênticos, diferentes e, posteriormente, desenvolvem-se na categoria de devir¹³⁸. Nas palavras de Hegel:

¹³⁴ No idioma original: La contraddizione corrisponde a un'effettiva struttura contraddittoria e questa struttura contraddittoria è vera, dove la verità non è la corrispondenza o meno di una proposizione a uno stato di cose, ma l'articolazione concreta delle determinazioni logiche. Se le determinazioni consistono [...] nelle dinamiche che permeano il modo d'essere della realtà ma che allo stesso tempo vengono esplicitate solo all'interno dell'attività critica del pensiero concettuale, allora la contraddittorietà che viene a strutturare concretamente queste determinazioni, nella sua verità, caratterizza sia il modo in cui le cose vengono ad articolarsi, sia il nostro portare a compiuta esplicitazione questa verità delle cose stesse.” (BORDIGNON, 2015, p. 48).

¹³⁵ Cf. BORDIGNON, 2015, p. 49.

¹³⁶ De acordo com Berti: “Sempre na *Lógica e metafísica de Jena* encontramos também formulada pela primeira vez a crítica ao ‘princípio de identidade ou de contradição’, que já estava implicada na *Diferença* e que será mais amplamente retomada por Hegel na *Ciência da Lógica*. É interessante notar que a abordagem dos princípios, nesta obra, pertence à seção intitulada ‘Metafísica’ (destinada a ser absorvida na ‘Lógica’ pela sucessiva formulação desta última, como que sublinhando o caráter não apenas lógico, isto é, formal, mas também ontológico, ou seja, real, que esses princípios assumem na reinterpretação fornecida por Hegel.” (BERTI, 2013, p. 290, itálico do autor).

¹³⁷ De acordo com Novelli: “A contradição caracteriza a ontologia em Hegel, em que o ser resulta de um conflito. O ser vem a ser por meio do suporte dado pela exterioridade, que não é projeção do ser, embora participe do ser, porque é, e aí se depara com um obstáculo para sua plenificação.” (NOVELLI, 2021, p. 266). Por meio dessa relação, enxergamos o caminhar paralelo da lógica com a ontologia. A ideia de Berti, que enfatiza o conceito de *Aufhebung* como suporte, ilustra nossa interpretação, pois a contradição é suportada pelo espírito, mantida por ele, pensada por ele. A contradição não é um empecilho ou um problema. Cf. BERTI, 2013, p. 318; BERTI, 2013, p. 320.

¹³⁸ De acordo com Vieillard-Baron: “A primeira tríade da *Lógica* abrange os dois conceitos opostos de ser e nada. O devir aparece como a primeira forma da verdade e do todo; é a expressão da contradição.” (VIEILLARD-BARON, 2013, p. 50, itálico do autor, tradução nossa). Principalmente no primeiro capítulo do livro *Hegel on Possibility: Dialectics, Contradiction, and Modality*, Brown também enfatiza a contradição entre ser e nada. Nas suas palavras: “Que o ser é o nada é a principal e mais fundamental contradição de todo o livro.” (BROWN, 2020, p. 74, itálico do autor, tradução nossa). No idioma original: “That being is nothing is the principal and most fundamental contradiction of the whole book.”. (BROWN, 2020, p. 74, itálico do autor). Houlgate, por sua vez, define a relação entre ser e nada como paradoxal. Cf. HOULGATE, 2006, p. 263; MAGEE, 2010, p. 65-66; HEGEL, 2016, p. 85-86.

Na medida em que, agora, a proposição: ‘*Ser e nada são o mesmo*’ enuncia a identidade destas determinações, contendo, contudo, também de fato, ambos como diferentes, contradiz a si dentro de si mesma e se dissolve. (HEGEL, 2016, p. 94, itálico do autor).

A contradição entendida assim, quando comparada a outras leituras, expõe o lado mais inovador e autêntico da lógica de Hegel, pois Hegel estaria afirmando a verdade da contradição, e não meramente como uma espécie de oposição¹³⁹. Segundo Berti:

Por fim, para Hegel, essa doutrina tem implicação metafísica, mais ainda, poderíamos dizer, teológica. O fato de que na “contradição resolvida”, que significa, então, mantida firme, pois o “pensar especulativo consistente somente nisso, a saber, que o pensamento mantém firme a contradição”, cai por terra a pretensão dos opostos de subsistir independentemente um do outro, isto é, estes se dissolvem na unidade do fundamento (*Grund*) que os contém e os guia, significa, segundo Hegel, que “as coisas finitas, na sua indiferente multiplicidade, consistem, portanto, em geral, em ser contraditórias em si mesmas, em ser rotas em si e no voltar ao seu fundamento.” (BERTI, 2013, p. 311, itálico do autor).

Pensamos que as outras interpretações podem ser reconfiguradas e superadas pela contradição ontológica. Entender a contradição desse modo exige, certamente, maior complexidade, visto que ela relaciona concepções fundamentais da filosofia de Hegel, como contradição, verdade, lógica, ontologia, metafísica etc. Mas a complexidade, por outro lado, significa também a riqueza dos conteúdos sistematicamente envolvidos¹⁴⁰.

¹³⁹ Cf. BORDIGNON, 2015, p. 10.

¹⁴⁰ Julgamos importante elucidar que não abordamos aquilo que é “consequência lógica” da contradição, a saber, o fundamento. Isso se deu por opções de pesquisa que envolvem o tempo exigido para elaborar uma dissertação de mestrado, as novas bibliografias que deveriam ser incluídas etc. Todavia, gostaríamos de expor, ainda que muito brevemente, algumas características que consideramos importantes da relação entre a contradição e o fundamento, a qual pretendemos desenvolver em profundidade em pesquisas futuras. Primeiramente, Hegel expõe como a contradição é “dissolvida” (referimo-nos aqui ao termo “*Auflösung*”). Contudo, essa dissolução não ocorre como mero desmantelamento da contradição. A contradição não é resolvida destruindo o que há de contraditório nela, mas, na verdade, a contradição se assenta. Ou seja, apesar de sua polaridade conflituosa, que gera constante enfrentamento, a contradição se fundamenta. Ela não é eliminada, anulada, mas se torna fundamento, base, chão. Esse próximo passo da contradição, que é retirar-se em direção ao fundamento, evoca a imagem da contradição como alicerce de todo o real. Cf. BERTI, 2013, p. 304-305. Nas palavras de Brown: “A contradição é, portanto, a ‘raiz de todo o movimento e vitalidade’ no sentido de que todas as coisas são auto-contraditórias na medida em que se movem e vivem, mas também no sentido de que o movimento e a vitalidade são, eles próprios, a expressão da contradição à medida que se retira para o chão.” (BROWN, 2020, p. 103). No idioma original: “Contradiction is, therefore, the ‘root of all movement and vitality’ in the sense that all things are self-contradictory insofar as they move and live, but also in the sense that the movement and vitality are themselves the expression of contradiction as it withdraws into ground.” (BROWN, 2020, p. 103).

5. Considerações finais

A pesquisa analisou a contradição na lógica de Hegel. Para isso, percorremos dois caminhos. O primeiro se deu por meio da exposição lógica de Hegel sobre a contradição, no qual o filósofo desenvolve o significado da contradição a partir das noções de identidade, diferença absoluta, diversidade e oposição. Isso ocorre no âmbito da lógica da essência, que encontra-se entre a lógica do ser e a lógica do conceito. O segundo se deu por meio do balanço histórico-crítico de Hegel sobre a contradição, onde os locais ocupados pela contradição ao longo da história da filosofia são analisados pelo filósofo. A leitura de Hegel enfatiza principalmente a obra de Aristóteles, a obra de Kant e os princípios lógicos, já bastante difundidos na filosofia de sua época.

Nosso objetivo foi investigar o modo como Hegel entende a contradição e o nível que ela ocupa em sua filosofia, ou seja, seu sentido e significado. Para isso, permeamos as concepções de Hegel sobre a lógica e sobre a metafísica, assim como o domínio de cada esfera lógica (ser, essência, conceito). Julgamos que para entender adequadamente a contradição em Hegel é preciso entender adequadamente como ele concebe a lógica e a metafísica, visto que a contradição mostra-se na ontologia, lógica e linguagem. Como vimos, as esferas lógicas, por sua vez, estão diretamente imbricadas às concepções de lógica e metafísica.

Em certos momentos da pesquisa nos deparamos com indícios de uma possível paraconsistência¹⁴¹ na filosofia de Hegel, pois, para o filósofo, de uma contradição não se

¹⁴¹ Apesar do termo “paraconsistência” ter surgido somente no século XX, podemos falar em indícios de paraconsistência em filósofos de diversos períodos históricos. As lógicas paraconsistentes caracterizam-se por distinguirem a inconsistência e a trivialidade. Assim, nas lógicas paraconsistentes, de uma inconsistência, como uma contradição, não se trivializa o todo. Para uma ideia geral e histórica da paraconsistência, recomendamos a leitura do livro *Para além das colunas de Hércules, uma história da paraconsistência: de Heráclito a Newton da Costa* (2017) de Gomes e D’Ottaviano. O livro de Gomes e D’Ottaviano encontra-se em processo de tradução para o inglês e, em breve, deverá ser publicado pela série Synthese Library da Springer com o título *Illuminating Contradictions*. No livro *The Form of Truth* (2020), Ficara também menciona brevemente o “paraconsistentismo” de Hegel e sua relação com o dialeteísmo de Priest. Cf. FICARA, 2020, p. 194-198.

segue qualquer coisa, ao contrário do que defende o princípio da explosão¹⁴². Tais indícios dialogam com filosofias precedentes e subsequentes¹⁴³.

Em Hegel, as contradições geram e movem conteúdos novos e significativos¹⁴⁴. A lógica e, conseqüentemente a contradição, é a própria expressão do pensamento, de suas formas e conteúdos mais puros e primordiais. Nesse sentido, contradição não é um empecilho que impossibilitaria o encadeamento de processos lógicos, nem um sintoma de algum erro lógico que precisaria ser revisto integralmente. Na verdade, a contradição estimula que os processos lógicos prossigam segundo novas maneiras. A contradição, como vimos, aparece em contextos diversos e, conseqüentemente, com funções diversas ao longo da filosofia de Hegel. Na argumentação, por exemplo, a contradição aparece como um modo de sinalizar as inconsistências entre os conteúdos em questão, sejam eles conceitos ou sentenças. Assim, quando calcada no âmbito linguístico, por exemplo, a contradição desperta para novas resoluções de inconsistências, mas não quaisquer resoluções, e sim resoluções valorosas, determinadas a partir dos desdobramentos dos conteúdos já obtidos. Logo, de uma contradição determinada não se segue qualquer conteúdo indeterminado.

É fascinante o modo como a contradição, em Hegel, se expande para além do uso como palavra corriqueira, usada na linguagem habitual, quando se procura dizer que algo está em inconformidade com outro algo ou consigo mesmo. Em seu uso ordinário, há uma

¹⁴² O princípio da explosão, sintetizado na afirmação de que qualquer coisa pode surgir a partir de uma contradição, foi exposto, ao longo da história da filosofia, de diversas formas, por exemplo: “ex falso sequitur quodlibet”, “ex impossibili sequitur quodlibet”, “ex contradictione sequitur quodlibet” e “idem essex contradictione”. Sua origem foi atribuída, em muitos casos erroneamente, a diversos autores e épocas históricas. Para uma discussão aprofundada do princípio da explosão, sua história e diferentes modos de exposição, recomendamos o livro de Gomes e D’Ottaviano (2017), citado acima.

¹⁴³ Interessa-nos aquilo que Sinnerbrink define como hegelianismo: “No que se segue, estarei definindo ‘hegelianismo’ de maneira muito ampla para significar a história da recepção, apropriação produtiva e transformação crítica da filosofia de Hegel. Mais especificamente, interpretei ‘hegelianismo’ como se referindo aos diversos movimentos filosóficos moldados por um envolvimento contínuo, seja afirmativo, seja crítico, com aspectos importantes do projeto filosófico de Hegel.” (SINNERBRINK, 2017, p. 64).

¹⁴⁴ Nesse aspecto, pensamos que nossa leitura pode ser comparada ao que Brown chama de “contradição como produtividade”. Entendemos que a contradição, em Hegel, pode ser produtiva, pois ela produz ou, ao menos, nos leva a produzir novos conceitos. Cf. BROWN, 2020, p. 75; BROWN, 2020, p. 102-103.

inquestionabilidade da contradição, a falsa certeza de sua nulidade. Hegel rompe com essa visão retida e confere à contradição sua estima merecida, como cerne do real¹⁴⁵.

Entendemos que, apesar de suas limitações históricas, que são exigidas nos estudos aprofundados sobre história da filosofia, nossa pesquisa amplia-se para além de seus domínios históricos, pois pode dialogar com as comunidades acadêmicas de lógica e filosofia, especialmente contemporâneas, como o dialeteísmo de Priest¹⁴⁶, a filosofia analítica de Brandom e de McDowell¹⁴⁷, e as filosofias que enfatizam a noção de processo, como a de Whitehead ou a de Rescher¹⁴⁸. Todos estes desdobramentos fazem parte do nosso horizonte de pesquisa e almejamos desenvolvê-los em seu devido tempo. Também futuramente, desejamos aprofundar a relação entre lógica e linguagem em Hegel, nos debruçando sobre o papel da contradição nos âmbitos lógico e linguístico.

¹⁴⁵ De acordo com Berti: “Finalmente, na nota inteiramente dedicada à contradição, Hegel afirma que esta é a mais profunda e essencial das determinações da essência, e que não só não é verdade que ela seja inexistente ou até impensável, como sustenta a ‘velha lógica’, como também ela se encontra em todo lugar, por isso se deve dizer que ‘todas as coisas são em si mesmas contraditórias’”. (BERTI, 2013, p. 307-308).

¹⁴⁶ De acordo com Newstadt e Cutrofello: “Uma base alternativa para a reaproximação com Hegel, pode, talvez, ser encontrada na obra de Graham Priest, cujo desenvolvimento do *dialeteísmo*, a doutrina de que alguns pares de sentenças contraditórias são ambos verdadeiros; em seu trabalho de lógica paraconsistente, que preserva a não trivialidade das relações de implicação, ainda que aceite o dialeteísmo, encontramos o que pode ser considerada como a incorporação de determinado elementos da dialética hegeliana em um sistema formal - basicamente as mesmas duas características às quais Brandom deu ênfase: a inferência da contradição e a noção do infinito absoluto.” (NEWSTADT; CUTROFELLO, 2021, p. 264, itálico dos autores). Sobre a relação entre Hegel e Priest, recomendamos o artigo *Hegel: A Dialetheist? Truth and Contradiction in Hegel's Logic* (2017A) de Bordignon e o livro *Hegel's Foundation Free Metaphysics: The Logic of Singularity* (2020) de Moss.

¹⁴⁷ Brandom e McDowell são dois autores da filosofia analítica de nossa época que retornam ao Idealismo Alemão e, mais precisamente, à filosofia de Hegel. Nela, eles procuram novas soluções ou contribuições valiosas para a resolução de problemas específicos. É desse modo que, por exemplo, Brandom desenvolve sua noção de inferencialismo e McDowell desenvolve sua noção de indelimitação conceitual. A filosofia de Hegel perpassa vários momentos do pensamento de Brandom, aqui recomendamos os livros *Making It Explicit: Reasoning, Representing, and Discursive Commitment* (1994), *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality* (2002), *Articulating Reasons: An Introduction to Inferentialism* (2000) e *A Spirit of Trust: A Reading of Hegel's Phenomenology* (2019). O mesmo vale para McDowell, dele, recomendamos o livro *Mind and World* (1994). O artigo *McDowell e a indelimitação do conceitual: um retorno ao pensamento objetivo de Hegel?* (2018) de Bordignon esclarece a relação Hegel-McDowell. Para uma visão ampla desta relação, recomendamos a coletânea *McDowell and Hegel: Perceptual Experience, Thought and Action* organizada por Sanguinetti e Abath. Sobre as influências de Hegel na filosofia analítica, recomendamos o livro *Analytic Philosophy and the Return of Hegelian Thought* (2007) de Redding. Para uma leitura analítica de Hegel, recomendamos o livro *Hegels analytische Philosophie: Die Wissenschaft der Logik als kritische Theorie der Bedeutung* (1992) de Stekeler-Weithofer e *Che Cos'è la dialettica hegeliana? Un'interpretazione analitica del metodo* (2005) de Berto.

¹⁴⁸ Sobre essa relações, recomendamos os artigos de Bordignon: *A noção hegeliana do universal concreto e a metafísica dos processos* (2020A), *A crítica de Hegel à noção de substância e o debate contemporâneo sobre a metafísica dos processos* (2020B), *A noção de processo: Hegel e a metafísica contemporânea* (2021).

6. Bibliografia

6.1. Bibliografia primária

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion und Vorlesungen über die Beweise vom Dasein Gottes II*. Gesammelte Werke 29,2. Hamburg: Meiner, 2021.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 3. A Doutrina do Conceito*. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2018.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência*. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2017.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion und Vorlesungen über die Beweise vom Dasein Gottes I*. Gesammelte Werke 29,1. Hamburg: Meiner, 2017.

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*. Tradução de Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2016.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Efkens e José Nogueira Machado. 9ª ed. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2014.

HEGEL, G. W. F. *As Órbitas dos Planetas*. Tradução de Paulo Meneses e Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2012B.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (1830) – Vol. 1: A Ciência da Lógica*. Tradução de Paulo Meneses e José Nogueira Machado. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2012A.

HEGEL, G. W. F. *The Science of Logic*. Tradução de George Di Giovanni. Cambridge: Cambridge University Press, 2010B.

HEGEL, G. W. F. *Encyclopedia of the Philosophical Sciences in Basic Outline – Part I: Science of Logic*. Tradução de Klaus Brinkmann e Daniel O. Dahlstrom. Cambridge: Cambridge University Press, 2010A.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1817)*. Gesammelte Werke 13. Hamburg: Meiner, 2000.

HEGEL, G. W. F. Texte zur Habilitation (1801). In: HEGEL, G. W. F. *Schriften und Entwürfe (1799-1808)*. Gesammelte Werke 5. Hamburg: Meiner, 1998, p. 221-254.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830)*. Gesammelte Werke 20. Hamburg: Meiner, 1992.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830) – Erster Teil: Die Wissenschaft der Logik*. Theorie Werkausgabe 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989B.

HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1827)*. Gesammelte Werke 19. Hamburg: Meiner, 1989A.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion II*. Theorie Werkausgabe 17. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986F.

HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion I*. Theorie Werkausgabe 16. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986E.

HEGEL, G. W. F. Habilitationsthesen (1801). In: HEGEL, G. W. F. *Jenaer Schriften (1801-1807)*. Theorie Werkausgabe 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986D.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik: II. Die Subjektive Logik*. Theorie Werkausgabe 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986C.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik: I. Die Objektive Logik*. Theorie Werkausgabe 5. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986B.

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Theorie Werkausgabe 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986A.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik: Erster Band – Die Lehre vom Sein (1832)*. Gesammelte Werke 21. Hamburg: Meiner, 1984A.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik: Zweiter Band – Die Subjektive Logik (1816)*. Gesammelte Werke 12. Hamburg: Meiner, 1981.

HEGEL, G. W. F. *Phänomenologie des Geistes*. Gesammelte Werke 9. Hamburg: Meiner, 1980.

HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik: Erster Band – Die objektive Logik (1812/13)*. Gesammelte Werke 11. Hamburg: Meiner, 1978.

6.2. Bibliografia secundária

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ARISTÓTELES. *Da Interpretação*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ARISTÓTELES. *Órganon*. Tradução de Edson Bini. 2ª ed. São Paulo: Edipro, 2010.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Giovanni Reale. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

ARISTÓTELES. *The Complete Works of Aristotle*. Tradução de Jonathan Barnes. New Jersey: Princeton University Press, 1984.

BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. S. H. (Orgs.). *Ser para si: dialética entre idealidade e realidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022.

BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. S. H. (Orgs.). *Ser e Ser Ai – Finitude & Infinitude: Realidade e Idealidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021.

BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. S. H. (Orgs.). *Lógica do Ser de Hegel: Prefácios, Introdução e Início*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020.

BAUR, M. (Ed.). *G. W. F. Hegel: conceitos fundamentais*. Tradução de José Maria Gomes de Souza Neto. Petrópolis: Vozes, 2021.

BAUR, M. (Ed.). *G. W. F. Hegel: Key Concepts*. New York: Routledge, 2015.

BECKENKAMP, J. A transformação da metafísica em lógica no idealismo alemão. In: HELFER, I. (Org.). *Lógica e metafísica em Hegel*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019, p. 77-89.

BERTI, E. *Contradição e dialética nos antigos e nos modernos*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013.

BERTI, E. *Contraddizione e dialettica negli antichi e nei moderni*. Palermo: L'Epos, 1987.

BERTO, F. *Che Cos'è la dialettica hegeliana? Un'interpretazione analítica del metodo*. Padova: Il Poligrafo, 2005.

BETTINESCHI, P. *Contraddizione e verità nella logica di Hegel*. Milano: Vita e Pensiero, 2010.

BEISER, F. C. *Depois de Hegel: A filosofia alemã de 1840 a 1900*. Tradução de Gabriel Ferreira. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.

BEISER, F. C. *After Hegel: German Philosophy, 1840-1900*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

BEISER, F. C. (Ed.). *Hegel*. Trad. Guilherme Rodrigues Neto. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

BEISER, F. C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BÉZIAU, J. Y.; VANDOULAKIS, I. (Eds.). *The Exoteric Square of Opposition*. Birkhäuser: Cham, 2022.

BÉZIAU, J. Y.; BASTI, G. (Eds.). *The Square of Opposition: A Cornerstone of Thought*. Birkhäuser: Cham, 2017.

BÉZIAU, J. Y.; JACQUETTE, D. (Eds.). *Around and Beyond the Square of Opposition*. Birkhäuser: Cham, 2012.

BOLE, T. J. Contradiction in Hegel's Science of Logic. *The Review of Metaphysics*, v. 40, n. 3, 1987, p. 515-534.

BORDIGNON, M. A noção de processo: Hegel e a metafísica contemporânea. *Revista de Humanidades de Valparaíso*, n. 18, 2021, p. 27-44.

BORDIGNON, M. A crítica de Hegel à noção de substância e o debate contemporâneo sobre a metafísica dos processos. In: FERRER, D. F.; ORSINI, F.; BORDIGNON, M.; BAVARESCO, A.; IBER, C. G. (Orgs.). *A Autobiografia do Pensamento: a Ciência da Lógica de Hegel*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020B, p. 279-296.

BORDIGNON, M. A noção hegeliana do universal concreto e a metafísica dos processos. In: TASSINARI, R. P.; BAVARESCO, A.; MAGALHÃES, M. M. (Orgs.). *Hegel e a Contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020A, p. 193-211.

BORDIGNON, M. McDowell e a indelimitação do conceitual: um retorno ao pensamento objetivo de Hegel?. *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, v. 15, n. 25, 2018, p. 57-74.

BORDIGNON, M. Lógica formal, transcendental e especulativa. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 52, 2017B, p. 311-338.

BORDIGNON, M. Hegel: A Dialetheist? Truth and Contradiction in Hegel's Logic. *Hegel Bulletin*, v. 40, n. 2, 2017A, p. 198-214.

BORDIGNON, M. *Ai Limiti della Verità: il problema della contraddizione nella logica di Hegel*. Pisa: ETS, 2015.

BOURGEOIS, B. *Le vocabulaire de Hegel*. Paris: Ellipses, 2000.

BRANDOM, R. B. *A Spirit of Trust: A Reading of Hegel's Phenomenology*. Cambridge: Harvard University Press, 2019.

BRANDOM, R. B. *Tales of the Mighty Dead: Historical Essays in the Metaphysics of Intentionality*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

BRANDOM, R. B. *Articulating Reasons: An Introduction to Inferentialism*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

BRANDOM, R. B. *Making It Explicit: Reasoning, Representing, and Discursive Commitment*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

BRAUER, D. O. Die dialektische Natur der Vernunft: Über Hegels Auffassung von Negation und Widerspruch. *Hegel-Studien*, v. 30, 1995, p. 89-104.

BRAUER, D. O. Contradicción apofántica y contradicción reflexiva. *Revista Latinoamericana de Filosofía*, v. 14, n. 3, 1988, p. 323-338.

BROWN, N. *Hegel on Possibility: Dialectics, Contradiction, and Modality*. London: Bloomsbury, 2020.

BROWN, N. Why Do Contradictions Sink to the Ground? A Reexamination of the Categories of Reflection in Hegel's Logic. *The Journal of Speculative Philosophy*, v. 33, n. 4, 2019, p. 628-643.

BURBIDGE, J. W. *Historical dictionary of Hegelian philosophy*. Lanham: Scarecrow Press, 2008.

BURBIDGE, J. W. A concepção hegeliana de lógica. In: BEISER, F. C. (Ed.). *Hegel*. Tradução de Guilherme Rodrigues Neto. São Paulo: Ideias & Letras, 2014, p. 105-122.

BURBIDGE, J. W. Hegel's conception of logic. In: BEISER, F. C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 86-101.

BURBIDGE, J. W. *Hegel's Logic: Fragments of a Commentary*. Atlantic Highlands: Humanities Press, 1981.

CARSON, E. Sensibilidade: espaço e tempo, idealismo transcendental. In: DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 46-66.

CARSON, E. Sensibility: space and time, transcendental idealism. In: DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: Key Concepts*. New York: Routledge, 2014, p. 28-44.

CIRNE-LIMA, C. R. V. Quando Hegel fala em contradição, entenda-se contrariedade. *Revista do Instituto Humanitas*, n. 217, 2007, p. 28-35. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/>>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

CIRNE-LIMA, C. R. V. *Sobre a contradição*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 1993.

CIRULLI, F. *Hegel's Critique of Essence: A Reading of the Wesenslogik*. New York: Routledge, 2006.

COBBEN, P. G.; CRUYSBERGHS, P.; JONKERS, P. H. A.; DE VOS, L. (Eds.). *Hegel-Lexikon*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2006.

CROCE, B. *Ciò che è vivo e ciò che è morto nella filosofia di Hegel: studio critico seguito da un saggio di bibliografia hegeliana*. Bari: G. Laterza, 1906.

DA MATA, J. V. T. Introdução às categorias. In: ARISTÓTELES. *Categorias*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 27-105.

DA MATA, J. V. T. Comentários. In: ARISTÓTELES. *Da Interpretação*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, 65-181.

DANCY, R. M. *Sense and contradiction: a study in Aristotle*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1975.

DE BOER, K. Hegel's Account of Contradiction in the Science of Logic Reconsidered. *Journal of the History of Philosophy*, v. 48, n. 3, 2010A, p. 345-374.

DE FREITAS, L. G. O. *F. A. Trendelenburg – A questão lógica no sistema de Hegel: dois panfletos*. São Paulo: Loyola, 2018.

DE LAURENTIIS, A. (Ed.). *Hegel and Metaphysics: On Logic and Ontology in the System*. Berlin: De Gruyter, 2016.

DI GIOVANNI, G. Introduction. In: HEGEL, G. W. F. *The Science of Logic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. xi-lxii.

DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2020.

DUDLEY, W. *Idealismo alemão*. Tradução de Jacques A. Wainberg. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: Key Concepts*. New York: Routledge, 2014.

DUDLEY, W. *Understanding German Idealism*. Stocksfield: Acumen, 2008.

DÜSING, K. *Das Problem der Subjektivität in Hegels Logik: systematische und entwicklungsgeschichtliche Untersuchungen zum Prinzip des Idealismus und zur Dialektik*. Bonn: Bouvier, 1976.

EMUNDTS, D. *Hegel on contradictions*. YouTube: Leuven Research Group in Classical German Philosophy. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=77LHQRaosgc>>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

- FERRARIN, A. *Hegel and Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FERRER, D. F.; ORSINI, F.; BORDIGNON, M.; BAVARESCO, A.; IBER, C. G. (Orgs.). *A Autobiografia do Pensamento: a Ciência da Lógica de Hegel*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020.
- FERRER, D. F. Hegel e a transformação da metafísica em lógica. In: HELFER, I. (Org.). *Lógica e metafísica em Hegel*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019, p. 15-33.
- FERRER, D. F. *A Gênese do Significado: introdução ao pensamento de Hegel*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2016.
- FERRER, D. F. *Lógica e Realidade em Hegel: A Ciência da Lógica e o problema da fundamentação do sistema*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2006.
- FICARA, E. *The Form of Truth: Hegel's Philosophical Logic*. Berlin: De Gruyter, 2021.
- FICARA, E. Contrariety and Contradiction: Hegel and the 'Berliner Aristotelismus'. *Hegel-Studien*, v. 49, 2015, p. 39-56.
- FICARA, E. (Ed.). *Contradictions: Logic, History, Actuality*. Berlin: De Gruyter, 2014.
- FORSTER, M. O método dialético de Hegel. In: BEISER, F. C. (Ed.). *Hegel*. Tradução de Guilherme Rodrigues Neto. São Paulo: Ideias & Letras, 2014, p. 155-199.
- FORSTER, M. Hegel's dialectical method. In: BEISER, F.C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 130-170.
- GLOCKNER, H. *Hegel-Lexikon*. Stuttgart: F. Fromman, 1957.
- GOMES, E. L.; D'OTTAVIANO, I. M. L. *Para além das Colunas de Hércules: uma história da paraconsistência – De Heráclito a Newton da Costa*. Campinas: Editora Unicamp, 2017.
- GONÇALVES, M. C. F. (Org.). *O pensamento puro ainda vive: 200 anos da Ciência da Lógica de Hegel*. São Paulo: Barcarolla, 2014.
- GUYER, P. *Kant and the Claims of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HEIDEMANN, D. Entendimento: juízos, categorias, esquemas e princípios. In: DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 67-88.
- HEIDEMANN, D. Understanding: judgements, categories, schemata, principles. In: DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: Key Concepts*. New York: Routledge, 2014, p. 45-62.
- HEINRICH, D. *Hegel im Kontext*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.

- HELPER, I. (Org.). *Lógica e metafísica em Hegel*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019.
- HORSTMANN, R. P. La contradicción en Hegel. *Revista Latinoamericana de Filosofía*, v. 35, n. 2, 2009, p. 189-206.
- HORSTMANN, R. P. What is Hegel's Legacy and What Should We Do With It? *European Journal of Philosophy*, v. 7, n. 2, 1999, p. 275-287.
- HÖSLE, V. *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Tradução de Antônio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Loyola, 2007.
- HÖSLE, V. *Hegels System: Der Idealismus der Subjektivität und das Problem der Intersubjektivität*. Hamburg: Meiner, 1987.
- HOULGATE, S. Essence, Reflexion, and Immediacy in Hegel's Science of Logic. In: HOULGATE, S.; BAUR, M. (Eds.). *A Companion to Hegel*. Oxford: Blackwell, 2011, p. 139-158.
- HOULGATE, S.; BAUR, M. (Eds.). *A Companion to Hegel*. Oxford: Blackwell, 2011.
- HOULGATE, S. *The opening of Hegel's logic: from being to infinity*. West Lafayette: Purdue University Press, 2006.
- IBER, C. G.; ORSINI, F. Apresentação. In: HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 3. A Doutrina do Conceito*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2018, p. 7-23.
- IBER, C. G. Apresentação. In: HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 1. A Doutrina do Ser*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2016, p. 7-18.
- IBER, C. G. O desenvolvimento da essência como reflexão e a lógica das determinações de reflexão – Parte II. *Ipseitas*, v. 1, n. 2, 2015B, p. 50-65.
- IBER, C. G. O desenvolvimento da essência como reflexão e a lógica das determinações de reflexão – Parte I. *Ipseitas*, v. 1, n. 1, 2015A, p. 60-68.
- ILLETTERATI, L. Contradictio regula falsi? Intorno alla teoria hegeliana della contraddizione. In: PUPPO, F. *La contraddizione che nol consente: Forme del sapere e valore del principio di non contraddizione*. F. Angeli, Milano 2010, p. 85-114.
- ILLETTERATI, L. Limit and Contradiction in Hegel. In: FICARA, E. (Ed.). *Contradictions: Logic, History, Actuality*. Berlin: De Gruyter, 2014, p. 127-152.
- INWOOD, M. 'A Perfect Contradiction is Mysterious for the Clever and for Fools Alike': Did Hegel Contradict Aristotle? *Hegel Bulletin*, v. 41, n. 1, 2020, p. 1-18.
- INWOOD, M. *Dicionário Hegel*. Tradução de Álvaro Cabral e Karla de Almeida Chediak. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

INWOOD, M. *A Hegel Dictionary*. Oxford: Blackwell, 1992.

JAESCHKE, W. *Hegel-Handbuch*. 3ª ed. Stuttgart: J. B. Metzler, 2016.

JAESCHKE, W. O sistema da razão pura. Tradução de Márcia Zebina e Christian Klotz. In: GONÇALVES, M. C. F. (Org.). *O pensamento puro ainda vive: 200 anos da Ciência da Lógica de Hegel*. São Paulo: Barcarolla, 2014, p. 35-59.

JAESCHKE, W. *Hegel-Handbuch*. 2ª ed. Stuttgart: J. B. Metzler, 2010.

JAESCHKE, W. *Hegel-Handbuch*. Stuttgart: J. B. Metzler, 2003.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Fernando Costa Mattos. 4ª ed. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2012.

KANT, I. *Manual dos cursos de Lógica Geral*. Tradução de Fausto Castilho. 3ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

KANT, I. Ensaio para introduzir a noção de grandezas negativas em filosofia. In: KANT, I. *Escritos Pré-Críticos*. Tradução de Jair Barboza, Joãozinho Beckenkamp, Luciano Codato, Paulo Licht dos Santos e Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 51-99.

KANT, I. *Escritos Pré-Críticos*. Tradução de Jair Barboza, Joãozinho Beckenkamp, Luciano Codato, Paulo Licht dos Santos e Vinicius de Figueiredo. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Kants Gesammelte Schriften 3. Berlin: Georg Reimer, 1911.

KANT, I. *Versuch den Begriff der negativen Größen in die Weltweisheit einzuführen*. In: *Vorkritische Schriften II (1757-1777)*. Kants Gesammelte Schriften 2. Berlin: Georg Reimer, 1912, p. 164-204.

KNEALE, W. C.; KNEALE, M. *O desenvolvimento da lógica*. Tradução de M. S. de Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

KNEALE, W. C.; KNEALE, M. *The Development of Logic*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

KULENKAMPPF, A. *Antinomie und Dialektik: Zur Funktion des Widerspruchs in der Philosophie*. Frankfurt am Main: J. B. Metzler, 1970.

LANDUCCI, S. *La contraddizione in Hegel*. Firenze: La Nuova Italia, 1978.

LONGUENESSE, B. *Hegel's Critique of Metaphysics*. Tradução de Nicole J. Simek. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

LONGUENESSE, B. *Hegel et la Critique de la Métaphysique*. Paris: J. Vrin, 1981.

MAGEE, G. A. (Ed.). *Hegel and Ancient Philosophy: A Re-Examination*. New York: Routledge, 2018.

MAGEE, G. A. *The Hegel Dictionary*. New York: Continuum, 2010.

MCDOWELL, J. *Mente e Mundo*. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

MCDOWELL, J. *Mind and World*. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

MCTAGGART, J. M. E. *A Commentary on Hegel's Logic*. Cambridge: Cambridge University Press, 1910.

MOSS, G. S. *Hegel's Foundation of Free Metaphysics: The Logic of Singularity*. New York: Routledge, 2020.

MÜLLER, M. L. A contradição dialética e a sua resolução no fundamento. In: HELFER, I. (Org.). *Lógica e metafísica em Hegel*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019, p. 123-149.

MÜLLER, M. L. A gênese lógica do conceito especulativo de liberdade. *Analytica*, v. 1, n. 1, 1993, p. 77-141.

NEUSTADT, R.; CUTROFELLO, A. Hegel e a filosofia analítica. In: BAUR, M. (Ed.). *G. W. F. Hegel: conceitos fundamentais*. Tradução de José Maria Gomes de Souza Neto. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 249-267.

NEUSTADT, R.; CUTROFELLO, A. Hegel and analytic philosophy. In: BAUR, M. (Ed.). *G. W. F. Hegel: Key Concepts*. New York: Routledge, 2015, p. 193-207.

NOVELLI, P. G. A. *O idealismo hegeliano e o materialismo marxiano: aproximações e distanciamentos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

ORSINI, F. Apresentação. In: HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica: 2. A Doutrina da Essência*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Editora Universitária São Francisco, 2017.

PATON, H. J. *Kant's Metaphysics of Experience*. London: George Allen and Unwin, 1936.

PINKARD, T. *Hegel: A Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

PIPPIN, R. B. *Hegel's Realm of Shadows: Logic as Metaphysics in The Science of Logic*. Chicago: The University of Chicago Press, 2019.

PIPPIN, R. B. Hegel's Logic of Essence. *Schelling-Studien*, v. 1, 2013, p. 73-97.

PIPPIN, R. B. Hegel's Metaphysics and the Problem of Contradiction. *Journal of the History of Philosophy*, v. 16, n. 3, 1978, p. 301-312.

PLUDER, V. The Limits of the Square: Hegel's Opposition to Diagrams in Its Historical Context. In: BÉZIAU, J. Y.; VANDOULAKIS, I. (Eds). *The Exoteric Square of Opposition*. Birkhäuser: Cham, 2022, p. 123-139.

- PÖGGELER, O. Das Hegelwerk Hermann Glockners. *Philosophische Rundschau*, v. 8, n. 1, 1960, p. 28-52.
- POPPER, K. R. What is Dialectic? *Mind*, v. 49, n. 196, 1940, p. 403-426.
- REDDING, P. *Analytic Philosophy and the Return of Hegelian Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- ROSS, N. Metafísica. In: BAUR, M. (Ed.). *G. W. F. Hegel: conceitos fundamentais*. Tradução de José Maria Gomes de Souza Neto. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 48-63
- ROSS, N. Metaphysics. In: BAUR, M. (Ed.). *G. W. F. Hegel: Key Concepts*. New York: Routledge, 2015, p. 31-43.
- SANGUINETTI, F.; ABATH, A. (Eds.). *McDowell and Hegel: Perceptual Experience, Thought and Action*. Cham: Springer, 2018.
- SILVA, G. R. A contradição no ser para si. In: BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. S. H. (Orgs.). *Ser para si: dialética entre idealidade e realidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. p. 71-87.
- SILVA, G. R. Ser e pensar: interseções entre lógica, metafísica, Fenomenologia do Espírito e Ciência da Lógica. In: DA ROSA, B. J.; COSTA, A. C. R. JUNG, J. H. S.; SOUZA, M. H. (Orgs.). *XXI Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, Vol. 3: Filosofia Moderna, Hegel, Marx, Filosofia Política*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021, p. 97-109.
- SILVA, G. R. Do finito ao (mau) infinito, e além: um estudo da contradição entre finitude e má infinitude e sua resolução como verdadeira infinitude na Ciência da Lógica de Hegel. In: BAVARESCO, A.; JUNG, J. H. S.; TAUCHEN, J. (Orgs.). *Ser e Ser aí – Finitude & Infinitude: Realidade e Idealidade*. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2021, p. 183-195.
- SILVA, G. R. “Reich des reinen Gedankens” e “Reich der Schatten”: lógica e metafísica na Introdução da Ciência da Lógica de Hegel. In: BAVARESCO, A.; TAUCHEN, J.; JUNG, J. H. S. (Orgs.). *Lógica do Ser de Hegel: Prefácios, Introdução e Início*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 127-145.
- SILVA, G. R.; NOVELLI, P. G. A. A contradição na lógica de Hegel. In: TASSINARI, R. P.; BAVARESCO, A.; MAGALHÃES, M. M. (Orgs.). *Hegel e a Contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 315-329.
- SINNERBRINK, R. *Hegelianismo*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2017.
- SINNERBRINK, R. *Understanding Hegelianism*. Stocksfield: Acumen, 2014.
- STEKELER-WEITHOFER, P. *Hegels analytische Philosophie: Die Wissenschaft der Logik als kritische Theorie der Bedeutung*. Paderborn: Ferdinand Schöningh, 1992.

TASSINARI, R. P.; BAVARESCO, A.; MAGALHÃES, M. M. (Orgs.). *Hegel e a Contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020.

TAYLOR, C. M. *Hegel: sistema, método e estrutura*. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: É Realizações, 2014.

TAYLOR, C. M. *Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

TRENDELENBURG, F. A. *Die logische Frage in Hegels System*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1843.

TRENDELENBURG, F. A. *Logische Untersuchungen*. Berlin: Bethge, 1840.

VEGA REÑÓN, L. *Una guía de historia de la lógica*. Madrid: UNED, 1996.

VIEILLARD-BARON, J. L. Le devenir logique: négativité et contradiction. In: CESA, C. (Ed.). *Hegel: Scienza della logica*. Pisa: ETS, 2013, p. 49-68.

VIEWEG, K. *Hegel: Der Philosoph der Freiheit*. München: C. H. Beck, 2019.

WARTENBERG, T. O idealismo de Hegel: a lógica da conceitualidade. In: BEISER, F. C. (Ed.). *Hegel*. Trad. Guilherme Rodrigues Neto. São Paulo: Ideias & Letras, 2014, p. 123-154.

WARTENBERG, T. Hegel's idealism: The logic of conceptuality. In: BEISER, F.C. (Ed.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 102-129.

WINFIELD, R. D. On Contradiction: Hegel versus Aristotle, Sextus Empiricus, and Kant. In: MAGEE, G. A. (Ed.). *Hegel and Ancient Philosophy: A Re-Examination*. New York: Routledge, 2018, p. 147-160.

WOLFF, F. Das categorias de Aristóteles à categorialidade. In: ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p. 11-26.

WOLFF, M. *Der Begriff des Widerspruchs: Eine Studie zur Dialektik Kants und Hegels*. Meisenheim: Hain, 1981.

ZÖLLER, G. Crítica: conhecimento e metafísica. In: DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: conceitos fundamentais*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 27-45.

ZÖLLER, G. Critique: knowledge, metaphysics. In: DUDLEY, W.; ENGELHARD, K. (Eds.). *Immanuel Kant: Key Concepts*. New York: Routledge, 2014, p. 13-27.